



PROF HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

LUCIANO FÁBIO DANTAS CAPISTRANO

Os Envelopes de CLIO:
a elaboração de fontes para o ensino de História Local na escola básica

NATAL/RN
2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA

Os Envelopes de CLIO:
a elaboração de fontes para o ensino de História Local na escola básica

LUCIANO FÁBIO DANTAS CAPISTRANO

NATAL/RN
2021

LUCIANO FÁBIO DANTAS CAPISTRANO

Os Envelopes de CLIO:

a elaboração de fontes para o ensino de História Local na escola básica

Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ensino de História pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Ensino de História, sob a orientação do Prof. Dr. Raimundo Nonato Araújo da Rocha.

NATAL/RN
2021

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes -
CCHLA

Capistrano, Luciano Fabio Dantas.

Os envelopes de CLIO: a elaboração de fontes para o ensino de história local na escola básica / Luciano Fabio Dantas Capistrano. - 2022.

128f.: il.

Dissertação (mestrado) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-graduação em Ensino de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2022.

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato Araújo da Rocha.

1. Patrimônio Cultural - Dissertação. 2. História Local - Dissertação. 3. Fontes Históricas - Dissertação. I. Rocha, Raimundo Nonato Araújo da. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 94:373.3

LUCIANO FÁBIO DANTAS CAPISTRANO

Os Envelopes de CLIO:
a elaboração de fontes para o ensino de História Local na escola básica

Aprovada, em 17 / janeiro / 2022

Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ensino de História pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Ensino de História.

Dissertação apresentada à Banca Examinadora:

Prof. Dr. Raimundo Nonato Araújo da Rocha (Orientador / UFRN)

Prof. Dr Iranilson Buriti de Oliveira (UFCG / Externo)

Prof. Dr Magno Francisco de Jesus Santos (UFRN/ Interno)

Prof. Dr Roberto Airon da Silva (Suplente)

Em memória da(o)s que partiram vitimada(o)s pela Covid, entre a(o)s quais destaco:
Leandro Rodrigo, meu afilhado;
Professora Maria Eugênia, minha amiga das Xanana;
Francisca Baracho, minha amiga da Escola Estadual Myriam Coeli;
Marcos Nascimento, meu amigo do Parque da Cidade Dom Nivaldo Monte.
À Japé, meu amigo das jornadas comunitárias do Conjunto Santa Catarina.

A COVID deixou:
A saudade doída dos que partiram;
O vazio na alma de filhos, mães e pais...
Muitas famílias de braços vazios!

Nunca perdi tanta gente querida por causa de uma doença!

Minha homenagem e minha solidariedade às famílias de braços vazios, vítimas da Covid!

AGRADECIMENTO

Agradecimento não é uma das partes fáceis de fazer, sempre corremos o risco de por esquecimento não fazer referências a alguns tão importantes nessa jornada de Clio. Entretanto, mesmo correndo o risco de não contemplar todos aqueles que contribuíram para este trabalho, eu agradeço:

Especialmente a Deus, conselheiro em dias de chuva e em dias de sol.

A minha esposa Beth, a nega do sorriso mais lindo que conheço. Nega, agradeço a você por sempre apoiar meus projetos, por ser a responsável por tudo aquilo que tenho de melhor e por construir comigo a nossa família, os nossos “Joãos”.

A família que cresceu com a chegada de Flor, minha primeira neta, te desejo vida, florzinha, teu nascimento fortaleceu nossas vidas, diante destes tempos pandêmicos foi fundamental para sobrevivermos com esperança diante do caos. João Ricardo, João Guilherme, Flor e Cecilia, vocês são pilares a me manter de pé.

A Papai, mamãe, meu irmão, minha irmã, sobrinhos, sobrinhas, tios e tias, cunhados e cunhadas, sogra e sogro, enfim, família, apenas agradeço a existência de vocês. Sempre caminharemos um ao lado do outro, até o fim, e para além do fim.

A turma do Profhistória de 2019, serei sempre grato a vocês, tão generosos, tão fraternos.

Aos professores minha eterna gratidão.

Ao professor Raimundo Nonato Araújo da Rocha, meu orientador, muito obrigado.

À Comunidade escolar Myriam Coeli, minha gratidão!!!

Entre dores
Uma flor
Ente dores
(Luciano Capistrano)

RESUMO

Os currículos de História na escola básica têm historicamente secundarizado o papel da história local. Por vezes trabalhada como elemento pitoresco, por vezes nem mencionada, a história local tem sido um dos pontos mais frágeis na disciplina História no ensino básico. O objetivo deste trabalho é contribuir com uma proposta de trabalho que evidencie como é possível se trabalhar a história local em sala de aula e, ao mesmo tempo, apresentar caminhos metodológicos para a criação, na escola, de um repositório de fontes sobre a história local, dando início a um trabalho de criação de um arquivo escolar com essas fontes. O trabalho está dividido em três partes: na primeira delas é apresentada uma trajetória de vida do autor, na qual é explicitado como foram estabelecidos seus vínculos com a história local. Na segunda parte são apresentados os grandes espaços do trabalho: a Escola Estadual Myriam Coeli e o bairro Lagoa Azul. Na terceira parte estão traçadas as diretrizes que orientaram a elaboração do material didático produzido sobre a história local, cumprindo, assim, o requisito do ProfHistória para a conclusão do curso. Após as considerações finais, será apresentado um Apêndice contendo o material didático, que é o produto da dissertação. Trata-se, nesse caso, de “Os envelopes da Clio”, que consistem em uma caixa contendo quatro envelopes, cada um deles organizados em torno de uma temática relacionada com a história local. A partir de cada uma das temáticas, é proposta uma oficina e uma série de atividades a serem desenvolvidas pelo professor com os seus alunos. Os envelopes foram organizados para serem aplicados com professores.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural; História Local; Cidade; Fontes Históricas.

ABSTRACT

History curriculums in elementary schools have historically treated the role of local history as less important. Often worked as a picturesque element, other times not even mentioned, the local history has been one of the weakest points of the History discipline in basic education. The purpose of this study is to contribute proposing an approach that shows how it is possible to work with local history in the classroom and, at the same time, present methodological paths for the creation, in the school, of a source repository on local history, starting a work of creating a school archive with these sources. The work is divided into three parts: the first part presents the author's life trajectory, which explains how his links with local history were established. In the second part, the great work spaces are presented: the State School Myriam Coeli and the Lagoa Azul neighborhood. In the third part, the guidelines that guide the elaboration of a didactic material produced on local history are outlined, therefore, fulfilling the requirement of ProfHistória for completing the course. After the final considerations, an Appendix will be presented containing the didactic material, which is the product of the dissertation. It is, in this case, “Os envelopes da Clio”, which consist of a box containing four envelopes, each one organized around a theme related to local history. Based on the theme, a workshop and a series of activities are proposed to be developed by the teachers with their students. The envelopes were organized to be applied with teachers.

Keywords: Cultural Heritage; Local History; City; Historical Sources.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Antiga sede do Cata-Livros	27
Figura 2 – Cartilhas publicadas pela SEMURB	36
Figura 3 – A imagem se refere a execução dos circuitos históricos	37
Figura 4 – Livros publicados a partir do projeto Memória Minha Comunidade	41
Figura 5 – Retrato de Myriam Coeli por Edson Moura	44
Figura 6 – Meu Olhar Sobre a Escola Myriam Coeli	46
Figura 7 – Senhor Aduino, um dos agricultores de Gramorezinho	50
Figura 8 – Ponte de ferro de Igapó inaugurada em 1916	52
Figura 9 – Pescador joga a rede na Lagoa Azul	53
Figura 10 – Conjunto Gramoré /1983	55
Figura 11 – Aspecto do 7 de setembro de 2015, avenida da Chegança, conj. Nova Natal...	58
Figura 12 – Desfile 7 de setembro em 2016, avenida da Chegança, conj. Nova Natal	59
Figura 13 – Desfile do 7 de setembro de 2015, avenida da Chegança, conj. Nova Natal	60
Figura 14 – Imagem de uma loja situada na avenida da Chegança	61

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – HISTÓRIA LOCAL, ESPAÇOS E ESCRITAS: UMA IMERSÃO NO UNIVERSO DE CLIO	20
1.1 UMA TRAJETÓRIA DE LUTAS: DAS MINHAS ESCOLHAS PELO CURSO DE HISTÓRIA E PELO MAGISTÉRIO ÀS MINHAS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS	22
1.2 NOVAS EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS: A SEMURB E O EXERCÍCIO DO MAGISTÉRIO NA REDE ESTADUAL DE ENSINO	34
CAPÍTULO 2 – A ESCOLA NO BAIRRO E O BAIRRO NA ESCOLA	43
1.2 A ESCOLA MYRIAM COELI	43
1.3 O BAIRRO LAGOA AZUL	49
CAPÍTULO 3 – OS ENVELOPES DE CLIO: A ELABORAÇÃO DE FONTES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL NA ESCOLA BÁSICA	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS	73
APÊNDICE	77

INTRODUÇÃO

O Artigo 15 do Regimento do ProfHistória determina que a dissertação no âmbito deste Programa deve, por um lado, demonstrar o aprendizado obtido pelo mestrando ao longo da sua formação e, por outro, suscitar um conhecimento que possa ser difundido, analisado e usado por outros professores de História em diferentes espaços.

Com base nesse Artigo do Regimento, escrevi este trabalho procurando atender aos dois elementos apresentados como obrigatórios no ProfHistória. Assim, inicialmente, procurei analisar neste trabalho os diversos espaços de formação que me tornaram um professor de História, o que inclui: minha graduação, os cursos que realizei na condição de docente, os aprendizados que obtive na minha ação cotidiana na sala de aula, os aprendizados conquistados na troca de experiências com outros professores, os aprendizados partilhados com as comunidades que me receberam como professor em suas escolas, as aulas que recebi durante o ProfHistória.

Um aspecto que gostaria de ressaltar é que este trabalho – ainda seguindo as diretrizes regimentais do ProfHistória – está ancorado em quatro expectativas: apresentar os debates mais recentes sobre a História local – tema central do meu trabalho –, abordando a minha inserção nessa temática; discutir a relação entre o espaço que é o objeto do meu trabalho e as possibilidades de intervenção do ensino de História; posicionar-me criticamente diante do conhecimento que vem sendo consolidado no âmbito do ensino de História e, finalmente, apresentar um produto que possa ser útil para a minha ação docente e para a ação de outros profissionais da área de História.

A minha opção pela história local como objeto de trabalho se fortaleceu durante as aulas do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória). Nessas aulas aconteceu o meu reencontro com a universidade, o que me fez refletir sobre a ação docente na escola básica. Foi uma oportunidade ímpar para observar com mais vagar como os professores dos ensinos fundamental e médio, muitas vezes, ficam perdidos numa prática sem reflexão, ficam presos no labirinto do cotidiano escolar e desnorteados na prática docente, em razão dos afazeres pedagógicos/burocráticos.

Foi nessas aulas que comecei a pensar como o ensino de História poderia ser efetivamente importante para a vida dos meus alunos da Escola Estadual Myriam Coeli, instituição situada no Conjunto Habitacional Nova Natal, situado no bairro de Lagoa Azul, na

periferia da cidade. Eu me indagava se não poderia fazer uma ação na disciplina História que pudesse efetivamente fazer os alunos refletirem sobre o lugar onde eles viviam.

O Conjunto Habitacional Nova Natal foi edificado pela Companhia de Habitação Popular do Rio Grande do Norte (COHAB-RN) com recursos oriundos do Banco Nacional de Habitação. A primeira etapa do Conjunto foi entregue em março de 1983 e beneficiou, inicialmente, mais de cinco mil pessoas. Ao construir o Conjunto, a COHAB almejava atingir uma população de baixa renda que não tinha moradia. Foram construídos quatro tipos de imóveis: os embriões (vão único com banheiro), casas de um quarto, de dois quartos e de três quartos (todas as casas com quartos eram conjugadas).

Quando o Conjunto foi construído, praticamente não havia habitações na região. Gradativamente, foram sendo construídos outros conjuntos e muitas áreas circunvizinhas foram ocupadas por famílias que decidiram construir suas casas. Essa região de invasão ainda é conflituosa, pois muitas dessas posses nunca foram devidamente legalizadas. Além disso, a falta de planejamento urbano nessa expansão trouxe uma série de problemas sociais para a região. O crescimento das construções favoreceu a transformação da região em bairro: o bairro Lagoa Azul. Nesses termos, esse bairro possui vários conjuntos habitacionais, várias regiões de posse. Tanto o Conjunto Nova Natal como o Bairro Lagoa Azul são espaços que se caracterizam pela ausência efetiva do poder público. Neles, existem problemas de transporte coletivo, não existe saneamento básico, falta água continuamente, a violência é banalizada. Esses problemas, em geral, são vistos pela população dos bairros de classe média da cidade de Natal como razão para um olhar preconceituoso sobre todo o Lagoa Azul, que é percebido como um espaço da miséria, do perigo, das ameaças.

A escola Myriam Coeli está situada no Conjunto Nova Natal, mas recebe alunos de todo o Bairro Lagoa Azul. Os problemas sociais existentes no bairro estão refletidos na ação pedagógica da escola. Entretanto, pouco se estuda sobre essas questões. No ensino médio, particularmente, nível de ensino em que atuo, praticamente não se estuda a riqueza existente sobre a história local.

Ao refletir sobre as possibilidades de um trabalho com a história local, indaguei: onde eu poderia encontrar fontes sobre a história local? Essa questão, de alguma maneira, foi o combustível que me animou a realizar leituras e escritas sobre o local e a procurar fontes acerca do tema. Comecei a pensar como poderia estudar com os alunos do Nova Natal problemas relacionados ao cotidiano, como o preconceito de que eles são vítimas em razão de morarem nesse bairro. Imaginei a possibilidade de estudar a imagem do Nova Natal (periferia, violência, pobreza, miséria), confrontando-a com a imagem de outros bairros centrais da

cidade, como o Tirol, no imaginário comum das pessoas um bairro sem miséria, seguro e de riquezas, sabemos que não é assim. Os espaços são formados por conjuntos sociais diversos, claro, em lugares periféricos a falta de infraestrutura contribui para o abandono e aumento dos problemas socioeconômicos apresentando diferenças entre o centro e a periferia da urbe. Imaginei nessa comparação, trabalhar a construção dos conceitos de barbárie (atraso) e civilização (desenvolvimento, progresso).

Foi interessante perceber, a partir das reflexões, que da mesma forma que uma parte da cidade tem preconceito com o Nova Natal, os moradores do bairro também têm preconceitos com as pessoas que moram em terrenos ocupados ilegalmente nos arredores do bairro. Nesse sentido, eu lembro de alunos meus se referindo as comunidades do entorno da escola Myriam Coeli com um tom fortemente preconceituoso: “professor, fulano de tal não é do Nova Natal, ele mora nas posses, estuda aqui na escola, mas precisamos ter cuidado com ele”.

A percepção dos preconceitos muito me instigou a procurar trabalhar na disciplina História aspectos que levassem a estabelecer uma relação identitária com o lugar em que eles viviam e a lançar outros olhares sobre outros lugares. Aos poucos, fui percebendo que seria necessário realizar uma ação para que os alunos se reconhecessem no bairro e esse reconhecimento possibilitasse a percepção de novos olhares para os problemas que o cercam e de caminhos para mudança.

Ao buscar referências que me ajudassem a trabalhar com a história do bairro, conheci a produção de Rocha¹ sobre a história local e tomei essa diretriz como eixo para as minhas discussões. Esse autor demonstrou que, historicamente, o local (região, estado, municípios, bairros) foi estudado sem estabelecer relações com outros espaços. Esse localismo selecionava fatos e personagens sem levar em consideração a relação dos fatos locais com esferas mais amplas. Segundo esse autor, o estudo do local, contemporaneamente, é uma forma de desnaturalizar o espaço. Nesse sentido, quando se estuda o local, não se busca a essência do indivíduo, mas as multiplicidades identitárias que emergem daquele espaço. Assim, o que se estuda é a diversidade de problemas e de recortes que permitem compreender as identidades que se cruzam historicamente.

¹ ROCHA, Raimundo Nonato Araújo da. Elaborando materiais didáticos: reflexões sobre conteúdos e fontes. In: VIANA, Hélder Nascimento; ROCHA, Raimundo Nonato Araújo da; ARRAIS, Raimundo Pereira Alencar. **Cidade e diversidade: itinerários para a produção de materiais didáticos em História**. Natal: EDUFRRN, 2012.

A partir do trabalho de Rocha², eu compreendi e procurei adotar neste trabalho que a partir das identidades locais é possível interiorizar noções importantes para o aluno, tais como cidadania, direitos e respeito à diversidade. Ao se reconhecer e estabelecer relações de identidade e de alteridade com o seu espaço e com outros espaços, o aluno encontrará caminhos para se situar na sociedade e buscar alternativas que levem a modificações na realidade. Nessa perspectiva, busco neste trabalho o passado de um determinado espaço como um campo de conflitos, expresso na diversidade de interesses que se cruzam. Assim, ao estudar o Nova Natal ou o Lagoa Azul a partir de problemas próprios do mundo contemporâneo, almejo construir um conteúdo histórico capaz de fazer com que o aluno enxergue melhor o lugar que ele vive e estabeleça relações com outros lugares.

Ao perceber o local com essa dimensão, passei a considerar essencial o papel que a disciplina História tem para que os alunos percebam a necessidade de intervenção nos espaços. Nessa perspectiva, este trabalho parte do pressuposto de que o espaço, nas suas diversas esferas, é fruto de relações sociais, culturais, econômicas e políticas. Assim sendo, procuro estudar o Nova Natal e o Lagoa Azul desnaturalizando os espaços e procurando caminhos para que os alunos percebam essas construções.

Por essa lógica, assumo, neste trabalho, uma posição crítica em relação ao ensino de História que se organiza para desenvolver sentimento patrióticos e coletivistas. Assim, considero, apoiado em Circe Bittencourt, que, contemporaneamente, a história precisa ser entendida buscando compromissos para a formação de múltiplas identidades (locais, de gênero, étnicas, sexuais etc.). Por meio da disciplina História, o aluno pode ser levado a refletir sobre os acontecimentos, localizá-los em diferentes dimensões temporais (imediate, conjuntural e estrutural) e buscar alternativas para alcançar um futuro melhor. Foi considerando esse conjunto de aspectos que formulei, como produto para este trabalho, a elaboração dos *Envelopes de Clio*.³

O que apresento como proposta é a construção de uma caixa⁴ contendo quatro envelopes. Em cada envelope, está organizada uma oficina que trabalhará com uma temática

² ROCHA, Raimundo Nonato Araújo da. Elaborando materiais didáticos: reflexões sobre conteúdos e fontes. In: VIANA, Hélder Nascimento; ROCHA, Raimundo Nonato Araújo da; ARRAIS, Raimundo Pereira Alencar. **Cidade e diversidade: itinerários para a produção de materiais didáticos em História**. Natal: EDUFRRN, 2012.

³ Foram inspiradas em Bittencourt as ideias sobre a necessidade dos trabalhos com as múltiplas identidades, o que justifica a presença no currículo dos elementos da história local. Sobre os currículos contemporâneos e a inserção das temáticas locais ver: BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2018. p. 79-118.

⁴ Se o produto fosse entregue fisicamente, seria uma caixa de papel cartonado com dimensões de 35x25x10 cm. Nessa caixa, estariam contidos os quatro Envelopes referentes a cada uma das ações. Como estou entregando o material virtualmente, apresentarei apenas os conteúdos dos envelopes.

específica. Cada Oficina contém justificativas e procedimentos que orientarão o professor a desenvolver uma ação com os seus alunos. As atividades foram elaboradas levando em consideração o meu exercício com alunos do ensino médio da Escola Estadual Myriam Coeli. Esses envelopes serão apresentados como apêndice deste trabalho. A minha ideia é apresentar os três capítulos, norteando a concepção geral que orienta a minha ação e, no final, demonstrar como essa ação poderá ser executada em uma escola concreta.

Meu interesse por trabalhar com a história local a partir de fontes existentes no Bairro Lagoa Azul e no Conjunto Nova Natal possui uma relação direta com o trabalho que desenvolvo como historiador na Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo da cidade de Natal (SEMURB). Essa Secretaria é responsável por planejar as políticas públicas de urbanismo e meio ambiente para a cidade de Natal, possuindo, em seus quadros, de um historiador. Fui aprovado para esse cargo e passei a atuar como historiador da cidade, o que ampliou a minha visão sobre Natal. Na SEMURB, eu passei a atuar como historiador em uma equipe interdisciplinar composta também por arquitetos e geógrafos. Esse trabalho demonstrou o imenso potencial da cidade para os estudos históricos. Como eu também atuava como professor, passei a aliar a minha atividade de historiador da cidade com a prática desenvolvida na escola básica. Portanto, minha ação como docente passou a incorporar as ações que visavam compreender as mudanças e permanências na cidade.

Apesar de reconhecer como essencial para minha atuação como professor de História o trabalho que desenvolvo na SEMURB como historiador, o meu encantamento pela história vem desde a minha infância, quando seguia o meu pai na paixão pelos livros e no Forte dos Reis Magos, onde ele atuava como funcionário da Fundação José Augusto. Nos livros e no Forte, meu pai me despertou para a maravilha de ser historiador.

Se as ações na SEMURB e a influência do meu pai foram importantes para minhas ações práticas, do ponto de vista teórico, as contribuições de Paulo Freire merecem ser enfatizadas. Foi a perspectiva freireana que me fez perceber que o crescimento do aluno se torna evidente a partir do momento em que ele consegue dialogar com o mundo. Nesse sentido, ensinar não pode ficar restrito aos aprendizados dentro da sala de aula. É necessário conhecer a escola, a comunidade que está em torno dela e o mundo que abriga essa comunidade. Por essa lógica, cabe ao professor ultrapassar os limites dos muros da escola, possibilitando a ampliação dos horizontes dos alunos. Na perspectiva freireana, não é possível formar profissionais das diversas áreas sem uma conversão deles próprios como sujeitos

históricos, políticos, sociais e culturais⁵. Por essa lógica, este trabalho almeja que os alunos da Escola Estadual Myriam Coeli encontrem, nas investigações sobre a comunidade e o bairro em que vivem, o autoconhecimento e o conhecimento dos espaços que lhe cercam para que assim possam estabelecer analogias com outros espaços mais amplos.

Para a elaboração deste trabalho, foram fundamentais os diálogos mantidos com os colegas professores formalmente nos encontros pedagógicos e informalmente na “hora do cafezinho” e nos corredores da escola. Ênfase especialmente os contatos professora Alessandra Andrade da Rocha, com os Professores Romulo Angélico e Marcos Cavalcante⁶, foram de muito significado neste meu percurso dissertativo. Inclusive a Professora Alessandra Andrade, Mestra em Ensino de História, egressa do Profhistória/UFRN da turma de 2018, tenho na sua dissertação, “Memes históricos: uma ferramenta didática nas aulas de história”, uma leitura importante para melhor compreensão do ambiente da escola Myriam Coeli, nosso lugar de ofício do magistério.

Nesses anos de experiência na docência, compreendi a importância de apresentar os conteúdos como algo significativo na formação do cidadão, autônomo e crítico. Nesse sentido, gostaria de explicitar que o objetivo central deste trabalho é propor para o ensino de história ferramentas que conduzam a formação de um cidadão.

Considero que o trabalho que proponho – *Os Envelope de CLIO* – se constitui em uma excelente ferramenta para formar o cidadão na medida em que possibilita que o aluno, por meio do ensino de História, a partir do estudo da história local, construa relações identitárias com o bairro em que vive, tornando-se assim um sujeito capaz de se reconhecer e identificar pautas importantes para defender, como cidadão, melhorias contínuas para o seu lugar de vivência e a sociedade como um todo.

O que proponho como produto deste trabalho é a construção de caixa contendo quatro envelopes que possibilitem o estudo da História Local na escola básica. Cada envelope é organizado em torno de uma temática. Para cada temática existe uma oficina que será ministrada nas aulas de História, mas com diálogos com múltiplos campos de saberes. As quatro temáticas trabalhadas serão as seguintes: Cartografia, Fotografia, História Oral e Patrimônio Cultural.

⁵ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2008. p. 134

⁶ Professores de História da Escola Estadual Myriam Coeli, lugar onde leciono.

A minha opção pela história local está pautada tanto pelas minhas experiências com esse tema em sala de aula quanto nas atividades que desenvolvi como historiador da Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo de Natal. Importante destacar que a minha opção pela história local exige que eu esclareça o que compreendo por esse conceito. Nesse sentido, concebo que a história local não é algo que existe para admirar e valorizar a pequena pátria (o bairro, por exemplo) – no estilo “eu me ufano da minha terra” e se distancia da ideia de uma “história única”. Na concepção que norteia este trabalho, a história local é a “costura” de um retalho dos processos de identificação do sujeito⁷. Nesse sentido, trabalharei com a história local na perspectiva de compreender a formação das identidades, a construção da memória e a apropriação do patrimônio cultural local pela população. Assim, o local será percebido como um ponto de partida para as ações da relação ensino/aprendizagem vivenciada na escola.

As fontes locais são os instrumentos de uso em sala de aula para o melhor envolvimento dos estudantes no processo de ensino, nesse sentido, me filio ao pensamento da professora Verena Alberti: oferecer uma variedade de fontes favorece a autonomia dos alunos e das alunas e legitima sua produção autoral⁸. Nosso estudo busca fazer da temática da história local o fator de encantamento dos momentos de sala de aula. Compreender o seu lugar na espacialidade e temporalidade é dá ao estudante a autonomia do aprender fazendo. A urbe é o grande celeiro para alcançar os objetivos do ensino de história.

A cidade tem sua organização socioespacial formada ao longo do tempo, forjada nas ondas de continuidades e rupturas. O estudo da história local aproxima o habitante da cidade do olhar crítico sobre seu lugar. Oportuniza um olhar da diversidade inerente aos diálogos interdisciplinar. A geografia, a sociologia, são campos de saberes fundamentais na perspectiva do ensino de história local.

O trabalho que proponho segue as diretrizes propostas pelo grupo de professores da UERJ, que propuseram a Caixa de História. Conheci o projeto Caixa da História nas aulas do Profhistória e em diálogos com o professor Raimundo Nonato Araújo da Rocha. Foi com base na Caixa de História que organizei “Os Envelopes de CLIO”. Nosso intuito é o de oferecer aos professores da rede básica de ensino um material facilitador do desenvolvimento do ensino

⁷ REZNIK, Luís. **História local: pesquisa, ensino e narrativa**. Disponível em: http://www.institutocidadeviva.org.br/historiasdomedioparaiba/cms/wp-content/uploads/2008/11/historia_local_reznik.pdf. Acesso em 20/10/2021.

⁸ ALBERTI, Verena. Fontes In: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (org.). **Dicionário de ensino de história**. Rio de Janeiro: FGV, 2019. p. 112.

da história local na sala de aula. Conhecer o bairro onde a escola está inserida através da produção de fontes históricas a partir das séries de oficinas que o compõe.

No que se refere à estrutura, o trabalho está dividido em três capítulos e um apêndice, que consiste em um produto didático organizado para ser trabalhado na Escola Estadual Miriam Coeli, mas com potencial de utilização em outras situações na escola básica. O primeiro capítulo – *História local, espaços e escritas: uma imersão no universo de Clio* – discute como me aproximei da História, a minha formação profissional, as atividades que desenvolvi, como cheguei à história local. Abordo como o local pode ser objeto de investigação no ensino de História, demonstrando as relações que esse objeto possui com a minha trajetória de vida.

No segundo capítulo – *Lagoa Azul: a escola no bairro, o bairro na escola* – discutirei brevemente os espaços da investigação: a Escola Estadual Myriam Coeli e o bairro Lagoa Azul. A meta é demonstrar ao leitor as principais características da escola e do bairro que serão trabalhados na proposta que apresento para o estudo da história local.

No terceiro capítulo – *Os Envelopes de Clio: a elaboração de fontes para o ensino da história local na escola básica* – discutirei as bases o produto que desenvolverei no Apêndice deste trabalho. Apresentarei as questões teóricas e empíricas que norteiam a elaboração do material didático proposto. Discutirei as razões para as escolhas das temáticas e abordarei as opções metodológicas que usei.

CAPÍTULO 1 - HISTÓRIA LOCAL, ESPAÇOS E ESCRITAS: UMA IMERSÃO NO UNIVERSO DE CLIO

Este capítulo tem por objetivo explicitar o que inicialmente me levou ao magistério e, em seguida, discutir as ações acadêmicas e profissionais que favoreceram o surgimento do meu interesse pela história local. A minha formação profissional está profundamente associada à minha formação política. A opção pelo magistério foi feita nos anos 1980, quando decidi participar do movimento secundarista. Naquela conjuntura, emergia uma luta em torno da redemocratização da sociedade brasileira. Os movimentos sociais se reorganizavam e o movimento estudantil secundarista ressurgia no cenário público. Foi nesse cenário que me envolvi na reconstrução da *União Metropolitana dos Estudantes Secundaristas* (UMES).

Assim, eu tinha 17 anos de idade quando vivenciei o ponto alto da minha participação no movimento estudantil secundarista: o *Congresso de reconstrução da UMES*, realizado nos dias 12 e 13 de outubro de 1985, no Ginásio de Esportes Sylvio Pedrosa, espaço pertencente ao tradicional Colégio Estadual do Atheneu Norte-Rio-Grandense⁹. A convocação desse Congresso havia sido resultado da articulação de diversos Centros Cívicos estudantis de escolas públicas e privadas localizadas em todas as regiões de Natal. Centenas de jovens participaram dos intensos dias de congresso.

Foram dois dias de leituras, acalorados debates e conversas sobre os rumos da educação. Esses dois dias foram importantes para o rumo que tomei nos anos da minha militância no movimento estudantil daí em diante. Naquele momento, eu era estudante do segundo grau da Escola Estadual Walter Duarte Pereira, localizada no conjunto habitacional Santa Catarina, na Zona Norte de Natal. Cheguei ao Congresso da UMES na condição de representante do Centro Cívico da escola onde eu estudava.

Apesar de reconhecer que o Congresso em si era importante para qualquer secundarista, outro aspecto foi marcante para mim nesse evento. Nele, eu, na condição de estudante de uma escola da Zona Norte de Natal, fui eleito pelos meus pares como Presidente do Congresso de Reconstrução da UMES. Foi uma reponsabilidade imensa. Aquele evento

⁹ A escola fundada em 03 de fevereiro de 1834, no governo de Basílio Quaresma Torreão, Atheneu Norte-rio-grandense, destaca-se no cenário da educação pública do Rio Grande do Norte por ter sido celeiro de grandes mestres da educação. Ainda hoje, não mais no bairro da Cidade Alta, mas em Petrópolis novo bairro com sua sede imponente em formato de X construção do governo Pedro Pedrosa na década de 1950. Hoje a escola oferece o Ensino Médio Integral. Vizinho a Biblioteca Estadual Câmara Cascudo, ainda mantém em suas dependências o Memorial do ATHENEU.

era marcado por uma forte disputa entre as correntes políticas que atuavam no seio do movimento estudantil e eu, como presidente da entidade, precisava conduzir os debates de modo que todos pudessem se expressar. Acho que fui eleito por ter um temperamento apaziguador, por ser uma pessoa do diálogo. Acredito que minha escolha foi resultado de uma prática dialógica que desenvolvia com as diferentes forças políticas. Naquele período, pude vivenciar muitas emoções e aprendizados. Partilhei das utopias construídas pelos secundaristas, que ecoavam as suas vozes em defesa da retomada do processo democrático.

Ainda recorro da canção “*Pra não dizer que não falei das flores*”, de Geraldo Vandré, a ecoar nos meus ouvidos, durante as manifestações secundaristas naquele congresso:

Caminhando e cantando e seguindo a canção
Somos todos iguais braços dados ou não
Nas escolas, nas ruas, campos, construções
Caminhando e cantando e seguindo a canção
Vem, vamos embora, que esperar não é saber,
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer
Vem, vamos embora, que esperar não é saber,
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer
Pelos campos há fome em grandes plantações
Pelas ruas marchando indecisos cordões
Ainda fazem da flor seu mais forte
E acreditam nas flores vencendo o canhão.

(<https://www.vagalume.com.br/geraldo-vandre/pr-a-nao-dizer-que-nao-falei-das-flores.html>
Acesso em 04 de julho de 2020).

Pra Não Dizer que Não Falei das Flores era o tom das nossas inquietações, era o embalo que nos impulsionavam a compreender a realidade sociopolítica do Brasil. A letra da música nos instigava a imaginar a possibilidade concreta de uma sociedade justa, diferente daquela que vivíamos; a lutar com todas as nossas forças por democracia e a vencer o braço armado dos militares que haviam se apossado do poder.

A partir das discussões sobre a sociedade brasileira, em geral, fui enxergando com mais atenção a situação da escola. Aos poucos percebi as correntes conservadoras que norteavam a educação bancária e que direcionavam o ensino ministrado em nossas salas de aulas.

Para discutir a minha trajetória acadêmica e docente, bem como as minhas aproximações com a história local, decidi dividir este capítulo em duas partes. Na primeira delas, apresento a minha trajetória pessoal do movimento estudantil e as minhas primeiras experiências profissionais. Na segunda parte, discuto a importância da minha experiência como historiador da SEMURB para as atividades docentes que realizei com a história local.

1.1 - UMA TRAJETÓRIA DE LUTAS: DAS MINHAS ESCOLHAS PELO CURSO DE HISTÓRIA E PELO MAGISTÉRIO ÀS MINHAS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS

Os debates no seio da UMES me fizeram perceber o quando é complexa uma política educacional. Nas discussões, descobri que a educação não se resumia às atividades desenvolvidas em sala de aula. Pude enxergar elementos técnicos, políticos e burocráticos que estão envolvidos em uma política educacional. Detectei que o atendimento à população, em termos educacionais, exige a compreensão de aspectos culturais, históricos e sociais. Aprendi que a formulação de uma política educacional está vinculada a uma decisão política. Compreendi que nas democracias, o que se defende é que as políticas públicas de educação sejam feitas para o povo e pelo povo. Assim, captei que a minha luta por melhoria do ensino não poderia ficar restrita ao movimento secundarista. Senti-me na obrigação de procurar um caminho mais consistente que direcionasse a minha ação política no campo da educação. Foi dessa forma que optei por estudar História e por ser professor dessa disciplina.

As minhas ideias sobre a educação ganharam solidez a partir do pensamento de Paulo Freire, que havia sido o responsável pelas *40 horas de Angicos*¹⁰. As teses desse educador foram essenciais para a minha forma de pensar a escola. Lembro, particularmente, de um trecho de Freire que foi marcante para a minha formação:

A educação problematizadora, que não é fixismo reacionário, é futuridade revolucionária. Daí que seja profética e, como tal, esperançosa. Daí que corresponda à condição dos homens como seres históricos e a sua historicidade. Daí que se identifique com eles como seres mais além de si mesmos – como “projetos” -, como seres que caminham para frente, que olham para frente; como seres a quem o imobilismo ameaça de morte; para quem o olhar para trás não deve ser uma forma nostálgica de querer voltar, mas um modo de melhor conhecer o que está sendo, para melhor construir o futuro. Daí que se identifique com o movimento permanente em que se acham inscritos os homens, como seres que se sabem inconclusos; que é histórico e que tem o seu ponto de partida, o seu sujeito, o seu objetivo¹¹.

Essa citação de Paulo Freire ampliou meus horizontes. Com ela, pude perceber que a escola precisava buscar uma educação problematizadora e, portanto, centrada na futuridade. Isso significava que esse tipo de educação ajudava a prever o futuro, uma vez que estimulava a compreensão do mundo vivido, possibilitando a descoberta das causas da injustiça, trazendo

¹⁰ 40 horas de Angicos foi uma experiência de alfabetização realizada por Paulo Freire na década de 1960. Sobre o tema confira: GERMANO, José Willington. Resenha do livro de Lyra, Carlos. As quarenta horas de Angicos: Uma experiência pioneira de educação. São Paulo, Cortez, 1996. 196 p. **Educação & Sociedade**, ano 18, nº 59, ago. 1997.

¹¹ FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970. p. 73.

as ferramentas de luta por um mundo melhor e dando a certeza de que o futuro pode ser melhor. Nesse tipo de educação, os homens são percebidos como seres históricos que vivem um determinado momento histórico. Portanto, cabe aos homens construir esse futuro. Essa concepção freireana me instigou a buscar alternativas para que eu mesmo fosse multiplicador de uma educação problematizadora.

O encontro com a obra de Freire me fez perceber a educação como espaço propício para gerar a esperança de que é possível formar homens e mulheres livres, que se educam para a vida e que encontram na escola o primeiro passo rumo ao aprendizado contínuo. Protagonista em sala de aula, esse deveria ser o discente. Enfim, na UMES descobri Paulo Freire. Foi nessa entidade que me deparei com a obra *Pedagogia do Oprimido*, que diferenciava a educação bancária da educação dialógica. Essa obra de Freire foi uma leitura essencial para minha tomada de posição nos embates sobre o cotidiano do chão escolar.

Foi por intermédio da obra de Paulo Freire que apreendi a lançar um olhar mais complexo sobre o mundo, sobre a escola, sobre o educador, sobre o educando. Foi a crítica freireana que me fez perceber a concepção bancária de educação como instrumento de opressão. Para esse educador,

na concepção ‘bancária’ que estamos criticando, para a qual a educação é o ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos [...] nela: a) o educador é o que educa, os educandos o que são educados; b) o educador é o que sabe, os educandos, os que não sabem; c) o educador é o que pensa, os educandos, os pensados; d) o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente; e) o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados; f) o educador é o que opta e prescreve sua opção; os educandos, os que seguem a prescrição; g) o educador é o que atua; os educandos, os que têm a ilusão de que atuam, na atuação do educador. h) o educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais ouvidos nessa escolha, se acomodam a ele. i) o educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que opõe antologicamente, a liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele. j) o educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos¹².

Por essa lógica, Paulo Freire, por intermédio da crítica à concepção bancária de educação, ensinou-me que o educador não pode ser o sujeito da educação, nem o educando um depósito a ser preenchido por conteúdos que se acumulam por meio da memorização mecânica. Essa lógica me fez perceber, desde o movimento estudantil, que é o aluno o centro da aprendizagem, o sujeito criativo e criador de conhecimentos.

¹² FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*, p. 58.

As ideias de Paulo Freire e as lutas do movimento estudantil secundarista foram essenciais para a minha formação política e social. Freire foi importante na medida em que despertou em mim a percepção de que o aluno é o sujeito da própria aprendizagem. O movimento estudantil contribuiu para alargar meu horizonte político pedagógico. Foi nele que conheci diversas correntes ideológicas, participei de inúmeras reuniões, presenciei articulações contínuas, dialoguei com diferentes sujeitos sobre a conjuntura política do Brasil.

Os aprendizados freirianos e os embates políticos dentro do movimento estudantil me tornaram um crítico das posturas autoritárias presentes nas salas de aula. Nessa perspectiva, Freire e movimento estudantil influenciaram para que, ainda durante o segundo grau, eu procurasse – seguindo as trilhas indicadas em *Pedagogia do Oprimido* – uma profissão que me permitisse atuar na área da educação como um profissional comprometido em mostrar caminhos para a libertação para os meus alunos.

Foi com esse intuito que comecei a observar atentamente os meus professores de História, que, ao longo do segundo grau, eram os que mais se mostravam preocupados em ensinar aos alunos a enxergar o mundo em que víamos. Nesse sentido, posso afirmar que os anos 1980 – época em que cursei o segundo grau – eram propícios para o trabalho do professor de História, uma vez que as denúncias da crueldade dos governos militares e a esperança na consolidação da democracia eram conteúdos que atraíam os alunos. A professora Elza Nadai, especialista no ensino História, analisou, naquele contexto, mudanças importantes que aconteciam no ensino daquela disciplina. Segundo Nadai,

[...] vivemos ainda uma conjuntura de “crise da história historicista”, mas as diversas propostas de ensino e as práticas docentes têm ajudado a viabilizar outras concepções de História, mais comprometidas com a libertação e a emancipação do homem. E a História, a mais política das ciências sociais, tem ressurgido das cinzas (onde a ditadura pensou sepultá-la), tal qual Fênix, mais fortalecida do que nunca. Apesar de ainda existirem “adolescentes que detestam a História” ou que não saibam tantos nomes e datas como antigamente, dificilmente encontraremos quem desconheça o papel da História para ajudá-lo na compreensão de si, dos outros e do lugar que ocupamos na sociedade e no dever histórico¹³

Esse quadro traçado por Elza Nadai deixa evidente o que vivenciei, na condição de secundarista, nos anos 1980. Era um ensino de História que instigava os alunos a buscar a democracia e a libertação das injustiças. Nessa perspectiva, o ensino de História que eu tinha, as vivências no movimento secundarista e as ideias de Freire se associavam para que eu decidisse ingressar na universidade e cursar a graduação em História. Além desses aspectos,

¹³ NADAI, Elza. O ensino de história no Brasil: trajetória e perspectiva. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v 13, n. 25/26, 1992/1993. p. 160.

outras razões, de ordem familiar, também reforçaram a minha decisão de realizar vestibular para História. Foi assim que ingressei, em 1994, no curso Licenciatura e Bacharelado.

Posso explicar melhor as razões de ordem familiar que me levaram ao curso de História. Fui o primeiro filho dos meus pais a chegar à Universidade. Entretanto, tinha um irmão e uma irmã do meu pai, que haviam cursado História. Meu tio era professor de História e minha tia, mesmo não tendo optado pelo magistério, sempre ensinou história a todo mundo. Meu pai, mesmo não tendo concluído a graduação em História, também foi professor dessa disciplina.

Meu tio, Antônio Capistrano¹⁴, hoje é aposentado, mas teve uma carreira acadêmica bem consolidada, sendo inclusive reitor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Com ele, tive boas conversas sobre a História, o que gerava muita admiração. Minha tia, Rosaline Capistrano¹⁵ com a qual também mantenho profundo diálogos sobre a historiografia e o ensino, são conversas no “cantinho do cafezinho”, também é importante em minha formação. Apesar da minha tia nunca ter exercido o magistério, uma vez que optou por casar-se e viver cuidando da família, ela jamais perdeu os vínculos com o ofício de historiadora.

Meu pai, Benjamin Capistrano Filho, foi aluno do curso de História da UFRN e, concomitantemente, funcionário dos Correios. O envolvimento dele com os movimentos sociais no período dos governos militares, instalados no poder depois de 1964, fez com que ele fosse demitido dos Correios.¹⁶ A situação de desempregado e com filhos pequenos, o fez abandonar o curso e procurar emprego, em um contexto em que ele era perseguido pela ditadura. Acho que cresci querendo dar continuidade à formação do meu pai. Considero que queria ser historiador por mim e por ele. Mesmo deixando o curso de História, meu pai

¹⁴ Professor Antonio de Farias Capistrano, estudou o Segundo Grau (antigo Clássico) no Colégio Atheneu. Trabalhou na Livraria Universitária (cujo proprietário era Walter Duarte Pereira, sogro do senador Garibaldi Alves Filho), reduto dos grandes intelectuais da cidade nos anos 1960 e 1970. Graduado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1978), tornou-se professor da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, tendo chegado a Reitor dessa instituição, cargo que ocupou entre 1987 e 1989. Durante o tempo em que trabalhou na Livraria Universitária, eram amigos de tio Antonio Capistrano vários intelectuais locais, como: Américo de Oliveira Costa, Alvamar Furtado, Grácio Barbalho, Otto Guerra, Veríssimo de Melo, Edgar Barbosa, Zila Mamede, Myriam Coeli, Djalma e Luís Maranhão, Câmara Cascudo e tantos outros.

¹⁵ Rosaline Capistrano (Tia Rosa) graduou-se pela UFRN em 1980. Nossas conversas muito contribuíram para a minha formação.

¹⁶ Meu pai era funcionário dos Correios e foi atingido pelo *Ato Institucional número 1 (AI1)*. Esse Ato afastou milhares de servidores públicos das repartições. Na época papai era chefe da agência dos correios do município de Pureza/RN. Recém-casado, papai recebeu a notícia do seu afastamento no dia em que a sua primeira filha nasceu.

continuou um amante de livros e eu era um “invasor” da biblioteca de papai. Por tudo isso, o curso de História era uma tendência para a minha vida.

Outros dois aspectos – ainda de ordem familiar – contribuíram também para a minha escolha por História. O primeiro aspecto diz respeito ao fato de que no final dos anos 1970, depois da abertura política, meu pai tornou-se funcionário da Fundação José Augusto¹⁷, sendo designado para trabalhar no *Forte dos Reis Magos*.¹⁸ Durante muitos anos ele atuou guiando visitantes que iam conhecer o Forte. Em razão das atividades do meu pai, eu passei muitas tardes naquele monumento cultural e pude vivenciar muitos estudos sobre o período colonial. Naquela época, ficava fascinado pelas aulas de história dadas pelo meu pai.

O segundo aspecto está relacionado com um empreendimento familiar que marcou a minha vida. Em 1983, meu pai, Benjamin Capistrano¹⁹ e minha tia Rosaline Capistrano, resolveram montar um sebo – denominado *Cata-Livros* – destinado a comprar e vender livros usados. O sebo inicialmente foi montado no centro da Cidade Alta, atrás da “parada metropolitana”²⁰. Posteriormente, ele foi transferido para a rua da Conceição, na Cidade Alta. No prédio da rua Conceição, as janelas do sebo olhavam para os fundos da Catedral antiga de Natal e para o lado do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN) e do Palácio do Governo do Estado.

17 A Fundação José Augusto pertence ao Estado do Rio Grande do Norte. Hoje a entidade tem status de Secretaria estadual da Cultura.

18 O Forte dos Três Reis Magos está situado na cidade de Natal. O local abriga um museu com objetos referentes à colonização do Estado. Em formato de estrela de cinco pontas, o forte foi erguido pelos portugueses, em 1598, no encontro do Oceano Atlântico com o Rio Potengi. Em 1633, foi invadido pelos holandeses. Anos mais tarde, os portugueses retomaram o controle da cidade e do forte.

19 Papai iniciou a graduação em História na UFRN, mas, em razão de perseguições políticas, não concluiu o curso. Apesar disso, ele ainda lecionou na Escola São Sebastião, no bairro das Quintas. Lá em casa, sempre conversávamos sobre suas aulas e as turmas.

20 Trata-se de uma grande parada de ônibus que está situada próxima à Praça André de Albuquerque (em frente a Catedral velha de Natal). O nome metropolitana tem origem com o fato da parada ligar a Cidade a outros bairros da cidade e a municípios da região metropolitana de Natal. Nos anos 1980 a Metropolitana era um lugar muito movimentado durante o dia e à noite.



Figura 1: Antiga sede do Cata-Livros. Acervo pessoal do autor.

Todas as tardes eu ia para o Cata-Livros, o que me permitiu vivenciar tardes maravilhosas de leituras e descobertas históricas. A leitura era minha companhia nas tardes do sebo, mas também adorava as conversas de papai com intelectuais que eram clientes. Entre os intelectuais que visitavam o Cata-Livros eu lembro de Gumercindo Saraiva²¹, Jarbas Martins²², Inácio Magalhães (conhecido como o “Bispo de Itaipu”)²³, Marize Castro²⁴ e tantos outros personagens da cena intelectual de Natal. Eu ficava maravilhado ouvindo as conversas, os debates.

²¹ Gumercindo Saraiva de Moura (João Câmara 1915 / Natal 1988). Museólogo, musicista e historiador. Escreveu vários livros, entre eles “Câmara Cascudo, museólogo desconhecido”. Escrevia para revistas especializadas em arte e foi editor da *Revista Som*. Era membro da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras e mantinha relações intelectuais com Câmara Cascudo, Oto de Brito Guerra, Edgar Dantas e outros intelectuais natalenses.

²² José Jarbas Martins (Angicos (RN), 1943). É atualmente o titular da cadeira nº 20 da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Graduado em Direito e aposentado das funções de promotor de Justiça e professor da UFRN. Mestre em Comunicação e Semiótica pela USP. Poeta e escritor de obras literárias, também é conhecido pelos seus textos sobre cinema. Foi um dos fundadores do Cine Clube Tirol.

²³ Inácio Magalhães de Sena, o bispo de Taipu (Ceará-Mirim, 1938). Autodidata estudou até o quarto ano primário. Foi sub-sacristão do vigário da paróquia de Ceará-Mirim, a qual estava vinculada a cidade de Taipu. O apelido Bispo de Taipu decorre das suas incursões pela cidade, auxiliando o pároco nas atividades religiosas. Trabalhou nos Correios, na Secretaria Estadual de Educação do Rio Grande do Norte e na UFRN (responsável pelo arquivo audiovisual da TV Universitária). Freqüentador ativo da Livraria Universitária, passou a ser respeitado nos círculos intelectuais de Natal, em razão da grande quantidade de obras que lia e interpretava. Seus conhecimentos, especialmente sobre cinema, o fizeram ser reverenciado entre os intelectuais locais.

²⁴ Marize Lima Castro (Natal, 1962). Poeta, jornalista e editora. Graduada em jornalismo pela UFRN, onde exerce a mesma profissão. Foi editora do jornal *O Galo* (periódico dedicado à cultura, publicado pela Fundação Jose Augusto). Durante o período em que esteve à frente do jornal, conseguiu reunir nas publicações de *O Galo* o que havia de melhor nas letras no Rio Grande do Rio Grande do Norte e garantiu circulação nacional para o periódico. Estreou como poeta, em 1984, quando publicou “Marrons Crepons Marfins”. Suas poesias já ganharam prêmios nacionais e internacionais.

Em suma, posso afirmar que me tornei aluno de História a partir das minhas incursões no movimento estudantil, pela influência das ideias de Paulo Freire, pelo tipo de História que aprendi no segundo grau e pelas razões de ordem familiar. Portanto, foram múltiplos canais que conduziram a graduação em História.

Postos esses esclarecimentos sobre as razões que me levaram à história, passo a discutir brevemente a minha trajetória no curso de História.

A partir de 1994, já na condição de estudante de História, um professor do curso solicitou que lêssemos parte da obra “Que é história?”, de Edward Carr. Descobri que na biblioteca do meu tio Antônio Capistrano tinha esse livro e me dediquei a uma leitura cuidadosa do texto inteiro. Esse livro possibilitou o meu acesso a informações sobre a história (campo de conhecimento) e historiadores. Como afirmou o próprio Carr, o tempo, com o acelerado ritmo das transformações, exigia posições da historiografia e da teoria histórica, que não estavam imunes ao tempo presente:

[...] a concepção da história como um processo em movimento constante, dentro do qual o historiador se move. Tal concepção parece comprometer-me com certas reflexões concludentes quanto à posição da história e do historiador em nosso tempo. Vivemos numa época em – não pela primeira vez na história – as previsões de uma catástrofe mundial estão no ar e pesam bastante sobre todos, e elas não podem ser comprovadas nem desmentidas [...] ²⁵.

A partir do britânico Edward Carr, professor de relações internacionais na Inglaterra, percebi que a teoria da história e a historiografia apontavam caminhos importantes para o historiador. Carr me fez pensar que a função do historiador ia muito além da tarefa de observador do passado. Ele me mostrou que o historiador é também observador do presente. É do presente que o historiador olha, por intermédio do retrovisor, para o passado. É do presente que o historiador contribui para o que o passado não seja esquecido. Nesse sentido, foi Carr quem me mostrou que os fatos contemporâneos próprios do meu tempo influenciavam o meu olhar sobre o passado. Percebi, por exemplo, que a queda do Muro de Berlim e a Perestroika possibilitavam novos olhares sobre o passado.

Carr, com sua escrita leve, me fez entrar no mundo de Clio e pensar sobre a função do historiador. De Carr levei muitas lições para o meu ofício de professor que atua da rede básica

²⁵ CARR, Edward Hallet. **Que é história?** São Paulo: Paz e Terra, 2006. p. 167.

de ensino. Muito do que hoje sou como professor tem uma grande influência dessas ideias que aprendi com esse historiador no primeiro ano da minha graduação.

Quando estava no segundo ano do curso História, em abril de 1995, resolvi realizar uma aventura no ensino de História. Fui atuar como estagiário remunerado na Escola Estadual Walter Duarte Pereira, no conjunto Santa Catarina, Zona Norte de Natal. Essa era a escola na qual havia concluído o segundo grau e lá reencontrei meus antigos professores, daquele momento em diante transformados em meus companheiros de docência.

Lembro bem que ao chegar na escola encontrei de imediato com a professora Alice (Geografia) e com os professores Wilson e Expedito (Matemática), todos meus antigos professores. Aos poucos fui reencontrado todos os professores do segundo grau. Aquele encontro foi significativo para mim. As conversas que mantinha com eles na sala dos professores contribuíram nos primeiros passos do ex-aluno nos corredores da escola na condição de “professor” de história²⁶. Naquela época, o estagiário assumia o papel de professor, diante da ausência de docentes para as escolas públicas. Lembro quando cheguei pela primeira vez à escola. Fui recebido pela diretora e ela me encaminhou imediatamente para a sala de aula. Mesmo ainda cursando o terceiro período da licenciatura e bacharelado em história (UFRN), fui colocado à frente de uma turma de alunos.

O ano de 1995 foi um divisor de águas em minha vida, o ano em que eu assumi a minha primeira experiência como professor e de outros acontecimentos marcantes. No 5 de novembro daquele ano, um domingo, aconteceram as eleições para o Conselho Comunitárias do Conjunto Santa Catarina, fui eleito vice-presidente. O resultado do pleito saiu às 18h, o que gerou comemorações dos vencedores.

Em meio as festividades da vitória, recebi a notícia de uma tragédia, meu irmão mais novo, João Ricardo Capistrano, na época com 17 anos, tinha sido baleado e estava no Hospital Santa Catarina. Suspendi todas as comemorações e me dirigi imediatamente para o hospital, onde recebi a notícia do seu falecimento. Tudo muito rápido, não chegou a receber atendimento médico, pois já chegou no hospital sem vida.

Dias depois da morte de João Ricardo, descobrimos que os algozes do meu irmão eram membros da Polícia Militar do Rio Grande do Norte, exercendo a função pública de proteger a sociedade. Eu não conseguia entender como uma instituição que existe para garantir a vida de matado um jovem que só fazia o bem. O fato dele ter sido assassinado por policiais militares

²⁶ Em 1995 fui contratado pela Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Norte como estagiário. Naquela época o estágio assumia a sala de aula sem nenhum acompanhamento de um professor orientador.

trouxe um grande desânimo para mim, o que incluiu um desprezo a tudo que era importante na minha vida, assim, me distanciei da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) por seis semestres letivos.

Paralelamente aos atropelos da minha vida, em 1998, consegui ser aprovado em concurso público para Agente Educacional na *Fundação Estadual da Criança e do Adolescente* (FUNDAC). Nesse mesmo ano assumi o concurso e passei a trabalhar com adolescentes em conflito com a lei, que estavam no regime de privação de liberdade. Foi uma experiência repleta de desafios. Naquela época, mesmo sem cursar regulamente a graduação em História, eu trabalhava como professor de História em uma escola privada. Dessa forma, dividi as atividades na FUNDAC com meus afazeres de professor da rede privada.

Durante meu tempo de FUNDAC conheci a *Pedagogia da Presença*,²⁷ do educador mineiro Antônio Carlos Gomes da Costa,²⁸ uma das leituras fundamentais para quem trabalhava com adolescentes em conflito com a lei. Este período como Agente Educacional me fez um professor mais atento às questões dos jovens, principalmente na perspectiva da compreensão do outro. Esse aprendizado que obtive na FUNDAC tem disso essencial para a minha ação docente, uma vez que sempre pauto os meus trabalhos na valorização da cultura do meu aluno, no respeito ao seu modo de ser e de viver.

Em 1999, já na condição de servidor público estadual, eu me casei e nasceu o meu primeiro filho, João Ricardo. Nesse mesmo ano percebi ser necessário retomar à vida e, sendo assim, retornei ao curso de História. Aos poucos fui me reencontrando e retomando o ânimo para aprender e para terminar o curso. Com seis semestres letivos atrasados, foi necessário cumprir uma verdadeira maratona para colocar o curso em dia. Quando eu retornei ao curso, já estava com seis anos como aluno de História. Isso significava está diante de um forte dilema: ou terminava o curso ou seria jubilado. Optei por terminar. Sendo assim, passei a me matricular em sete disciplinas, entre elas, Pesquisa Histórica II e Prática de Ensino de História.

27 Sobre a *Pedagogia da presença*, confira: COSTA, Antônio Carlos Gomes da. **Por uma pedagogia da presença.**

28 O pedagogo mineiro Antônio Carlos Gomes da Costa, foi um dos principais colaboradores e defensores do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Autor de diversos livros e artigos em prol da promoção e defesa dos direitos do público infanto-juvenil, publicados no Brasil e no exterior, Antônio Carlos participou intensamente do grupo que redigiu o ECA e que também atuou junto ao Congresso Nacional para sua aprovação e, logo depois, sanção presidencial, feito que, segundo ele, foi sua maior realização, como cidadão e educador. Antonio Carlos faleceu em Belo Horizonte no 4 de fevereiro de 2011.

Estava próximo a ser jubilado, depois do ocorrido com meu irmão, em 1995, me matriculava e não cursava, diversas disciplinas aparecem no meu histórico reprovado por faltas.

Procurei, entre as sete disciplinas, incluir três que teria mais facilidade para cumprir: “Qualidade de Vida” e “Natação”, ambas oferecidas pelo Departamento de Educação Física, e Língua Espanhola, do Departamento de Letras. Inclusive, as aulas de Língua Espanhola foram ministradas em turma do curso de Turismo, que viaja muito para realizar aulas de campo. O certo é que eu tive poucas aulas de Língua Espanhola, o que me ajudou a cumprir o semestre sem maiores dificuldades.

As disciplinas *Pesquisa Histórica II* e *Prática de Ensino de História*, foram pontos importantes do curso, pois me possibilitaram trabalhar com a pesquisa e o ensino. Na época, trabalhava em escolas particulares e continuava exercendo na rede estadual de ensino a função “precária” de professor estagiário.

Na reta final do curso uma professora teve um papel decisivo na minha vida acadêmica: Maria Ferdinanda Soriano, minha orientadora de monografia na *Pesquisa Histórica II*. Essa disciplina tinha uma parte geral, ministrada pelo professor Wicliffe Costa, e depois os alunos eram distribuídos entre os professores do curso. Foram nessas circunstâncias que ocorreu o meu encontro com a professora Ferdinanda Soriano.

Como já afirmei, as orientações da professora Ferdinanda Soriano contribuíram para o trabalho final do curso de forma decisiva. As nossas conversas sobre a bibliografia a ser lida, os caminhos tortuosos dos arquivos e o pantanoso terreno da história oral, foram e continuam sendo essenciais para o meu ofício de historiador. Como não lembrar de nossas conversas nos bancos do setor II? A professora sempre muito solícita e trazendo enormes contribuições para a minha formação. Foi a partir dela, por exemplo, que li Hobsbawm, Jacob Gorender e Renê Dreifuss.

Eu escolhi como tema da minha monografia de conclusão de curso “os mortos e desaparecidos no Rio Grande do Norte durante a ditadura militar”. Entre os mortos, enfatizei a trajetória da professora Anatólia Alves, uma mulher que havia sido seviciada nas dependências do DOI-CODI e morrido nos cárceres da ditadura militar/civil de 1964²⁹. Eu

²⁹ Anatólia Alves foi uma das vítimas norte-rio-grandenses da repressão política. Foi torturada e morta nos cárceres do DOI-CODI na cidade de Recife/PE. Numa narrativa idêntica ao do caso de Wladimir Herzog, os órgãos de segurança anunciaram o suicídio como causa de sua morte. (CAPISTRANO, Luciano Fábio Dantas. O golpe militar no Rio Grande do Norte e os Norte-rio-grandenses mortos e desaparecidos: 1969/1973. Natal: Sebo Vermelho, 2010).

havia optado por essa pesquisa em razão das minhas memórias afetivas sobre a ditadura que eram muito sensíveis para toda a minha família.³⁰

Seguindo as orientações da professora Ferdinanda Soriano para produzir a minha monografia, viajei para a cidade de Mossoró com o intuito de entrevistar o senhor Luiz Alves Neto, ex-presos político, viúvo da senhora Anália Alves. A entrevista foi muito rica e com ela pude aprender tanto a forma de trabalhar com os depoimentos em História Oral, quanto pude compreender o sentimento de dor – além da minha família – que marcavam a vida dos que foram vitimados pela ditadura.

Ao pesquisar os norte-rio-grandenses mortos e desaparecidos durante a ditadura, fui obrigado a rememorar histórias ouvidas durante a minha infância e adolescência nas conversas da cozinha da minha casa, situada na Vila Maurício, no bairro das Quintas. Naquela época minha mãe, zelosa pela vida dos seus filhos, nos falava como a ditadura havia sido cruel. Ela nos contava do medo do meu pai e dos seus amigos de serem presos. Nos contava que papai era obrigado a “sumir” para não morrer. As histórias da minha mãe foram revividas nos depoimentos que coletei para a minha monografia.

Hoje posso afirmar que a minha monografia foi uma oportunidade que tive para entender melhor o que aconteceu nos “anos de chumbo”. Na monografia pude registrar a dor dos que perderam entes queridos para uma ditadura cruel. Esses registros foram importantes para o meu exercício profissional, uma vez que os utilizo em sala de aula para mostrar aos meus alunos que a liberdade é algo maravilhoso e que a sua sobrevivência depende das nossas lutas. Utilizo o meu trabalho para mostrar os males de uma ditadura na sociedade. Trabalho o passado com os alunos para que eles aprendam que jamais poderemos permitir o retorno às atrocidades.

Concluída a monografia e terminada a *Prática de Ensino*, finalmente, tornei-me, em 2002, Bacharel e Licenciado em História. Minha Colação de Grau foi uma solenidade “solitária”, realizada na secretária do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA), na presença do professor Almir Bueno e da Professora Francisca Aurinete Girão Barreto da Silva. Enfim, tornei-me professor de História diplomado.

Em 2003, iniciei minha carreira de professor temporário na Rede Municipal de Natal, quando pude compreender as dificuldades de um professor que não é efetivo.

³⁰ Além do meu pai ter sido perseguido pela ditadura, meus tios, o psiquiatra Franklin Capistrano e o professor Antônio Capistrano também haviam sofrido com a ditadura, tendo inclusive respondido a processo policial.

No dia 12 de setembro de 2005, nasceu meu segundo filho, João Guilherme, que trouxe novas aspirações para o meu viver. Neste mesmo dia assumi o cargo de professor de História do município de Parnamirim, sendo designado para trabalhar na *Escola Municipal Manoel Ferreira*. Nessa escola vivi a primeira experiência como professor efetivo na rede pública de ensino.

A minha chegada a Parnamirim³¹, município da região metropolitana, teve muitas particularidades. Inicialmente eu percebi que, em razão da cidade ter toda uma história nascida com a instalação da base área norte-americana, a *Escola Municipal Manoel Ferreira*, mesmo localizada no distrito de *Passagem de Areia*, tinha um vínculo forte com o período da Segunda Guerra. Os turbulentos anos da década de 1940 eram um tema discutido pelos alunos. Assim, eram debatidos em sala de aula os acordos firmados pelos presidentes Getúlio Vargas e Franklin Delano Roosevelt na denominada *Conferência do Potengi*, bem como a aliança do Brasil com os Estados Unidos contra as forças nazifascistas. Aquela atmosfera para discutir a história na cidade me instigou a pensar uma forma de articular os saberes locais com a poesia.

Desde o movimento secundarista, sob a influência de Paulo Freire, eu procurava viver o espaço escolar além dos limites do prédio da escola. Nesse sentido, desde que cheguei em Passagem de Areia procurei conhecer as ruas do lugar. Eu fazia um trajeto de ônibus muito longo de Natal para Passagem de Areia. As minhas idas e vindas eram feitas no ônibus da *linha C*, que saía de Natal e circulava no centro de Parnamirim e em outros distritos do município. Eu observava tudo com muita atenção e, aos poucos, fui me apropriando dos espaços que davam vida a Passagem de Areia.

A constatação de que os alunos da escola gostavam da história do município de Parnamirim, o meu desejo de trabalhar com história e literatura e o meu interesse em conhecer o lugar que abriga a escola, foram os três aspectos que favoreceram para uma rica experiência que desenvolvi em Passagem de Areia.

Eu ensinava História nas turmas do 6º ao 9º ano no ensino dito regular no turno vespertino e nas turmas da EJA (Educação de Jovens e Adultos) no turno noturno. Aproveitando essa diversidade da clientela, desenvolvi, no decorrer do ano letivo de 2006, um Projeto – intitulado *O Escritor Vai à Escola Pública* – que tinha por objetivo possibilitar o encontro de escritores com os alunos da escola.

³¹ Conforme Cascudo, o nome Parnamirim se origina da palavra indígena *paraná-mirim*, que significa rio pequeno, riozinho (CASCUDO, Luís da Câmara. **Nomes da terra**: geografia, história e toponímia do Rio Grande do Norte. Natal: Fundação José Augusto, 1968. p. 112).

Esse Projeto tinha por finalidade incentivar a leitura dos alunos e, ao mesmo tempo, instigar a produção de textos sobre Passagem de Areia e Parnamirim. O projeto funcionava aos sábados à tarde. Os alunos e professores participantes recebiam um kit, composto por uma bolsa, livros, lápis e uma camiseta. Todos os sábados, cerca de 100 alunos lotavam as salas de aula da escola, com turmas de 15 alunos por professor. O projeto adotava a seguinte metodologia: no primeiro momento, os professores desenvolviam atividades de leituras com os participantes e produziam-se releituras das obras lidas. Os alunos também escreviam textos sobre o local em que eles viviam. Em seguida, todos se encontravam no pátio/auditório, para a culminância das atividades realizadas em sala de aula com a presença de um escritor convidado. O escritor contava as suas histórias, falava com os lugares de vivências tinham contribuído para os seus textos e os alunos apresentavam a produção deles sobre Passagem de Areia e Parnamirim.

Um aspecto importante deste projeto foi a possibilidade de fazer conhecido, escritores e escritoras do Rio Grande do Norte. Com esse projeto, passei a inserir em minhas aulas de história as ideias dos poetas e ficcionistas, mas passei também a desenvolver minhas primeiras experiências com a história local. Através dos autores potiguares, vi a oportunidade de realizar aulas temáticas sobre determinados períodos da história adequando a cada nível de ensino. História e literatura fizeram parte dos meus planejamentos. Prosa e poesia de mãos dadas com a história. Histórias de outros lugares e histórias de Passagem de Areia eram narradas e discutidas.

2.1 - NOVAS EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS: A SEMURB E O EXERCÍCIO DO MAGISTÉRIO NA REDE ESTADUAL DE ENSINO

No ano de 2007, em razão da minha aprovação em dois concursos públicos, fui convocado para assumir dois novos cargos: historiador da Secretaria de Meio Ambiente e Urbanismo do Município de Natal (SEMURB) e professor de História da rede estadual de ensino. Assumi os dois cargos e pedi demissão do município de Parnamirim. Desde então, sou historiador do município de Natal e professor do estado do Rio Grande do Norte.

Apesar de, aparentemente, a minha função na SEMURB não ter uma relação direta com o magistério, posso afirmar que minha experiência nesse órgão tem trazido muitas contribuições para a minha ação docente. Na função de historiador, eu tenho estudado a cidade

de Natal que não está nos conteúdos escolares e tenho levado esses estudos para dentro da sala de aula.

Em razão das minhas atividades na SEMURB, passei a explorar os caminhos da pesquisa histórica, com um olhar sobre as questões da urbe. Nesse sentido, a pesquisa histórica passou sobre a cidade passou a ser minha atividade cotidiana. Por realizar paralelamente à docência, descobri que os meus estudos sobre a cidade de Natal – notadamente o Patrimônio Cultural e a história dos “entornos” da escola – poderiam se fazer presentes no dia a dia da sala de aula da escola básica. Ao associar a Pesquisa Histórica com as atividades em sala de aula, terminei inserindo os estudos sobre a história local de maneira contundente.

Um dos primeiros trabalhos que desenvolvi na SEMURB foi a organização de um Circuito Histórico Cidade Alta/Ribeira, o projeto consistia em desenvolver ações de Educação Patrimonial para alunos da escola básica. O circuito envolvia patrimônios tombados pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), pela Fundação José Augusto e pela Secretaria Municipal de Cultura de Natal. Os bens tombados ou com potencial de tombamento incluíam tanto as construções de valor histórico quanto paisagens significativas para a cidade (como o Morro do Careca, o Rio Potengi etc.). As escolas públicas e privadas que desejassem levar seus alunos para conhecer o circuito precisavam realizar um agendamento. O circuito era concluído com uma discussão sobre o sentido do patrimônio visitado para Natal. Como fruto desse trabalho do circuito, foi produzida uma cartilha com os principais monumentos existentes na região central de Natal, ou seja, os bairros Ribeira e Cidade Alta. Com a boa recepção das atividades do circuito Cidade Alta/Ribeira e da cartilha delas provenientes, foram realizadas atividades similares em outros bairros e editadas novas cartilhas. Esse foi o caso, por exemplo, do trabalho realizado no Alecrim. A imagem (Figura 2) abaixo apresenta essas cartilhas produzidas pela SEMURB.



Figura 2: Cartilhas publicadas pela SEMURB. Na imagem podem ser vistas a capa de duas cartilhas. A primeira referente ao *Circuito histórico Natal: Cidade Alta e Ribeira*. A segunda relacionada ao *Circuito Natal: cidade e memória – Alecrim*. Acervo pessoal do autor desta dissertação.

A formulação de ações voltadas para a educação patrimonial realizada pela SEMURB procurava atingir dois objetivos: conservar os bens tombados, estimular os visitantes a perceber a importância desses bens e formar um acervo de fontes sobre a história de Natal. Os trabalhos realizados nos bairros tiveram inspiração na obra do historiador José de Assunção Barros. Segundo esse autor,

É preciso, portanto, recuperar os traçados dos múltiplos percursos, como também identificar as diversas maneiras de caminhar; Não apenas inventariar os lugares, como analisar as maneiras de se apropriar dos lugares [...] A cidade é um grande texto que tece dentro de si uma miríade de outros textos, inclusive os das pequenas conversas produzidas, os encontros cotidianos.³²

As ideias de Barros direcionaram a metodologia para um projeto que levasse em conta múltiplas possibilidades de interpretação sobre os monumentos existentes. Nesse sentido, o

³² BARROS, José D'Assunção. *Cidade e história*. São Paulo: Vozes, 2012. p. 45.

projeto indicava o inventário de todos os bens tombados, de bens com potencialidade de tombamento, mas não se resumia a essa tarefa, uma vez que buscava também discutir como a sociedade havia, historicamente, se apropriado desses lugares. A partir de Barros, houve uma preocupação em compreender o sentido amplo dos monumentos para a cidade e os sentidos adquiridos por sujeitos anônimos que vivenciam aqueles lugares com funções das mais diversas. Nesses termos, o que se investigava não era apenas a função geral de cada objeto, mas também sentimentos de pertencimento diferentes apresentadas por outros sujeitos. A imagem a seguir retrata cenas de trabalhos que realizei com os circuitos históricos da SEMURB:



Figura 3: A imagem se refere à execução dos circuitos históricos. Na parte superior está uma fotografia feita durante o trabalho no Circuito do bairro Mãe Luíza (realizado em 2017), no centro está uma atividade similar no bairro do Alecrim (realizado em 2018) e, finalmente, a imagem inferior se refere ao trabalho no Cidade Alta (realizado em 2019). Acervo pessoal do autor desta dissertação.

O trabalho realizado na SEMURB deixou evidente que a educação patrimonial é uma das ferramentas pedagógicas importantes para a construção de políticas voltadas à preservação cultural das edificações e da natureza que tenham significados históricos para a população e,

ao mesmo tempo, para conscientizar a população, da importância do patrimônio para a construção de uma identidade local. Gestar ações de conservação da cultura e dos recursos naturais passa, necessariamente, por intervenções no âmbito educacional. É necessário que a cidade tenha catalogado e preservado um patrimônio que seja partilhado por todos os cidadãos.

A educação se apresenta como um caminho, como elo capaz de estabelecer ligações entre os lugares e a memória. O sentimento de pertencimento é o grande fator protetor do patrimônio cultural e ambiental. Quando a equipe da SEMURB da qual eu participava propôs os Circuitos Históricos e as cartilhas, estávamos preocupados com a preservação cultural e ambiental da cidade de Natal, preocupação essa que era vivenciada durante as visitas aos circuitos e às leituras das cartilhas.

O essencial, quando nos referimos a esta temática do Patrimônio Histórico, é não deixarmos de considerar a evolução ocorrida no conceito, nas definições do tema. O olhar sobre o Patrimônio Histórico, sofreu, digamos assim, modificações resultantes na ampliação do que vem a ser Patrimônio.

Hoje, ao tratarmos de Patrimônio, o mais abrangente termo a ser usado é Patrimônio Cultural. Desse modo, deixamos a ideia de preservar apenas os bens materiais ou imateriais e passamos à noção de preservação do patrimônio. O professor Hugues de Varine-Boham³³, tem destacado em seus textos que há patrimônio, não há patrimônio imaterial! Ou seja, há uma dimensão imaterial e uma dimensão material. Segundo Araújo, esse professor

conceituou a noção de patrimônio cultural de acordo com três categorias de elementos: a primeira, com os elementos advindos da natureza, pertencentes ao meio ambiente; a segunda, correspondente aos bens culturais relativos ao conhecimento, às técnicas, ao saber e ao saber fazer, compreendendo toda a capacidade de sobrevivência do homem em seu meio-ambiente, ou seja, a própria transformação da natureza e todo o seu processo constitutivo. A terceira e última, considerada a mais importante de todas, pelo fato de reunir os bens culturais propriamente ditos, engloba todas as coisas, objetos, artefatos, obras e construções obtidas a partir do meio ambiente e da transformação humana³⁴.

Por essa citação, fica claro que a ideia de patrimônio envolve elementos da natureza, bens culturais e todos os elementos produzidos pelo homem. Nessa perspectiva, o patrimônio é construído não pela força intrínseca que existe em um elemento na natureza, num bem

³³ Hugues de Varine-Boham é um professor francês, que foi assessor técnico internacional da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

³⁴ ARAÚJO, Giovana de Aquino Fonseca. Trajetória histórica conceitual sobre patrimônio imaterial e cultural no Brasil e em Portugal tendo as feiras como lugar de investigação. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28., 2013, Natal. *Anais*. [..]. Natal: Anpuh, 2013. p. 1-2.

cultural ou em qualquer outro produto, mas sim pelos sentidos atribuídos pelos sujeitos a determinadas “coisas”. O que o projeto da SEMURB fazia era mostrar, por um lado, o motivo pelo qual determinados bens tinham sido patrimonializados e, por outro, a razão para que outros bens não tenham adquirido o mesmo status.

Assim, a SEMURB, por meio desse projeto, transformou a cidade numa ampla sala de aula, apresentando um celeiro de possibilidades para que os alunos entendessem as sinuosas curvas do processo histórico e transformassem as ruas, os becos, as praças e o casario em fontes para o estudo da cidade. Nessa empreitada, clarear os significados das representações de uma fachada ou monumento, por exemplo, é possibilitar a desnaturalização do cenário urbano e pensar as transformações ocorridas neste lugar relacionando-as com outros espaços e tempos.

Essa ideia da SEMURB eu tenho levado para as minhas turmas do ensino básico e tem sido o mote para o trabalho que eu realizo com história local e que parcialmente apresento nesta dissertação. Entretanto, é necessário que eu explicito melhor o meu trabalho na SEMURB para que eu possa expressar com maior nitidez o meu pensamento sobre a história local. As reflexões do professor Muirakytan Macedo sobre a história local se constituem em uma referência importante para o trabalho que desenvolvi na SEMURB. Segundo Macedo,

[...] é preciso que entendamos que **a história local não se resume à dimensão abreviada da cidade**. Por menor que sejam, **os objetos historiográficos** (sujeito histórico, região, cidade, bairro etc.) **não são autossuficientes**. Ou seja, não bastam por si só para que compreendamos a sociedade e as transformações no mundo físico. Melhor: a história de nossa cidade não basta por si só para explicá-la. É necessário recorrer a outros contextos e relações. Afinal as explicações históricas são relacionais, sempre dependem do entendimento que teremos do tráfego que ocorre entre várias escalas, entre a região e o país, entre o país e o mundo, entre o mundo e o indivíduo.³⁵

Considerando as ideias dessa citação, posso afirmar que os estudos dos bairros de Natal, propostos pela SEMURB, não poderiam se limitar a uma visão abreviada da cidade. Os bairros possuem características próprias, mas, ao mesmo tempo, estão relacionados com o que acontece em outros espaços mais amplos. Isso significa que, para estudar os bairros, faz-se necessário estabelecer relações históricas com outros espaços.

A partir de 2009, quando comecei a trabalhar com os circuitos históricos, percebi a necessidade de uma assessoria acadêmica que pudesse discutir, de forma mais aprofundada, a

³⁵ MACÊDO, Muirakytan Kennedy de. Fontes documentais para a História das cidades. In: VIANA, Hélder Nascimento; ROCHA, Raimundo Nonato Araújo da; ARRAIS, Raimundo Pereira Alencar (org.). **Cidade e diversidade**: itinerários para a produção de materiais didáticos em História. Natal: EDUFERN, 2012. p. 126.

relação entre a história dos bairros com a história da cidade e com a história nacional. A equipe da SEMURB que estava envolvida com o estudo dos bairros era formada por um corpo técnico interdisciplinar do qual participavam geógrafos, economistas, engenheiros, arquitetos urbanistas, bibliotecárias. Entretanto, eu julgava conveniente uma assessoria especializada na área de História. Dessa forma, procurei o Departamento de História da UFRN para discutir o assunto. No Departamento, fui recebido pelas professoras Carmen Alveal e Fátima Martins e pelo professor Henrique Alonso. A partir das conversas com esses professores, foi elaborado o projeto *Memória Minha Comunidade*³⁶, que tinha o objetivo de desenvolver pesquisas históricas sobre os bairros da cidade de Natal. Esse projeto foi uma parceria voluntária dos professores com a SEMURB, uma vez que a prefeitura não dispunha de recursos financeiros para assessoria técnica. Os professores foram atraídos pela ideia exclusiva de produzir um acervo sobre a história de Natal.

O primeiro bairro trabalhado neste projeto com os professores da UFRN foi o Conjunto Cidade Satélite, localizado no bairro Pitimbu, Zona Sul de Natal. Para realizar o trabalho de pesquisa, a SEMURB contratou alunos do curso de História como estagiários. O trabalho de pesquisa envolveu história oral, investigações em acervos de instituições dos bairros, pesquisas em arquivos privados, análises em álbuns de fotografias cedidos por pessoas do bairro. Além disso, os estagiários ainda fotografaram várias paisagens do cotidiano no bairro.

O trabalho realizado pelos estagiários conseguiu reunir um grande acervo sobre o bairro. A partir de Cidade Satélite, outros bairros também foram pesquisados. O Projeto sobreviveu de 2009 a 2013. No decorrer da ação, o professor Henrique Alonso e a professora Fátima Martins se desligaram do projeto e a professora Carmen Alveal convidou o professor Raimundo Arrais para continuar a atividade com ela.

Entre 2009 e 2013, foram trabalhados três bairros. O resultado desses trabalhos foi a produção de três publicações: *Memória Minha Comunidade: Cidade Satélite* (2010); *Memória Minha Comunidade: Alecrim* (2011) e *Memória Minha Comunidade: Lagoa Azul* (2013). As capas dessas publicações podem ser vistas na *Figura 4*.

³⁶ O Programa Memória Minha Comunidade foi desenvolvido no âmbito da SEMURB, com a orientação de Professores do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte com a finalidade de constituir um acervo sobre a história dos diversos bairros de Natal. Durante o período de existência (2009 a 2013) realizou diversas pesquisas sobre os bairros e chegou a publicar três livros com essa temática. Um sobre o Conjunto Cidade Satélite e os dois sobre os bairros do Alecrim e de Lagoa Azul.

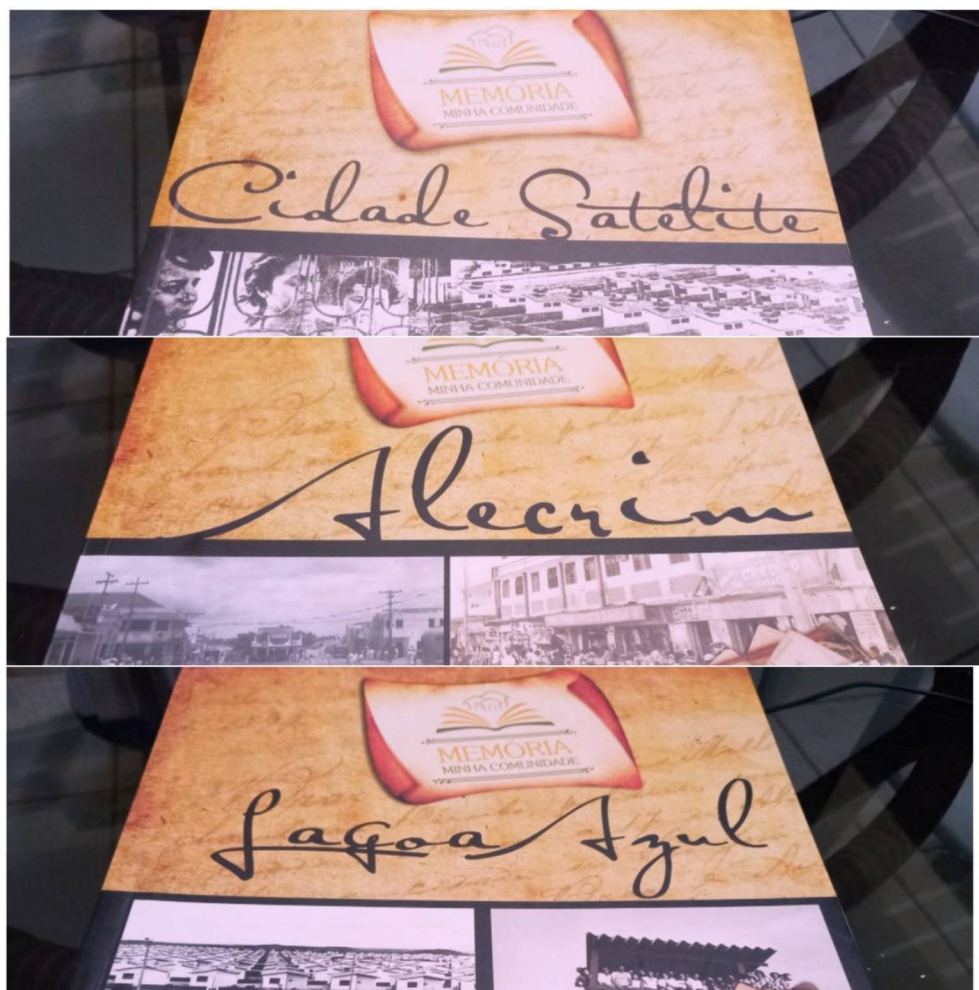


Figura 4: Livros publicados a partir do projeto *Memória Minha Comunidade*. Nas imagens estão os livros dos bairros Cidade Satélite, Alecirim e Lagoa Azul. Acervo pessoal do autor desta dissertação.

O conjunto habitacional Cidade Satélite foi construído em três etapas e ao todo é composto por seis mil casas. As casas foram entregues à comunidade em 1983. Esse conjunto foi construído nos limites de Natal com Parnamirim, em uma região de dunas e lagoas. As ruas na primeira etapa recebem o nome de serras brasileiras e pássaros, na segunda etapa as ruas recebem o nome de rios e na terceira etapa recebe o nome de árvores. No planejamento o Cidade Satélite seria o maior conjunto habitacional da América Latina. Em razão dessa dimensão, a comunidade desde a origem teve que conviver com muitos desafios. Nas primeiras investigações realizadas no âmbito do nosso projeto, ouvimos relatos (dos primeiros moradores) e lemos notícias (nos jornais impressos) que enfatizavam na origem do conjunto muitas casas eram abandonadas por alguns contemplados, em decorrência da distância do conjunto para o centro da cidade. Nas investigações sobre o Cidade Satélite, pude vivenciar muitas descobertas sobre o bairro e métodos de investigação sobre a história local de um bairro relativamente novo.

A pesquisa sobre o Alecrim, bairro centenário da cidade, evidenciou a importância de dois equipamentos públicos para a consolidação da região como lugar de morada. O cemitério e o hospital dos alienados, construções de meados do século XIX, erguidos ainda quando as terras do Alecrim eram de mata, sítios e fazendas. O grande momento de ocupação da região ocorreu com a Segunda Guerra Mundial, momento de um aumento populacional vertiginoso na urbe.

Lagoa Azul, último bairro a ser pesquisado pelo projeto, representa um momento de muitos significados, principalmente, por ter sido sua inclusão no projeto resultado de uma demanda trazida a SEMURB por instituições do próprio bairro. Um bairro localizado na região norte da cidade, formado por loteamentos e conjuntos habitacionais, marcando o período de expansão da urbe pautada nos projetos habitação do antigo BNH, Banco Nacional de Habitação, os dois grandes conjuntos, Gramoré e Nova Natal, construídos no início da década de 1980, compõem marcos de expansão e ocupação da cidade de Natal.

O Projeto *Memória Minha Comunidade* me fez

[...] labutar, por entre, poeiras, revirando velhos manuscritos, documentos, hoje, fontes que dizem mais do que uma carta de amor ou um balancete comercial. O objeto pesquisado não exerce a mesma função de outrora. No tempo presente o olhar do historiador dar voz ao passado através de sua interpretação do documento selecionado. O encontro do documento é um dos momentos de maior felicidade do historiador³⁷

Dos três bairros trabalhados, pude trabalhar com a história local e descobrir muitas nuances da pesquisa e muitas interpretações para as construções e paisagens de cada um dos bairros. Foi uma experiência importante, do ponto de vista da teoria e da metodologia da História. A partir dessa vivência, encontrei pistas importantes para trabalhar com meus alunos da escola básica com a história local. Além disso, as cartilhas produzidas para atender o Projeto da SEMURB também se tornaram documentos valiosos para as minhas aulas, uma vez que pude comparar os resultados dos trabalhos que realizei com as situações concretas encontradas nos bairros nos quais as escolas que eu trabalho estão situadas. Enfim, a experiência na SEMURB favoreceu significativamente o meu trabalho em sala de aula na escola básica.

³⁷ CAPISTRANO, Luciano Fábio Dantas. **Divagações**: memória, fotografia e história. Natal: Sebo Vermelho, 2019. p. 55

CAPÍTULO 2 - A ESCOLA NO BAIRRO, O BAIRRO NA ESCOLA

Este capítulo tem por objetivo situar o espaço da investigação: a Escola Estadual Myriam Coeli e o bairro Lagoa Azul. A meta é apresentar ao leitor que espaços são esses que dão concretude à proposta de trabalho que apresentarei. Ao conhecer a escola e o bairro, o leitor terá condições de dimensionar com maior precisão a partir de que condições objetivas elaborei o meu produto. Construí os acervos sobre a história local – uma das metas do produto elaborado – a partir das atividades propostas com fontes adequadas para o ensino de História numa ação pedagógica dialógica entre o campo das ciências humanas, tal como orienta a LDB.

2.1 - A ESCOLA MYRIAM COELI

A Escola Estadual Myriam Coeli foi criada pelo Decreto de nº 8.829, datado de 23 de dezembro de 1983, publicado no Diário Oficial do Rio Grande do Norte, sob nº 5.722, 27 de dezembro de 1983. O Decreto foi assinado pelo então governador José Agripino Maia e pelo professor Hélio Xavier de Vasconcelos, Secretário de Educação. A inauguração da escola ocorreu no mês de março de 1984 e primeira diretora foi a professora Asta Maria de Albuquerque.

Entre 1984 e 1989 a Myriam Coeli ofertou apenas os anos iniciais do Ensino Fundamental. Essa oferta foi ampliada, por meio do Decreto nº 10.410/89, publicado no Diário Oficial de 26 de junho de 1989, para atender também os anos finais do Ensino Fundamental. Em 2019, mais uma vez a oferta foi ampliada e passou a ofertar o Novo Ensino Médio.

Atualmente a escola funciona nos três turnos (matutino, vespertino e noturno) e possui em seu quadro 53 (cinquenta e três) profissionais do magistério. Professoras e professores dos diversos campos do conhecimento, a saber: Física, Química, Geografia, Eletiva, Matemática, História, Biologia, Projeto de Vida, Língua Portuguesa, Filosofia, Sociologia, Educação Física, Arte, Língua Inglesa e Língua Espanhola.

Ao pontuar, inicialmente, os diversos componentes curriculares, o faço com a finalidade de deixar claro a inserção da escola nos trilhos propostos no novo ensino médio a partir das reformulações da LDB, como já foi dito e será sempre lembrado ao longo do texto. Penso, ser assim, uma parte importante para a compreensão do espaço escolar e as ações propostas no produto apresentado em forma de apêndice.

Na trajetória escrita me reportarei aos aspectos físicos e histórico da escola. Nos próximos passos da dissertação, como num movimento de ondas, em idas e voltas, sobre a

escola e o bairro. A história da escola se insere na criação do Conjunto Habitacional Nova Natal, assim, mais adiante faço referências a estes encontros, escola e conjunto, numa ação para melhor entendermos os motivos da escolha da temática dessa dissertação.

A partir de 2007 assumi a disciplina História na Escola Estadual Myriam Coeli, localizada no conjunto Nova Natal, no bairro de Lagoa Azul. O meu primeiro ano na escola foi também o último ano de funcionamento do turno intermediário, no qual eu ministrava as minhas aulas. No segundo ano, eu trabalhei nos turnos vespertino e noturno, o que me possibilitou vivenciar a experiência de realidades distintas, apesar de lecionar na mesma escola. De 2007 até hoje são 14 anos de minha convivência na escola.

Lembro a primeira vez que entrei na escola: 5 de junho de 2007. No meu contato inicial fui à sala da diretora e a primeira imagem com que me deparei foi uma tela com a pintura do retrato da poetisa Myriam Coeli, patrona da escola, pintada pelo artista Edson Moura, na época vice-diretor da escola. A pintura da poetisa me deixou um convite para viver a poesia na escola.



Figura 5: Retrato de Myriam Coeli por Edson Moura. Acervo do autor da dissertação.

O nome da escola é uma homenagem a Myriam Coeli de Araújo Dantas da Silveira, uma poetisa que nasceu em Manaus no dia 19 de novembro de 1926 e faleceu em Natal a 21 de fevereiro de 1982. Myriam Coeli apesar de ter nascido em Manaus, ainda criança mudou-se para São José de Mipibu, no Rio Grande do Norte. Além de poetisa, Miriam era jornalista, professora, mulher, esposa do jornalista Celso da Silveira e mãe do professor Eli Celso da Silveira. Trabalhou nos jornais *A República* e no *Diário de Natal*, destacando-se desde a década de 1950 por abrir espaço nas redações dos jornais diários para o sexo feminino. Ela foi, inclusive, a primeira mulher a escrever à noite nas redações dos jornais.

Numa época em que Natal se expandia para além do Loteamento Reforma, hoje bairro Felipe Camarão; o Alecrim, bairro centenário, consolidava se como lugar de morada e comércio, nas palavras do professor Itamar de Sousa, *O Cais do Sertão*; a espoliação imobiliária chegava às portas do cemitério da cidade, como alertava nosso historiador Luís da Câmara Cascudo; para o deleite dos natalenses, a imprensa diária publicava crônicas de Myriam Coeli, dona de uma escrita tradutora do ser humano.

Manoel Onofre, em *Literatura e Província*, nos informa: “Não temos receio de afirmar: Myriam Coeli é um dos mais altos valores da Literatura brasileira contemporânea. Juntamente com Zila Mamede representa, hoje, a melhor contribuição do nosso Estado, em termos de poesia de mulher, para as letras nacionais”. Concordo com o mestre Onofre, homem das letras que se fez Desembargador. Myriam Coeli é sim um valioso expoente das letras potiguaras.

Myriam Coeli nomina a Escola Estadual Myriam Coeli, instituição inaugurada em 1984, instituição localizada a rua dos Coroás, no Conjunto Habitacional Nova Natal. Em termos de estrutura física, a escola possui: 12 salas de aula; um auditório para 70 pessoas; um laboratório de Ciências Naturais e outro laboratório de Artes; uma sala de multimídias e uma sala de multimeios, essa com uma professora que faz o acompanhamento de alunos com necessidades especiais; uma quadra de esportes; uma biblioteca e uma sala de informática, ambas com o funcionamento comprometido por falta de pessoal especializado ou por condições deficientes de manutenção das instalações e equipamentos. Em 2020, a escola tinha mil discentes matriculados do ensino médio regular, distribuídos nos três turnos.³⁸

A infraestrutura da escola tem possibilitado bom acolhimento das turmas, apenas abro um parêntese para me referir às instalações elétricas e hidráulicas antigas e ao longo do tempo não se realizou uma reforma completa, apenas reparos pontuais. Isso acarreta, por exemplo,

³⁸ Cf. <https://novo.qedu.org.br/escola/24060100-ee-myriam-coeli-ens-de-1-e-2-graus> acessado em 20/08/2021.

no laboratório de Ciências Naturais, a instabilidade do ar-condicionado além de ainda não termos todas as salas com refrigeração ambiente deixando, principalmente o turno vespertino em determinados horários no calor “insuportável” .



Figura 6: “Meu Olhar Sobre a Escola Estadual Myriam Coeli”. Fotógrafo: Luciano Capistrano – março/2018. Acervo do autor da dissertação.

Logo nas primeiras aulas que ministrei em 2007 na escola Myriam Coeli, chamaram-me a atenção duas grandes questões relacionadas a lugares no entorno da escola. A primeira questão foi a forma como os alunos moradores do Nova Natal se relacionavam de maneira preconceituosa com os discentes que moravam nos arredores do conjunto em terrenos de posse, ou seja, havia um preconceito com pessoas que haviam construído suas casas em terrenos que não lhes pertenciam. A segunda questão foi a transformação de uma rua de residências em uma grande avenida de comércio popular.

No que se refere à primeira questão, observei que os alunos que moravam no conjunto Nova Natal desvalorizavam os alunos que moravam em terrenos de posse. Era como se o fato de morar em posse fosse algo que inferiorizasse as pessoas. Era como se o caráter e a honra dos alunos posseiros fossem abalados pela condição de moradia deles. Achei que historicamente poderíamos trabalhar com essa questão, tentando mostrar aos alunos tanto porque as pessoas no Brasil eram obrigadas a morar em terrenos de posse, quanto para mostrar que ao longo da história outros povos tinham sofrido muito em razão de preconceitos.

No tocante à segunda questão, chamou-se atenção o fato da avenida Chegança, uma das principais ruas do conjunto Nova Natal, ter se transformado em um espaço puramente comercial. Essa avenida na origem do conjunto era composta exclusivamente por residências. Gradativamente foi se instalando na avenida uma pequena feira realizada aos domingos. Da feira surgiram pequenos pontos comerciais e no final toda a avenida se transformou exclusivamente em pontos comerciais, além de no domingo receber a maior feira da zona norte da cidade. A avenida da Chegança hoje é um grande comércio popular – que lembra o bairro do Alecrim em Natal e a rua 25 de Março em São Paulo. Produtos das mais diversas naturezas estão expostos em lojas, em pontos de camelô e nas barracas da feira. A avenida Chegança é hoje o grande centro comercial popular de todo o bairro Lagoa Azul. Essa situação despertou meu interesse, uma vez que um determinado espaço teve sua função social completamente alterada. Esse tema deveria ser discutido historicamente com os alunos. Seria interessante eles perceberem que os espaços são construídos culturalmente e o exemplo da Chegança diz respeito diretamente a eles, o que aparecia como um grande tema para ser investigado.

Nos dois casos – o preconceito com alunos que moravam em terrenos de posses e a transformação da função da avenida da Chegança – identifiquei construções de relações identitárias relacionadas ao local de vivência dos alunos. A partir dessa identificação, inseri essa discussão no meu programa de História, trazendo a discussão da história local para a sala de aula desde os meus primeiros anos na escola Myriam Coeli.

No que se refere ao tema relacionado aos preconceitos com os alunos posseiros, resolvi fazer algumas atividades que articulassem temas da história com a situação de preconceito que eu havia identificado. Assim, passei a trabalhar em minhas aulas com quatro conceitos: fronteiras, civilização, bárbaros e preconceitos. Com o conceito de fronteiras, trabalhei a ideia de como diferentes sociedades criam fronteiras e estabelecem separações entre povos; com os conceitos de barbárie e civilização, discuti como historicamente alguns povos se consideravam civilizados e julgavam que os outros bárbaros; com o conceito de preconceito discuti como ao longo da história determinados povos haviam tratado outros povos como inferiores por apresentarem características que não se coadunavam com o perfil dos grupos dominantes. No bojo da discussão sobre situações históricas em que esses conceitos apareciam, abordei o preconceito dos alunos do Nova Natal com os alunos que moravam nos terrenos de posse. O exercício foi muito instigante e os alunos se interessaram pela temática discutida.

No que diz respeito à temática das mudanças nas funções dos espaços, eu trabalhei com dois conceitos: espaço e comércio. Ao trabalhar com o conceito de espaço eu apresentei várias situações históricas que levaram determinados espaços a mudarem completamente sua função. A ideia era desnaturalizar o espaço, ultrapassar a noção de que uma determinada característica que a marca foi sempre de uma mesma forma. Na discussão sobre o conceito do comércio, procurei situações históricas que explicam o que fez surgir o comércio e o associei com as características que ele assume no capitalismo. Também discuti a ideia de consumo. Ao longo do trabalho com esses dois conceitos procurei mostrar a forma como o comércio na sociedade capitalista prospera em diferentes esferas da sociedade.

Com os trabalhos que realizei em torno dos preconceitos com os posseiros e da transformação da avenida da Chegança em comércio, realizei minhas primeiras ações mais consistentes relacionadas à história local. O trabalho foi embrionário, mas mostrou a potencialidade do tema na escola básica.

A partir dessa atividade com história local na escola Myriam Coeli passei a perceber a riqueza que seria para os meus alunos se conseguíssemos trabalhar com histórias que acontecem no bairro em que vivem, que estão fora da sala de aula, mas estão imbricadas no cotidiano deles. Percebi a necessidade de fazer da sala de aula um lugar de profícuos diálogos sobre a cidade, o bairro. Pensar a necessidade de elaboração de fontes para a história local.

Abordando a temática da história das cidades no âmbito do ensino de História, assim se pronunciou o professor Raimundo Arrais:

O professor deve **estimular o aluno a interessar-se pela pesquisa das coisas da sua cidade, motivando-o a procurar documentos que sirvam ao conhecimento da história da cidade e ao estudo dos seus problemas e das suas particularidades nos dias atuais.** As amplas possibilidades de exploração da pesquisa sobre e na cidade podem propiciar ao aluno o prazer das **descobertas de elementos relacionados à sua vida, à vida de seus parentes, vizinhos e amigos, levando-o ao reconhecimento de seus laços de pertencimento com a coletividade,** despertando nele o gosto pela discussão dos temas do cotidiano da cidade, permitindo-lhe, dessa forma, experiências de práticas cidadãs³⁹.

Encantar os alunos com saberes sobre o bairro e a comunidade onde moram e estudam é o que aponta o professor Arrais. Inspirado nessa proposta de encantamento, procuro neste trabalho encantar os alunos e as alunas da escola Myriam Coeli a encontrar nas histórias da

³⁹ ARRAIS, Raimundo Pereira Alencar. As identidades das cidades. In: VIANA, Hélder Nascimento; ROCHA, Raimundo Nonato Araújo da; ARRAIS, Raimundo Pereira Alencar (org.). **Cidade e diversidade: Itinerários para a produção de materiais didáticos em História.** Natal: EDUFRRN, 2012.

própria escola, do conjunto Nova Natal e do bairro Lagoa Azul, lugares propícios para estudar história. A ideia é que as fontes disponíveis sobre a história local possibilitem ações pedagógicas ativas que levem os alunos a se sentirem construtores do conhecimento histórico e a descobrirem relações identitárias com os lugares que vivem. Sobre o trabalho em sala com fontes diz a professora Verena Alberti:

Porque as fontes são tão centrais no trabalho do historiador é que elas permitem que alunos e alunas ampliem seu conhecimento histórico. Fontes estimulantes que possam engajar nossos estudantes na direção do tema estudado e permitam explorar a complexidade do passado abrem espaço para o aprendizado efetivo. Elas são indícios de situações vividas e da diversidade de formas de ser e de agir⁴⁰.

Conhecer o local de morada e de estudo através das fontes históricas elaboradas pelos próprios estudantes este é o caminho proposto ao longo deste trabalho que será melhor apresentado mais adiante, agora fiquemos com o Bairro Lagoa Azul, meu lugar de ofício do magistério.

2.2 - O BAIRRO LAGOA AZUL

Em 1958, com uma população estimada 167.202 habitantes,⁴¹ Natal foi dividida em 12 bairros: Santos Reis, Rocas, Ribeira, Cidade Alta, Petrópolis, Tirol, Alecrim, Lagoa Seca; Lagoa Nova, Dix-Sept Rosado, Quintas e Mãe Luiza⁴². A cidade, provinciana até os anos 1940, tinha sofrido um grande impacto em razão da Segunda Guerra Mundial, uma vez que este conflito motivara a instalação da base militar de Parnamirim e, conseqüentemente, a chegada de milhares de soldados estrangeiros. Quando, em 1958, o poder público dividiu a cidade em bairros, buscava encontrar uma alternativa para adaptar-se às novas exigências sociais de uma cidade que havia crescido com a Guerra, mas não tinha se organizado administrativamente para gerir as novas demandas provenientes do crescimento urbano.

Nas décadas de 1950 e 1960, o que se percebe em Natal é um crescimento da população, sem uma preocupação do poder público de construir moradias. Câmara Cascudo, por exemplo, em sua *História da Cidade do Natal*, chama a atenção para o fato de que as

⁴⁰ ALBERTI, Verena. Fontes In: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (org.). **Dicionário de ensino de história**. Rio de Janeiro: FGV, 2019.

⁴¹ Conforme estimativa do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em sua Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. Rio de Janeiro: IBGE, 1960. v..17.

⁴² Os 11 (onze) primeiros bairros foram criados conforme a Lei nº 251 de 30 de setembro de 1947 e o bairro de Mãe Luiza foi criado pela Lei nº 794 de 23 de janeiro de 1958.

terras do bairro do Alecrim estavam sofrendo com a especulação imobiliária. O bairro das Quintas tornou-se um espaço que abrigava parte da população excluída da região central da cidade. O agrimensor Poliedri, que em 1903 havia planejado a cidade, imaginou novos lugares de moradia para a população mais abastada nos bairros de Tirol e Petrópolis, mas não propôs espaços para as populações mais pobres.

Nesse cenário descrito, não há referência ao que acontecia “do outro lado do rio”, região que hoje é identificada como zona norte da cidade. Aduato Severino Alves, que se tornou morador, no final da década de 1950, das terras hoje ocupadas pelo Bairro Lagoa Azul, concedeu uma entrevista a mim descrevendo a sua percepção sobre aquela parte da cidade. Nascido no município de Ceará Mirim, Alves chegou com 14 anos de idade nas terras às margens da Lagoa Azul, veio com uma irmã e sua mãe. Abandonados pelo pai, sua mãe assumiu a responsabilidade de criar os filhos. Trabalhadora, comprou um terreno, e nos primeiros anos da década de 1960, iniciou a produção de produtos agrícolas para venda nos mercados da Natal. Alves narra que, naquele período, essa região que hoje é o Bairro Lagoa Azul era praticamente desabitada. Ele e sua família trabalhavam na produção hortigranjeira e trazia os seus produtos em caçuás nos cavalos para serem comercializados no mercado público da Cidade Alta. Alves ainda hoje é um personagem importante na história do Gramorezinho e, conseqüentemente, do bairro Lagoa Azul, cuidando de seu plantio de hortaliça, como pode ser visto na imagem a seguir:



Figura 7: Senhor Aduato, um dos agricultores de Gramorezinho . Acervo SEMURB.

A rotina diária de Alves é cuidar dos palanques de hortaliças e nas madrugadas, com chuva ou sem chuva. Nos anos 1960 essa rotina era completada com o transporte em caçuás⁴³, nas cangalhas dos cavalos, da produção para vender no mercado da Cidade Alta⁴⁴. A família do senhor Aduino e outros agricultores faziam o percurso semanal de travessia da antiga ponte de Igapó, a ponte de ferro, uma verdadeira aventura. Perguntado sobre o seu cotidiano na década de 1960, assim relata o senhor Aduino Severino Alves:

Era eu mesmo que vendia os produtos no mercado da Cidade Alta. Aquele mercado que ficava na rua Rio Branco. O mercado que tocaram fogo e no lugar construíram o Banco do Brasil. O produto era levado para Natal de duas maneiras: às vezes nós carregávamos a mercadoria aqui no Gramoezinho e eu levava para Passagem da Vila, hoje Extremoz. Em Passagem da Vila, colocávamos tudo em um caminhão que transportava tudo para o mercado da Cidade Alta ou para o Mercado Central, que ficava na avenida Três, no Alecrim. Outras vezes nós íamos a cavalo de Gramoezinho para Natal. Cada um num cavalo com uma carga pesada. Nós atravessávamos o rio Potengi pela Ponte de ferro de Igapó. Eu passei muito tempo levando produtos para os mercados de Natal. Eu levava alface, pimentão, tomate. No inverno, chovendo, era horrível! [...] A chuva grossa e a gente em cima da carga no animal para ganhar o pão do dia a dia. Na travessia da ponte, às vezes, se perdia o animal. Um amigo meu, por exemplo, perdeu o animal nessa ponte. O cavalo dele caiu com a carga e quebrou o pescoço. Escorregou, caiu com a carga por cima do pescoço e quebrou. O meu amigo ficou sem o animal⁴⁵

Segundo Alves, ainda hoje morador no bairro Lagoa Azul, ele atravessava o Rio Potengi – vindo das suas terras para vender os produtos no centro de Natal – pela ponte que havia sido inaugurada em 1916. Essa ponte pode ser lembrada nas imagens registradas na década de 1960 por Jaeci Galvão, antigo fotógrafo da cidade.

⁴³ Caçuá é um cesto grande e comprido feito de vime, de cipó ou de bambu. Esse cesto possui alças para prender às cangalhas do cavalo, do boi ou do burro. Nos cacuás, em geral, são transportados diversos produtos.

⁴⁴ O mercado da Cidade Alta era localizado no mesmo espaço onde hoje está localizado a agência do Banco do Brasil da avenida Rio Branco.

⁴⁵ ALVES, Aduino Severino. Aduino Severino Alves: **Depoimento** [junho, 2012]. Acervo: SEMURB.



Figura 8: Ponte de ferro de Igapó inaugurada em 1916. Fotografia: Jaeci Emereciano Galvão década de 1960. Acervo IBGE

Ainda na narrativa de Alves, a população de Natal só passou a ocupar sistematicamente os territórios além-ponte na década de 1970. Dessa década aos nossos dias a cidade cresceu muito, a zona norte (na qual está o bairro Lagoa Azul) passou a abrigar um grande contingente populacional e os municípios de São Gonçalo do Amarante e Extremoz tornaram-se uma extensão de Natal. Dos 12 bairros existentes no início da década de 1960, hoje a cidade conta 36 bairros⁴⁶, distribuídos nas quatro zonas administrativas: Sul, Leste, Oeste e Norte.

O bairro Lagoa Azul, especificamente, é formado pelos conjuntos habitacionais Nova Natal, Gramoré, Cidade Praia e Eldorado, além de vários loteamentos legalizados, comunidades formadas em áreas sem posses legalizadas e Gramorezinho. Pode-se afirmar que no Lagoa Azul existem aglomerados urbanos, que vão dos conjuntos habitacionais, projetados nas décadas de 1980/1990, aos loteamentos e ocupações ordenadas e desordenadas. Esse bairro faz parte da região administrativa norte da cidade de Natal e apresenta os seguintes limites geográficos: ao norte, o município de Extremoz; ao sul os bairros de Pajuçara e do

⁴⁶ Para saber mais sobre a legislação que criou os diversos bairros de Natal a SEMURB publicou uma cartilha sobre os bairros. Existe uma versão digital disponível no site da Prefeitura do Natal.

Potengi; a leste Extremoz e o bairro de Pajuçara; e, a oeste, o município de São Gonçalo do Amarante e o bairro de Nossa Senhora da Apresentação. Esses limites do bairro foram definidos pela Lei Municipal nº 4.328, de 5 de abril de 1993. Apesar de ter nos seus limites uma Zona de Proteção Ambiental, na qual existe um complexo de lagoas e dunas ao longo do rio Doce, não existe nenhum trabalho efetivo com a população sobre a importância da região.⁴⁷

O bairro Lagoa Azul tem uma extensão territorial de 1.167.46 (um milhão, cento e sessenta e sete mil e quarenta e seis) hectares, o maior da cidade de Natal. A população do bairro, em 2020, foi estimada em 68.039 (sessenta e oito mil e trinta e nove) habitantes⁴⁸. Apesar da intensa presença urbana no bairro, existe uma área com características rurais, trata-se das terras do Gramorezinho, reduto da agricultura praticada em Natal. Em todas as feiras e supermercados da cidade de Natal, ainda hoje, podem ser encontrados produtos orgânicos produzidos no Gramorezinho. Além da agricultura, no Gramorezinho ainda é possível encontrar pescadores que jogam a sua rede na lagoa Azul, reforçando o aspecto rural do local, como pode ser visto na imagem a seguir:



Figura 9: Pescador joga a rede na Lagoa Azul. Acervo do autor dessa dissertação.

⁴⁷ O bairro Lagoa Azul se insere na Zona de Adensamento Básico, estabelecida no macrozoneamento da Lei Complementar nº 082 de 21 de junho de 2007, em seu capítulo I. Esta Lei dispõe sobre o Plano Diretor de Natal (PDN/2007) (CAPISTRANO, Luciano Fábio Dantas. *Memória minha comunidade: Lagoa Azul*. Natal: SEMURB, 2013. p. 186).

⁴⁸ *Ibid.*, p. 175.

O bairro Lagoa Azul, propriamente dito, só começou a se formar no final da década de 1970, quando foi iniciado – pela Companhia de Habitação popular do Rio Grande do Norte (COHAB/RN), com financiamento do Banco Nacional de Habitação (BNH) – um projeto de expansão de moradias populares em Natal, dando origem a construção de vários conjuntos habitacionais.

O sonho da casa própria de muitas famílias das classes populares se concretizou nos conjuntos habitacionais construídos na região que hoje compõe o bairro Lagoa Azul. Esse é o caso da senhora Maria Rosinelba da Silva, que hoje reside em uma casa construída em loteamento no Lagoa Azul. Segundo a depoente:

Eu morava de aluguel na avenida Romualdo Galvão, em Lagoa Seca, perto do DNER. Era um lugar muito agitado e, por isso, não era adequado pra criar crianças. Além disso eu tinha o sonho de investir em minha casa. Se eu fosse ficar acomodada em Lagoa Seca, eu estava até hoje morando lá. [...] Além disso, eu queria uma casa minha mesmo para que eu pudesse trazer os meus irmãos do interior. A casa alugada em Lagoa Seca não tinha condições de receber ninguém. Então, eu consegui um terreno no Lagoa Azul e fui fazendo aos poucos a minha casinha. Com a casa pronta, fui trazendo meus irmãos. Trouxe de um em um. Eles foram estudar, depois arrumaram emprego e hoje estão todos aqui em Natal ⁴⁹

O depoimento de Rosinelba Silva expressa as razões que levaram muitas famílias a ocuparem a região hoje identificada como o Bairro Lagoa Azul. O motivo principal para as famílias saírem dos bairros centrais para a Zona Norte foi o sonho da casa própria. Nos depoimentos que coletei, identifiquei que as primeiras famílias que chegaram nos conjuntos habitacionais e loteamentos na região do Lagoa Azul teciam redes de apoio para conseguir se fixar no lugar. Nos primeiros anos de moradia, tudo era distante: o mercado, a farmácia, o emprego e o transporte coletivo. Os dois maiores conjuntos habitacionais do Lagoa Azul são o Nova Natal e o Gramoré. Eles foram entregues sem uma infraestrutura de apoio, linhas de ônibus, posto de saúde, delegacias de polícia, tudo era muito distante. Os moradores dos conjuntos Gramoré e Nova Natal, por exemplo, tinham de caminhar até a estrada da Redinha para pegar um ônibus para o centro de Natal.

Nos arquivos do antigo DATANORTE, encontrei uma série de fotografias desses dois conjuntos, que retratam como eram os conjuntos logo depois da entrega das casas. A figura abaixo mostra uma parte do conjunto Gramoré quando ele foi entregue.

⁴⁹ SILVA, Maria Rosinelba da. **Depoimento** [junho, 2012]. Acervo SEMURB.

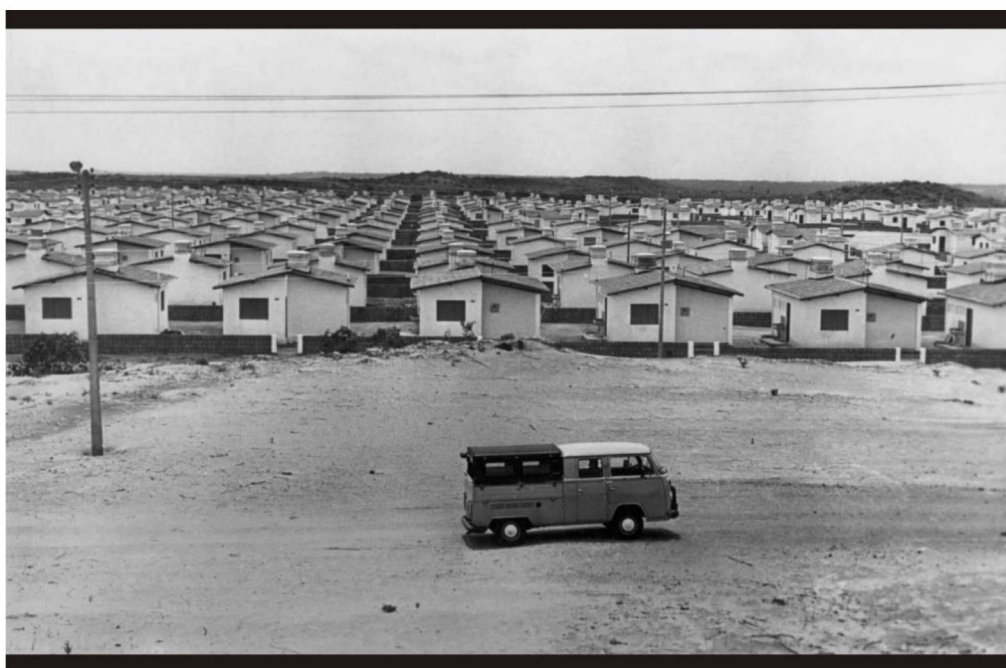


Figura 10: Conjunto Gramoré/1983. Acervo SEMURB.

Apesar das dificuldades existentes, sobretudo no início, o movimento de ocupação do espaço hoje denominado Lagoa Azul, seguiu em ritmo acelerado e liderado pela COHAB. A ideia era construir e levar as famílias a ocupar os novos espaços, mesmo que isso significasse o distanciamento dos locais de emprego.

Nos primeiros anos de habitação maciça da região hoje definida como Lagoa Azul, as casas eram ocupadas como dormitório. As pessoas saíam de casa pela manhã e só voltavam à noite para dormir. Narrativas sobre essa questão eram muito escutadas pelos professores do noturno. Os alunos reclamavam nas aulas do cansaço. Diziam que trabalhavam longe e à noite vinham direto para escola. Lembro de uma aluna do noturno que certa vez me relatou que tinha uma jornada diária muito pesada. Ela saía de casa antes das cinco horas da manhã e só voltava às 19 horas. Descia do ônibus e ia para a escola. Para casa mesmo, só depois das 22 horas. Certo dia, essa aluna afirmou ter subido no ônibus às 5 horas da manhã e adormecido no ônibus. Ela dormiu tanto que fez todo o percurso do ônibus e quando acordou estava de volta na mesma parada que havia subido. Foi terrível! Ela teve meio dia descontado do seu salário.

Nas primeiras décadas da ocupação da região hoje conhecida com Lagoa Azul, a vida não era fácil. A falta de infraestrutura urbana e a dificuldade com transporte coletivo,

provocaram um movimento de abandono e venda dos imóveis entregues pela COHAB. A senhora Francisca das Chagas de Sousa Vieira, por exemplo, uma das primeiras moradoras do conjunto Nova Natal, relatou esse abandono das casas da seguinte maneira:

No início do Nova Natal, muitos vendiam suas casas e voltavam a morar em casa alugada perto do centro de Natal. Entretanto, existiam pessoas que vendiam as casas e se apossavam de pedaços de terra no loteamento José Sarney e no loteamento Esperança. Eles achavam que era melhor morar em uma casa sem pagar nada. Outros simplesmente não gostavam do lugar e abandonavam a casa. Nesses casos, a COHAB retomava a posse e depois transferia a casa para outra pessoa⁵⁰

Ainda sobre as dificuldades de infraestrutura urbana existente na região do Lagoa Azul no início da sua ocupação, O jornal *A Ponte*⁵¹, que circulou na década de 1990, em sua edição de número dois, publicou o depoimento de Manoel Moura, líder comunitário da região no período em destaque. Segundo Moura,

Há poucos meses foram construídos mais dois aglomerados de casas, vizinho ao Gramoré: o Eldorado e o Núcleo Habitacional. Apesar de todo o alarde feito pelo Governo do Estado, esses lugares não têm a menor infraestrutura de habitação. Além dos conjuntos, ainda existe as casas de posse que cada dia proliferam ao redor do conjunto. As casas crescem, mas estrutura não existe⁵².

Esse era o cenário dos conjuntos habitacionais quando os primeiros moradores chegaram para morar em suas residências. Tempos de sonhos e desafios, enfrentados por aqueles que fizeram o território da Zona Norte de Natal ter a feitura espacial de hoje. Os movimentos comunitários e suas representações, como a do senhor Manoel Moura, eram vozes a mediar os embates entre os gestores públicos e as comunidades.

Os conjuntos habitacionais Gramoré e Nova Natal, por suas dimensões, são sem dúvidas as localidades polos do bairro. Nessas unidades habitacionais, encontramos as maiores escolas e equipamentos públicos. O Ginásio Poliesportivo Deputado Nélio Dias, é um exemplo. Com capacidade para dez mil pessoas, tem a assinatura do arquiteto Moacir Gomes da Costa, que entre outras obras, foi o responsável pelas linhas onduladas do antigo estádio “Machadão”, o velho “Castelão” praça esportiva substituída pelo Arena das Dunas sede da Copa de 2014. Bem, voltemos ao conjunto Nova Natal, local da escola.

Em Nova Natal, existe uma avenida que pulsa "vidas". Refiro-me à avenida da Chegança, lugar de sociabilidade, daquele conjunto habitacional, localizado no bairro de

⁵⁰ SILVA, Expedito Julião da. **Depoimento** [junho, 2012]. Acervo SEMURB.

⁵¹ O jornal *A Ponte* foi editado pelo jornalista Walter Medeiros. O periódico teve existência efêmera, sobrevivendo até 1992. Durante o período em que existiu, divulgou os clamores comunitários da Zona Norte de Natal. A redação do jornal funcionava no conjunto habitacional Panatis, mas a impressão era feita nas oficinas gráficas do Diário de Natal. Nas páginas desse jornal são encontradas reportagens e matérias sobre o movimento que almejava que a zona norte fosse emancipada politicamente de Natal.

⁵² GRAMORÉ, *A Ponte*, ano I, n. 2, abr. 1992, p. 6.

Lagoa Azul, região norte da cidade de Natal. Quando iniciei meu fazer pedagógico na Escola Estadual Myriam Coeli, passei a frequentar mais intensamente essa avenida, que se constitui na verdade, no centro econômico muito além do conjunto, transformou-se ao longo do tempo numa referência comercial do bairro. Falar na Chegança é dizer de um lugar a povoar o imaginário da comunidade equivalente ao relógio do Alecrim.

Os moradores possuem uma relação de pertença, de memória com a avenida do comércio, da feira, do desfile de 07 de setembro, das conversas nas esquinas, dos encontros, enfim, existe uma relação afetiva da comunidade ou para além da comunidade, com a bela avenida repleta de histórias. Como diz a poesia, no meio do caminho tem uma Nova Natal:

Nova Natal
 Dos Caboclinhos
 Chegarei
 A Chegança
 Irei na nau catarineira
 Descrita pelo mestre Deífilo
 Navegarei em agitadas águas
 Beberei
 Da cultura popular
 Onde
 Jogarei a âncora
 Em sua feira
 Habitat de humanidade
 Diversa, plural
 Do Gramorezinho
 A Boa Esperança
 No meio do caminho
 Tem uma
 Nova Natal.
 (Luciano Capistrano – Não publicado)

O comércio de rua lembra o Alecrim, suas lojas, as calçadas com a exposição de produtos, os vendedores a oferecer aos transeuntes produtos e serviços, um corre, corre, de gente de um lado a outro, podemos até dizer, parafraseando o slogan comercial do Alecrim, "na Chegança, tudo encontra".

A feira de todos os domingos exerce papel fundamental na construção da avenida da Chegança, como polo comercial, neste ponto, encontra-se mais um elo de aproximação com o bairro do Alecrim.

Uma corrente de pequenos e médios comerciantes, a produzirem rendas e receitas, desse modo contribuindo para o erário municipal e, claro, empregando considerável contingente de mão de obra, antes obrigada a atravessar a ponte, hoje, fazendo parte dos

trabalhadores do próprio bairro, não sendo necessário o deslocamento para o "outro lado" da cidade.

Contemporaneamente, o Lagoa Azul tem peculiaridades no que se refere à cultura. Entre as suas manifestações culturais, destaco o “desfile do 7 de setembro”, que acontece no conjunto Nova Natal e a feira desse bairro, que acontece aos domingos, na avenida da Chegança. O Desfile do 7 de setembro se consolidou como uma tradição que se mantém há mais de trinta anos.

O desfile acontece todos os anos na avenida da Chegança, que se torna palco do encontro das escolas públicas e privadas, que com as suas bandas de música fazem um grande espetáculo. Selecionei algumas imagens desse desfile para mostrar as representações apresentadas pelas escolas. Na Figura 11 pode ser encontrada uma primeira ideia apresentada no desfile.



Figura 11: Aspecto do 7 de setembro de 2015, na avenida da Chegança, conjunto Nova Natal. Acervo do autor dessa dissertação.

O que se pode perceber na imagem é que se reforça localmente representações consolidadas sobre os heróis nacionais. As duas alunas, devidamente vestidas (observar o padrão das roupas das duas garotas) para a ocasião, seguram uma faixa com os seguintes dizeres: “eles fizeram história”. Na mesma faixa estão as fotografias de três brasileiros que – na lógica da faixa – fizeram história: Zumbi, Lampião, Cascudo e Luiz Gonzaga. Percebam

que a celebração não leva em consideração aspectos do local que poderiam ser apresentados como dignos de fazerem história.

Em 2016, o desfile de 7 de setembro trouxe dois garotos trazendo a faixa “artes e biodiversidade em defesa do ambiente”. Não fica claro qual a associação há entre esses dois elementos, nem a relação deles com o bairro e com a vida das pessoas comuns. Tudo parece ser uma imensa exaltação à nação. Por outro lado, o bairro Lagoa Azul possui uma grande diversidade ambiental, sendo inserida em seus limites a Zona de Proteção Ambiental – 09, a qual é composta pelo rio Doce e um conjunto de lagoas, inclusive, a Lagoa Azul que nomeia o bairro.

Estes aspectos ambientais e culturais fazem parte do bairro e são um campo fértil para as temáticas trabalhadas em sala de aula na perspectiva dialógica entre as Ciências Humanas e Naturais, dando ao corpo docente a possibilidade de realizar planos de aulas interdisciplinares. É este olhar sobre a comunidade onde se localiza a escola que pretendemos seguir.

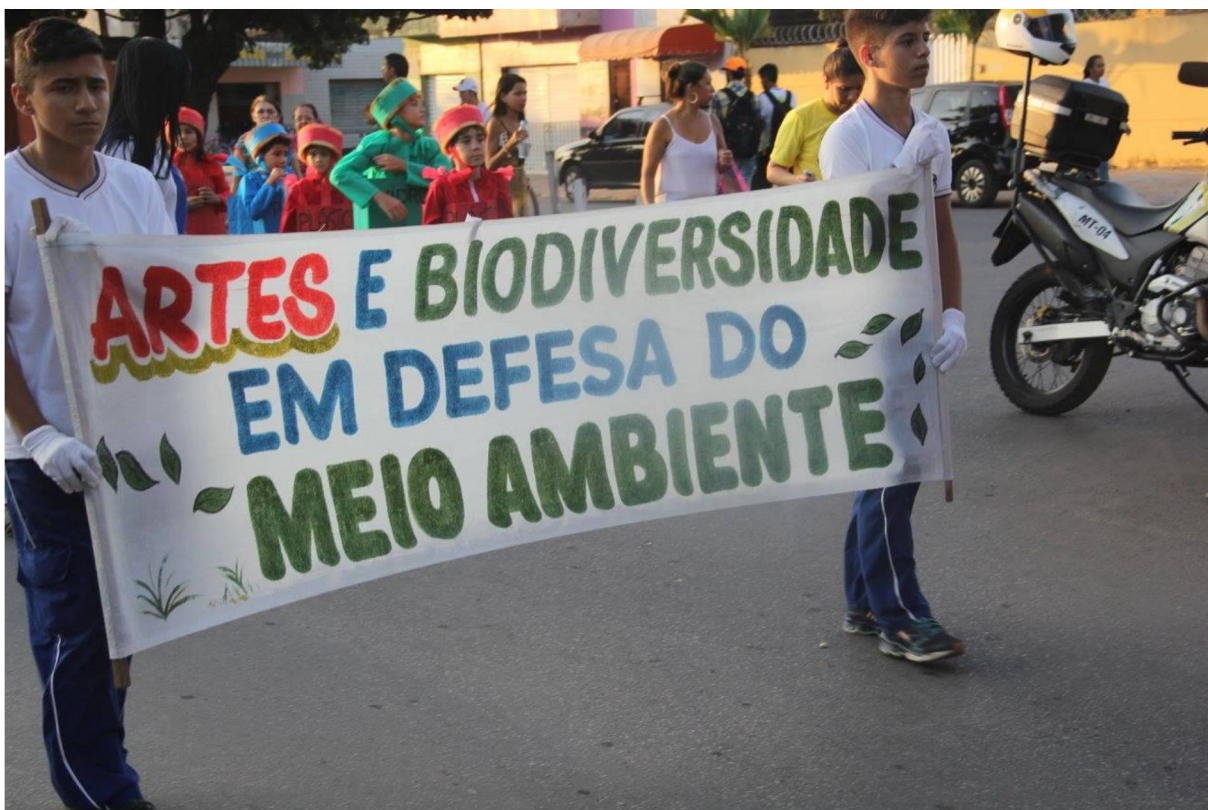


Figura 12: Desfile de 7 de setembro em 2016, na avenida da Chegança, conjunto Nova Natal. Acervo do autor dessa dissertação.

Ainda no desfile de 2015, uma escola se apresentou como um grupo dançando capoeira (figura 13). Na apresentação não ficava clara qual a relação entre capoeira, desfile cívico e

Nova Natal. Ao que tudo indica, a capoeira estava sendo apresentada como mera ilustração do desfile. O que nos deixou inquietos também por ser as ruas do conjunto Nova Natal nomeadas em homenagem aos folguedos populares. Andar pelas ruas do conjunto é vivenciar a cada placa exposta em suas esquinas a cultura popular. O transeunte no corre-corre do seu cotidiano não percebe essas relações, muitas vezes moradores antigos não fazem referências ao nome de sua rua as tradições populares. Aqui reside mais um dos motivos a envolver os discentes na elaboração de fontes para, assim, mergulharem no universo local e suas imersões com os aspectos socioculturais.



Figura 13: Desfile do 7 de setembro de 2015, avenida da Chegança, conjunto Nova Natal. Representação da Capoeira. Acervo do autor dessa dissertação.

Nas três figuras apresentadas podem ser encontradas representações do 7 de setembro nos desfiles do Nova Natal. Percebe-se nas imagens potenciais para serem usadas em sala de aula, uma vez que instigam uma questão: qual a relação dessas imagens com a vida no Lagoa Azul? São imagens que possibilitam uma reflexão pedagógica sobre o que significa a Independência do país para quem mora no Lagoa Azul. Cabe ao professor de História trazer à baila o significado dessas representações e as relações delas com a história local.

A feira de Nova Natal tem um capítulo especial na história do bairro Lagoa Azul. Iniciada na segunda metade da década de 1980, as barracas, desde a origem da feira, são montadas na noite do sábado e transformam o domingo num dia de sociabilidade. A avenida

da Chegança e a rua dos Caboclinhos são os espaços que abrigam as barracas e vendedores. O cheiro e os sabores da feira povoam o imaginário de gerações crescidas no conjunto Nova Natal e nas comunidades do seu entorno. Muito mais do que o mercado, a feira do Nova Natal tem identidade com o Lagoa Azul e nela estão contidas muitas memórias afetivas da população local.

A figura 14 demonstra uma das lojas da feira do Nova Natal. Nela se pode identificar uma grande variedade de produtos.



Figura 14: Imagem de uma loja situada na avenida da Chegança, aberta no dia da feira do Nova Natal. Acervo do autor dessa dissertação.

Luiz Henrique Lampreia Júnior, morador do Nova Natal, ex-aluno da escola Myriam Coeli, relembra a feira da seguinte maneira:

Tudo que você procurasse, seria encontrado na feira do Nova Natal. Contudo, essa feira não era apenas o lugar onde estavam os produtos, uma vez que ela servia também como ponto de encontro das pessoas. Eu fiz muitas amizades na feira. Tinha colegas meus que eu só os encontrava na feira. Eu conhecia muitos meninos que faziam frete e eu brincava com eles durante a feira. Eu tenho essa imagem. Tudo em comprava na feira: dos carros de brinquedo à bicicleta. Lembro que na minha adolescência, quando comecei a gostar de Rock, eu encontrava na feira os discos das antigas bandas norte americanas⁵³

As imagens afetivas da feira também podem se constituir em uma excelente fonte para o estudo do local e se constituem em material importante para o trabalho com história local nas escolas de Nova Natal, em particular, e do Lagoa Azul como um todo. São imagens e relatos de história oral a servirem de reflexão sobre os movimentos de continuidade e rompimento tão caros à historiografia.

Em as “Crônicas de Nova Natal”, publicação organizada por Amanda Gurgel, professora e ex-vereadora de Natal pelo PSTU, encontra-se uma exaltação a avenida da Chegança e aos moradores de Nova Natal e as comunidades do seu entorno. Em uma das crônicas encontrei o seguinte texto:

Elas combinam, se arrumam e vão. Mas logo o inesperado acontece: os ônibus estão em greve e não tem como elas irem. Então, uma delas tem a brilhante ideia de chamar as outra amiga para irem à sorveteria na avenida Chegança. Foram e depois passearam e olharam as lojas de roupas da Chegança. Então é isso que quero dizer: o Nova Natal tem lá suas vantagens, mas a Chegança, sempre está em primeiro lugar⁵⁴

Ao fazer essa referência às *Crônicas do Nova Natal*, o faço para corroborar na justificativa de se trabalhar a história local na formação destes olhares sobre a comunidade onde a escola está inserida. O livro organizado pela professora Amanda Gurgel reforça essa importância ao tempo que deixa cristalino as possibilidades, inclusive da interdisciplinaridade, do uso de fontes locais para a compreensão dos processos formadores da espacialidade estudada.

O uso de mapas oficiais, elaborados pelo poder público e a possibilidade dos estudantes elaborarem mapas a partir de suas vivências nos caminhos de casa para a escola

⁵³ LAMPREIA JUNIOR, Luis Henrique. **Depoimento** [junho, 2012]. Acervo SEMURB.

⁵⁴ SILVA, Israyane Oliveira da. O Nova Natal e a Chegança. In: GURGEL, Amanda (org.). **Crônicas do Nova Natal**. Natal: Escola Estadual Myriam Coeli, 2011.

pelas ruas e avenidas do bairro é outro componente fundamental nessa construção do acervo de fontes para o ensino de história. Cada oficina abre novas veredas na formação do discente no entendimento da pedagogia da autonomia. Desde o início venho em idas e voltas, reafirmando o papel de protagonista dos atores, discente e docente, nas atividades do Envelope de Clio. Claro que faço do meu espaço de exercício do magistério o campo de partida.

Ao longo deste capítulo procurei apresentar a Escola Estadual Myriam Coeli e o bairro Lagoa Azul, espaços da minha investigação. Procurei realizar apresentação mostrando ao leitor as principais características da escola e do bairro e os potenciais que eles têm para o trabalho da história local. E como ponto central dessa escrita, conforme as diretrizes das diretrizes do Programa do Mestrado Profissional em Ensino de História, há uma amplitude no trabalho, aqui exposto, a ser replicado em diversos espaços de ensino como ferramenta para o cotidiano de sala de aula. Na próxima parte, o produto será retirado do “envelope de Clio” para a compreensão do que proponho.

CAPÍTULO 3 - OS ENVELOPES DE CLIO: A ELABORAÇÃO DE FONTES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL NA ESCOLA BÁSICA

Este capítulo tem por objetivo discutir as bases que orientam a elaboração do produto desta dissertação, que está apresentado no Apêndice deste trabalho.

A minha experiência como docente tem demonstrado que as escolas, em geral, apresentam em seus currículos poucos trabalhos relacionados à história local, bem como não possuem acervos que possibilitem estudos sistemáticos de alunos e professores sobre essa temática. Essa escassez de ações sobre a história local e de documentação sobre o tema é algo inquietante.

A partir dessa reflexão, proponho “Os envelopes de Clio”, almejando apresentar caminhos sistemáticos que permitam o trabalho com fontes para o ensino de história local. O que pretendo é mostrar possibilidades pedagógicas para o estudo de parte da cidade, identificando transformações e permanências e, ao mesmo tempo, selecionando documentos e refletindo sobre eles.

Ao propor um trabalho com o local, estou discutindo necessariamente a noção de espaço. Sobre esse conceito assim se pronunciou o historiador Raimundo Arrais:

O espaço não é uma matéria inerte, um mero suporte das relações travadas entre os indivíduos, mas parte constitutiva das relações sociais, incorporando significados que lhe são atribuídos por determinadas representações, revestindo-se de simbologias e participando da construção de certas identidades. A noção de subjetividade implícita nesse conceito conduz à compreensão do espaço como marca e expressão das relações sociais.⁵⁵

Pela reflexão presente na citação, pode-se inferir que os espaços de uma cidade (ou de bairro) não são neutros e expressam conflitos. Nessa perspectiva, a realização de um estudo sobre uma cidade ou um bairro deve confrontar as diversidades existentes em razão de que grupos sociais distintos projetam percepções diferentes sobre os espaços. A cidade ou um bairro não devem ser estudados para cristalizar lugares ou simplesmente destruí-los.

Ao olhar a cidade como um espaço construído em camadas ao longo do tempo, proponho que seja feito o confronto do passado com o presente, almejando dar voz a quem foi silenciado ou simplesmente sofreu uma pacificação do seu passado. É nesse sentido que almejo seguir os caminhos urbanos por suas curvas e encruzilhadas, buscando dar visibilidade a grupos sociais e personagens tradicionalmente silenciados.

⁵⁵ ARRAIS, Raimundo Pereira Alencar. **O pântano e o riacho**: a formação do espaço público no Recife do século XIX. São Paulo: Humanitas / FFLCH/USP, 2004. p. 11. (grifos meus).

A ideia de trabalhar com a história local possibilita ao professor criar situações de protagonismo juvenil, ainda que o trabalho com essa temática permaneça tímido nas escolas. A perspectiva de trabalhar com o local, na lógica que concebo essa espacialidade, estimula a realização de trabalhos que envolvam o estudante em ações que mobilizem linguagem e trabalhos de campo, tal como preconiza a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Segundo esse documento,

É necessário, ainda, que a Área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas favoreça o protagonismo juvenil investindo para que os estudantes sejam capazes de mobilizar diferentes linguagens (textuais, imagéticas, artísticas, gestuais, tecnológicas, gráficas, cartográficas etc.), valorizar os trabalhos de campo (entrevistas, observações, consultas a acervos históricos, etc.), recorrer a diferentes formas de registros e engajar-se em práticas cooperativas, para a formulação e resolução de problemas.⁵⁶

No ProfHistória, o mestrando precisa apresentar um produto a partir da temática proposta. Nesse caso, eu preciso apresentar um produto que esteja vinculado às concepções de história local aqui apresentadas e que envolva ações relacionadas ao protagonismo dos alunos como nas investigações, o que não é uma tarefa fácil.

Nessa perspectiva, apresento uma proposta que objetiva provocar na sala de aula inquietações para os diversos itinerários possíveis na pesquisa sobre a história da comunidade. A meta é fazer com que o aluno olhe para sua história, a história de sua família, de seus vizinhos, sendo estimulado a pensar como essas necessitam de fontes para consolidar suas narrativas. Assim, pretendo que os alunos conheçam relatos de antigos moradores, refaçam trajetos desde os avós e pais aos ex-estudantes da escola.

Para construir meu produto didático, a primeira necessidade que senti, ao definir a opção por trabalhar com *Os envelopes de Clio*, foi selecionar as temáticas que organizariam o produto. Nessa ação levei em consideração as minhas experiências profissionais, em geral, e a minha atuação docente, em particular, e selecionei quatro temáticas para estudar a história local: cartografia, fotografia, oralidade e patrimônio. Procurei temáticas associadas a fontes históricas. Minha ideia é abarcar partes da história local a partir de um determinado tema.

A inspiração para trabalhar com os *Envelopes da Clio* surgiu a partir de uma experiência desenvolvida pelo grupo de pesquisa *Oficinas de História*, formados por

⁵⁶ BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). **Educação é a Base**. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dezsite.pdf>. Acesso em 10 out. 2020. p. 562.

professores da Universidade Federal do Rio de Janeiro, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e da UniRio.⁵⁷ Esse grupo vem trabalhando com a produção de Caixas de História com alunos e professores da escola básica para a produção de histórias de bairros e de cidades do interior do Rio de Janeiro.

Minha proposta, concretizada nos *Envelopes de CLIO*, está estruturada em torno de quatro oficinas: A primeira oficina: *Cartografia, documentos escritos e espacialidade: cidade, bairro e comunidade*; a segunda oficina: *A fotografia: tecendo olhares sobre o bairro*; a terceira oficina: *A oralidade: a história oral como fonte histórica*; e, a quarta oficina: *A construção do patrimônio cultural do Nova Natal*.

A opção por essas oficinas exige que eu explique a razão para ter selecionado cada uma das temáticas relacionadas a uma fonte. A escolha pela cartografia ocorreu em razão da importância de o aluno perceber como o espaço pode ser representado graficamente. A partir dos mapas, é possível observar transformações feitas pelo homem nos espaços. A elaboração e interpretação dos mapas permite o controle de um determinado espaço, bem como vislumbrar possibilidades de transformação. Ao trabalhar com a cartografia, estamos instigando nos alunos a importância de conhecer, controlar e transformar os espaços vividos. Ao mesmo tempo, estamos estimulando a construção de uma percepção de que os espaços se organizam a partir das culturas.

A opção pela fotografia surgiu com o intuito de instigar, no aluno, a associação entre a fotografia e a História. A meta é que o aluno, ao analisar uma fotografia, capte um determinado momento da história do seu lugar, diferenciando o momento da fotografia de outros momentos, ou seja, identificando mudanças e permanências nos espaços do lugar vivido. A fotografia tem o mérito de “capturar” um determinado momento. Ao analisar o momento capturado, o aluno é estimulado a ativar a sua memória ou a memória de outros. A fotografia permite registrar tempos passados, alterados pela atividade de homens e mulheres. Importante lembrar que uma fotografia dá pistas importantes sobre um tempo vivido.

Por meio da fotografia, será possível observar o Conjunto Nova Natal e a sua diversidade, expressas nas praças, ruas, nos espaços de lazer, na feira. Os alunos tanto poderão capturar expressões do contemporâneo vivido por eles quanto poderão analisar imagens feitas por outras pessoas, de outros tempos.

Analisando o que é uma fotografia, o historiador Boris Kossoy assim escreveu:

⁵⁷ Sobre as ações desse grupo, confira: <http://www.oficinasdehistoria.com.br/caixa-de-historia/>

A imagem retida pela fotografia (quando preservada ou reproduzida) fornece o testemunho visual e material dos fatos aos espectadores ausentes da cena. A imagem fotográfica é o que resta do acontecido, fragmento congelado de uma realidade passada, informação maior de vida e morte, além de ser produto final que caracteriza a intromissão de um ser fotógrafo num instante dos tempos⁵⁸

Pela lógica do raciocínio de Kossoy, a fotografia é extremamente importante para discutir o passado, uma vez que apresenta resquícios do que foi esse passado. Ela é um produto final de alguém que realizou a foto, mas é um fragmento da realidade fotografada. Nesses termos, fotografar se constitui em um importante elemento para buscar indícios sobre o que foi o passado.

Ao fotografar (e serem fotografados) os alunos se sentirão inseridos como personagem de narrativas e terão mais facilidade e interesse em perceber como outros sujeitos também por meio da fotografia conseguiram consolidar narrativas. O trabalho com a fotografia possibilita a realização de aulas de campo e dos momentos de sala de aula. Espero, a partir do trabalho com fotografias, produzir uma exposição fotográfica na qual os alunos sejam protagonistas, uma vez que mostrarão as análises sobre fotografias de outros tempos e fotografias contemporâneas, sempre apresentando narrativas sobre o bairro.

O trabalho com as fotografias levará também o discente a se defrontar com a pesquisa em acervos públicos e privados. Essa ação dará a oportunidade de compreender os caminhos metodológicos da pesquisa com o campo das imagens. Compreender os labirintos das artes visuais em leituras coletivas e individuais nos grupos e com toda a turma na preparação do momento de democratização dos resultados da atividade.

O objetivo das oficinas é dar autonomia ao aluno, para isso, as atividades são planejadas dentro dos princípios do protagonismo. Nesta oficina, “A fotografia: tecendo olhares sobre o bairro”, é uma das que possibilitam este protagonismo além claro, de pensar a formação crítica do discente e a imagem como fonte para o ensino de história local.

Quantos de nós não temos fotos em álbuns físicos ou digitais e, muitas vezes guardamos e claro por uma questão de afetividade, sem nos darmos conta destes registros pessoais/afetivos, servirem em fontes históricas a dizer de uma época e lugar? A primeira atividade, “Minhas fotos, fontes históricas?”, tem como finalidade mostrar aos alunos os usos para a pesquisa e ensino de história daquela foto familiar de tantos significados íntimos na história de cada um. O uso da fotografia para além do âmbito familiar é o que propõe a primeira atividade.

⁵⁸ KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ática, 1989. p. 22.

A escolha pela história oral apresenta uma riqueza enorme tanto pelas abordagens que ela suscita quanto pela quantidade de informações que podem ser obtidas a partir delas. A história oral é um método de pesquisa que usa a entrevista oral para criar fontes históricas que serão usadas na escrita de História. Contemporaneamente, a história oral apresenta um forte conteúdo social, capaz de captar interpretações da história feita por sujeitos que não conseguiriam expressá-la se não fosse por meio da oralidade. Por meio da história oral, é possível entender subjetividades dos sujeitos. Na história oral, o importante não é apenas a veracidade do fato narrado, mas considera-se igualmente importante as reações emocionais que o entrevistado guarda na memória sobre o acontecimento. Na história oral, a transcrição da fonte é uma ação conjunta do entrevistador e do entrevistado. Isso significa que o documento escrito, fruto da entrevista, não é um ato rememorativo individual. Nesse sentido, é importante destacar que, numa entrevista, não interessa ao entrevistador apenas o fato propriamente dito, mas também a apresentação dos desejos, das ilusões, das esperanças e do fracasso demonstrados pelo narrador.

Ao trabalhar com a história oral em Nova Natal e no Lagoa Azul, estou interessado, por um lado, em registrar narrativas de personagens que vivenciaram múltiplas experiências naquele espaço e que tiveram sentimentos em relação a essas experiências e que jamais foram contados e, por outro, em demonstrar aos alunos a importância de escutar o outro como forma de enriquecer a história do lugar.

A escolha pelo patrimônio está intimamente ligada à noção contemporânea desse conceito, que o associa à História. Durante boa parte do século XX, entendia-se por patrimônio artístico nacional todas as obras de arte pura ou aplicada, popular ou erudita, nacional ou estrangeira, existentes no Brasil. Essas artes eram enquadradas em oito categorias: arqueologia, ameríndia, popular, histórica, erudita nacional, erudita estrangeira e aplicadas nacionais e estrangeiras. Para definir um patrimônio, era necessário que ele estivesse associado a fatos excepcionais e/ou a personagens ilustres.

Nas décadas finais do século XX, essa concepção foi ampliada e a noção de patrimônio histórico e artístico passou a incluir a cultura. Nesse sentido, o patrimônio deixou de ser concebido apenas como algo que deveria ser preservado, emoldurando uma determinada paisagem, e passou a ser inserido nas tramas que envolvem as representações do passado. Nesse caso, o que se busca, contemporaneamente, é inserir o patrimônio no processo histórico. Assim, monumentos dos mais diversos passam a ser analisados como patrimônio se estiverem associados com a evolução urbana da cidade ou do bairro. Nessa perspectiva, analisar um

determinado patrimônio implica, necessariamente, em analisar a sua relação com um determinado tempo histórico.⁵⁹

Em geral, o cidadão comum não enxerga o patrimônio cultural existente na cidade. A perspectiva deste trabalho é tornar o aluno partícipe na constituição de um patrimônio cultural em Natal, como um todo, e no Nova Natal, em particular. A ideia é dar ao patrimônio um sentido na vida do aluno. Esta ideia está inspirada nas reflexões do professor Ulpiano Menezes, que argumenta a favor da noção de introduzir o sujeito como protagonista na definição de um patrimônio. Segundo o professor Ulpiano Menezes,

[...] repovoar o patrimônio urbano, nele reintroduzir o seu protagonista. Se examinarmos a bibliografia nacional disponível, veremos que nossos estudiosos produziram um vasto rol de dados e análises sobre o papel do Estado, da política, dos intelectuais, dos interesses econômicos, das ideologias, da trajetória dos órgãos de preservação, dos aspectos técnicos e sociais da preservação e conservação, da reabilitação urbana e temas conexos. Há também numerosos estudos de muita qualidade sobre cidade e cultura, cidade e patrimônio, cultura urbana. **Conviria, agora, dar ao habitante, no universo do patrimônio cultural, uma presença menos etérea**⁶⁰ (grifos meus).

A partir da lógica do professor Menezes, é possível fazer um estudo com os alunos do Nova Natal na Fortaleza dos Reis Magos e perguntar a eles não apenas porque essa fortaleza deve ser preservada. Nessa perspectiva, pode-se lançar outra grande questão: por que não existem monumentos em homenagem aos povos originários e aos negros escravizados? Em visitas a praças e estátuas, ao invés de limitar a observação do aluno a um ideal preservacionista, seria mais interessante perguntar por que os becos da cidade que contam as histórias das populações menos favorecidas economicamente também não ganham status de patrimônio e, por isso, não merecem ser preservados?

É com essa perspectiva de patrimônio que almejo trabalhar com os alunos sobre o conjunto Nova Natal e sobre o Bairro Lagoa Azul. A meta é fazer com que esses alunos se sintam protagonistas na análise e na identificação de um patrimônio. Com esse sentimento, eles poderão criar relações identitárias mais sólidas com seus lugares de vivência.

Uma particularidade do Nova Natal em relação ao patrimônio diz respeito ao fato de todas as 126 ruas do conjunto têm nomes ligados a tradições populares do Nordeste, que incluem: nome de cantos (por exemplo, aboio, acalanto); nomes de danças (por exemplo, pastoril, caboclinhos); nomes de alimento (por exemplo, açúcar, alfenim); nomes de plantas

⁵⁹ MARTINS, Ana Luiza. Fontes para o patrimônio cultural: uma construção permanente. In: PINSKY, Carla; DE Luca, Tânia. *O Historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2012.

⁶⁰ MENESES, Ulpiano T. Bezerra. Repovoar o Patrimônio Ambiental Urbano. *Revista do Patrimônio*, n. 36, p. 41, 2017.

(por exemplo, açucena, algodão), nome de personagens (Antônio Conselheiro, Cego Ederaldo), nome de lendas (por exemplo, boitatá, pavão misterioso); nomes de brincadeiras (bandeirinha, berlinda). Esses nomes têm relação com o folclore, com o imaginário popular, com patrimônios culturais. Em razão dessa constatação, o próprio nome das ruas já se apresenta como algo instigante para ser trabalhado com os alunos.

A razão dessa particularidade do nome das ruas do Nova Natal é também algo interessante para a compreensão de como um patrimônio é construído. Nos anos 1980, Roberto Monte, economista e defensor dos direitos humanos no Rio Grande do Norte, era o funcionário da COHAB/RN responsável por nomear as ruas dos conjuntos construídos pelo órgão. Ao se deparar com o Nova Natal, Roberto Monte teve a ideia de pedir a um amigo, o folclorista Deífilo Gurgel, para dar o nome das ruas do conjunto, levando em consideração a cultura nordestina.

Nesse caso, o nome das ruas do Nova Natal possibilita uma investigação sobre o nome em si e outra sobre as razões para que aqueles nomes fossem escolhidos. A discussão dos nomes é uma alternativa que se apresenta para a introdução da discussão do patrimônio. Nesse sentido, é importante lembrar que eu orientei a produção de um Dicionário Folclórico do Nova Natal, trabalho que foi realizado por professores e alunos de uma escola municipal de educação infantil sediada no bairro. Esse trabalho possibilitou o mapeamento de todas as ruas do conjunto e a partir dele surgiram outras propostas de trabalho dentro da temática.

Ao propor a realização dessas quatro oficinas como produto deste mestrado profissional, almejo apresentar aos professores de História uma alternativa de trabalho que concilie a prática em sala de aula com as ações de investigação no espaço público. Entretanto, almejo também construir um acervo documental sobre a história local para que outros professores e outros alunos possam usufruir continuamente desse material nas suas atividades.

Com essa atividade acredito ser possível dialogar nas aulas de história sobre o sentimento de pertença e identificar o sentido de territorialidade. Considero que a história do bairro em sala de aula é um importante caminho para fortalecer a História como disciplina que forma cidadãos. Por meio da história local é possível enfrentar a temática das identidades e das suas fronteiras. Assim, por meio da história local é possível desnaturalizar as formações dos bairros e apontar caminhos para situações sociais aparentemente intransponíveis.

A elaboração de fontes para o ensino de história local cumpre a função pedagógica apontadas nas “cartas” legislativas referentes ao ensino de história na rede básica e se incorpora na sua feitura as políticas públicas de preservação dos bens culturais identitários de uma comunidade ou região.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história da Escola Estadual Myriam Coeli, do Conjunto Habitacional Nova Natal e do Bairro Lagoa Azul pertencem a quem vive nesses espaços, mas também pertencem a outros homens e mulheres que vivem em espaços semelhantes e diferentes aos descritos neste trabalho. O que eu fiz foi apresentar uma proposta capaz de registrar e analisar fontes como fotografias, documentos escritos, mapas. Propus algo que os professores tenham condições de executar com os seus alunos, que serão instigados para realizar investigações históricas a partir dos resquícios do passado que eles irão encontrar nas tarefas que irão executar. Foi esse o produto do ProfHistória que apresentei: um material didático capaz de trazer à tona importantes reflexões sobre a história local.

Ao optar por trabalhar com a história local, fiz uma seleção curricular. Entendo que o currículo é um campo aberto que envolve forças das mais distintas. Cada força busca construir objetivos e conteúdos que atendam aos seus interesses. Desse modo, a partir da minha perspectiva histórica, procurei construir um conteúdo selecionando fatos, personagens e métodos. Realizei essa tarefa estimulando outros professores da escola básica a também realizarem tarefas semelhantes, procurando sempre exercer a autonomia intelectual própria da profissão docente. Proponho que alunos e professores exercitem a tarefa de selecionar narradores, documentos, registros orais.

Quando proponho os *Envelopes de Clio*, faço seleções que atendem aos meus interesses didáticos e às demandas que considero essenciais no tempo presente. Faço essa seleção para que o aluno também aprenda que, no processo de aprendizagem, eles precisam continuamente selecionar conteúdos e métodos diante de tudo que lhes é apresentado.

Os *Envelopes de Clio* permitirão a análise de tempos diferentes a partir de variadas temáticas. A partir das descobertas que eles possibilitarão, novas possibilidades de transformação do presente também serão apresentadas. O Nova Natal e o Lagoa Azul apresentam condições sociais e econômicas próprias de um país com acentuada concentração de renda. A nossa proposta é que este trabalho colabore para a compreensão dos alunos de que essas relações que constroem riqueza de um lado e pobreza de outro, foram estabelecidas historicamente e se apresentam como importante elemento de apoio para as transformações sociais. É meta deste trabalho fazer com que os alunos se percebam com potenciais individuais e coletivos para mudar o mundo vivido por eles. A tarefa é mostrar aos alunos que eles têm uma responsabilidade com o futuro da escola Myriam Coeli, do Conjunto Nova Natal e do Bairro Lagoa Azul.

Para essa tarefa, ao longo do texto demonstrei como as minhas escolhas profissionais estão associadas com a minha trajetória de vida. Ao escolher a elaboração de fontes para o ensino de história local, o fiz motivado pelas demandas das mais diversas, mesmo que o meu trabalho na SEMURB tenha sido fundamental para o trabalho com essa temática.

Abordei a carência de acervos sobre a história local tanto na SEMURB quanto nas escolas públicas e privadas. O que observei é que, em geral, a história local não é um elemento considerado importante no planejamento dos professores. Essa percepção ficou ainda mais evidente quando cursei as disciplinas no ProfHistória e quando debati no grupo de orientandos do professor Raimundo Nonato Araújo da Rocha sobre essa temática. Foi essa carência que me instigou a produzir *Os Envelopes de CLIO: a elaboração de fontes para o ensino de História Local na escola básica*.

Ainda existe um longo caminho a ser trilhado em busca de fonte sistematizadas sobre a história local. Nesse sentido, procurei apresentar um material didático que estimule os alunos não apenas a entender os lugares em que eles vivem, mas também a ser protagonistas na formação de acervos sobre a história local a partir das fontes geradas nas atividades propostas nas quatro oficinas: *Cartografias, documentos escritos e espacialidades: cidade, bairro, comunidade; A fotografia: tecendo olhares sobre o bairro; A oralidade: a história oral como fonte histórica; A construção do patrimônio cultural de Nova Natal*.

Imaginei a execução das oficinas quase como um garimpo de fontes. Nesse sentido, imagino que, com o trabalho efetivado, será possível recolher fotografias, cartas, depoimentos, mapas, que poderão ser essenciais para registrar a memória do Nova Natal e fornecer subsídios para uma narrativa historiográfica desse lugar.

Uma das alegrias que vivi na pesquisa sobre o bairro Lagoa Azul foi ouvir o relato da senhora Rosinelba Silva sobre os primeiros dias dela no conjunto Gramoré. Naquela ocasião, Rosinelba me apresentou uma fotografia na qual ela aparece em frente da casa dela. O relato é importante, pois, segundo a narradora, foi a primeira vez na vida que ela se sentiu proprietária de alguma coisa de valor.

A fotografia de uma jovem, recém-chegada ao conjunto Gramoré, com seus sonhos e com a perspectiva de abrir novos horizontes de vida é um indício de que a história dos moradores está pautada na resistência e nos sonhos. Se os sonhos e as resistências forem devidamente incorporados nas análises dos alunos, certamente existirão possibilidades para que o futuro dos habitantes dessa região seja bem melhor.

É essa a nossa proposta, que também é uma crença.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Preconceito contra a origem geográfica de lugar: as fronteiras da discórdia**. São Paulo: Cortez, 2007.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ALBERTI, Verena. Fontes In: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (org.). **Dicionário de ensino de história**. Rio de Janeiro: FGV, 2019.

ALVES, Adauto Severino. Adauto Severino Alves: **Depoimento** [junho, 2012]. Acervo: SEMURB.

ANDRADE, Alessandra Michelle Alvares. **Memes históricos: uma ferramenta didática nas aulas de história**. 2018. 129 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Programa do Mestrado Profissional em ensino de História (PROFHISTÓRIA) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

ARAÚJO, Giovana de Aquino Fonseca. Trajetória histórica conceitual sobre patrimônio imaterial e cultural no Brasil e em Portugal tendo as feiras como lugar de investigação. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28., 2013, Natal. **Anais**. [...]. Natal: Anpuh, 2013.

ARRAIS, Raimundo Pereira Alencar. **O pântano e o riacho: a formação do espaço público no Recife do século XIX**. São Paulo: Humanitas /FFLCH/USP, 2004.

ARRAIS, Raimundo Pereira Alencar. As identidades das cidades. In: VIANA, Hélder Nascimento; ROCHA, Raimundo Nonato Araújo da; ARRAIS, Raimundo Pereira Alencar (org.). **Cidade e diversidade: Itinerários para a produção de materiais didáticos em História**. Natal: EDUFRRN, 2012.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

BARROS, José D' Assunção. **Cidade e história**. São Paulo: Vozes, 2012.

BITTENCOURT, Circe. Capitalismo e cidadania nas atuais propostas curriculares de História. In: BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2018.

BOSI, Ecléa. **Memórias e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). **Educação é a Base**. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dezsitesite.pdf>. Acesso em 10 out. 2020.

BRASIL. Portal do MEC. <http://portal.mec.gov.br/pibid> . Acesso em 18 out. 2021.

BRESCIANNI, Maria Stella M. História e historiografia das cidades, um percurso. In: FREITAS, Marcos. **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, p. 237-258, 1998.

CAIMI, Flávia Eloisa. Fontes históricas na sala de aula: uma possibilidade de produção de conhecimento histórico escolar? **Anos 90**, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 128-150, dez. 2008.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da Cidade do Natal**. Natal: EDUFRN, 2000.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Nomes da terra**: geografia, história e toponímia do Rio Grande do Norte. Natal: Fundação José Augusto, 1968.

CAPISTRANO, Luciano Fábio Dantas. **O golpe militar no Rio Grande do Norte e os Norte-rio-grandenses mortos e desaparecidos**: 1969/1973. Natal: Sebo Vermelho, 2010.

CAPISTRANO, Luciano Fábio Dantas; COSTA, M. C.; PINHEIRO, Marina Dantas. ; MACEDO, Gabriela Cavalcanti ; SILVA, Tyego Franklim da. **Memória Minha Comunidade: Lagoa Azul**. 1. ed. Natal: SEMURB, 2013.

CAPISTRANO, Luciano Fábio Dantas. **Divagações: memória, fotografia e história**. Natal: Sebo Vermelho, 2019.

CARR, Edward Hallet. **Que é história?** São Paulo: Paz e Terra, 2006.

COSTA, A. C. G. **Pedagogia da presença**: da solidão ao encontro. 2. ed. Belo Horizonte: Modus Faciendi, 2001.

COSTA, Aryana. História local In: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (org.). **Dicionário de ensino de história**. Rio de Janeiro: FGV, 2019.

FERNANDES, Antônia Terra de Calazans. Produção e uso do material didático. In: VIANA, Hélder Nascimento; ROCHA, Raimundo Nonato Araújo da; ARRAIS, Raimundo Pereira Alencar (org.). **Cidade e diversidade**: itinerários para a produção de materiais didáticos em História. Natal: EDUFRN, 2012.

FERNANDES, Rui Aniceto Nascimento; ROCHA, Helenice Aparecida Bastos; REZNIK, Luís; GONÇALVES, Marcia de Almeida. **História e patrimônio**: Rio Bonito. Rio de Janeiro: Mauad X : Faperj, 2014.

FONSECA, Selva Guimarães; SILVA, Marcos. **Ensinar história no século XXI**: em busca do tempo entendido. Campinas: Papirus, 2007.

FLORENCIO, Sônia Regina R. et al. **Educação patrimonial: inventários participativos: manual de aplicação**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio histórico e cultural**. 1. ed. digital. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2009.

GERMANO, José Willington. Resenha do livro de Lyra, Carlos. As quarenta horas de Angicos: uma experiência pioneira de educação. **Educação & Sociedade**, ano 18, n. 59, ago. 1997.

GOMES, José Bezerra. **Os brutos**. Natal: Sebo Vermelho, 2007.

GRAMORÉ. **A Ponte**, ano I, n. 2, p. 6, abr. 1992.

HOBBSAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

IVAN, Francisco. **A chave azul**. Natal: NAC -Núcleo de Arte e Cultura da UFRN, 2002.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ática, 1989.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

LAMPREIA JUNIOR, Luís Henrique. **Depoimento** [junho, 2012]. Acervo SEMURB.

LEMOS, Carlos A. C. **O que é patrimônio histórico**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

MACÊDO, Muirakytan Kennedy de. Fontes documentais para a História das cidades. In: VIANA, Hélder Nascimento; ROCHA, Raimundo Nonato Araújo da; ARRAIS, Raimundo Pereira Alencar (org.). **Cidade e diversidade: itinerários para a produção de materiais didáticos em História**. Natal: EDUFRN, 2012.

MARTINS, Ana Luiza. Fonte para o patrimônio cultural: uma construção permanente. IN: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

MAUAD, Ana Maria (org.) **Fotograficamente, Rio a cidade e seus temas**. Niterói: PPGHistória – LABHOI – UFF/FAPERJ, 2016. [livro eletrônico].

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. Repovoar o Patrimônio Ambiental Urbano. **Revista do Patrimônio**, n. 36, p.39-51, 2017.

MORÁN, José M. Mudando a educação com metodologias ativas. *In*: SOUZA, Carlos Alberto de; MORALES, Ofelia Elisa Torres (org.). **Convergências midiáticas, educação e**

cidadania: aproximações jovens. Ponta Grossa, PR: UEPG/PROEX, 2015. p. 15-33. (Coleção mídias contemporâneas, v. 2).

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. **Escritos sobre história e internet**. Rio de Janeiro: Ed. Multifoco, 2011.

NADAI, Elza. O ensino de história no Brasil: trajetória e perspectiva. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v 13, n. 25/26, 1992/1993.

OLIVEIRA, Almir. Educação patrimonial. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (org.). **Dicionário de ensino de história**. Rio de Janeiro: FGV, 2019.

PEIXOTO, Renato Amado. **Cartografias imaginárias**: estudos sobre a construção da história do espaço nacional brasileiro e a relação história e espaço. Natal: EDUFRN, 2011.

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

REZNIK, Luís. **História local**: pesquisa, ensino e narrativa. http://www.institutocidadeviva.org.br/historiasdomedioparaiba/cms/wp-content/uploads/2008/11/historia_local_reznik.pdf. Acesso em 20/10/2021.

ROCHA, Raimundo Nonato Araújo da. Elaborando materiais didáticos: reflexões sobre conteúdos e fontes. In: VIANA, Hélder Nascimento; ROCHA, Raimundo Nonato Araújo da; ARRAIS, Raimundo Pereira Alencar. **Cidade e diversidade**: itinerários para a produção de materiais didáticos em História. Natal: EDUFRN, 2012.

RUSEN, Jorn. **Razão histórica**: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: Ed. da UNB, 2010.

SILVA, Expedito Julião da. **Depoimento** [junho, 2012]. Acervo SEMURB.

SILVA, Maria Rosinelba da. **Depoimento** [junho, 2012]. Acervo: SEMURB.

SILVA, Israyane Oliveira da. O Nova Natal e a Chegança. In: GURGEL, Amanda (org.). **Crônicas do Nova Natal**. Natal: Escola Estadual Myriam Coeli, 2011.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2014.

VIANA, Hélder Nascimento. Cidades, artefatos e memória pública. In: VIANA, Hélder Nascimento; ROCHA, Raimundo Nonato Araújo da; ARRAIS, Raimundo Pereira Alencar (org.). **Cidade e diversidade: itinerários** para a produção de materiais didáticos em História. Natal: EDUFRN, 2012.

Apêndice

Apêndice – Os Envelopes de CLIO: a elaboração de fontes para o ensino de História Local na escola básica.

Para cumprir a exigência do ProfHistória de elaboração de um material didático, resolvi construir Os Envelopes de CLIO. Trata-se de uma proposta de trabalho didático-pedagógica para ser desenvolvida com professores do 1º ano do ensino médio que, por sua vez, devem aplicá-la com alunos na escola básica. Concretamente a proposta será executada por mim e outro professor no ambiente de trabalho em que atuamos – na Escola Estadual Myriam Coeli. Ela é única escola de ensino médio do Conjunto Habitacional Nova Natal, que está situada no bairro Lagoa Azul, na zona Norte da cidade de Natal.

Minha ideia inicial era aplicar a proposta – em parceria com o colega que partilha comigo as turmas do 1º ano – com alunos do ensino médio e apresentar com o meu material didático a proposta construída e os resultados obtidos. Entretanto, em razão da pandemia, não consegui aplicá-la. Assim, o material didático que apresentarei será uma proposta de trabalho a ser executada. Estructurei toda a proposta explicando passo-a-passo como o professor deverá executá-la. Eu aplicarei a ação cumprindo o que foi planejado. Nessa perspectiva, escrevi toda a proposta dirigindo-me ao professor e instigando a sua ação com o aluno.

Apesar de propor uma ação para professores e alunos da Escola Estadual Myriam Coeli, minha ideia é que a ação possa servir de inspiração para outros docentes e discentes das diversas regiões brasileiras que desejem trabalhar com as histórias de suas cidades e seus bairros. A meta é que outros sujeitos se apropriem desse material e, a partir dele, possam criar ações voltadas para o estudo da história local, usando enfoques dos mais diversos e nas diferentes etapas do conhecimento escolar.

No Envelopes de CLIO concretizo os usos da história local, estabelecendo relações entre conjunto habitacional, bairro e cidade. Entretanto, não almejo realizar uma proposta localista, uma vez que pretendo que o aluno perceba, a partir da articulação dessas esferas, que o local não é uma unidade isolada. O local se articula com o nacional e o internacional. As mudanças operadas no local estão associadas a mudanças mais amplas ocorridas na sociedade. Com Os Envelopes de CLIO o aluno conhecerá a sua cidade, o seu bairro e a partir desse conhecimento terá ampliado a sua perspectiva histórica sobre o crescimento das cidades. Estudar Natal, Nova Natal e Lagoa Azul,

instigará o aluno a perceber como em diferentes lugares do mundo os espaços se articulam.



Figura 1: Pátio coberto da Escola Estadual Myriam Coeli. Na imagem, o pátio está pintado com ações de grafismo desenvolvida por artistas, reconhecidos na cidade, com a participação de alunos. Fotógrafo: Luciano Capistrano – outubro/2020.

LUCIANO FABIO DANTAS CAPISTRANO

Os envelopes de CLIO:
a elaboração de fontes para o ensino de História Local na escola básica

Produto didático submetido ao curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (PROFHISTORIA), como requisito parcial à obtenção do título de Mestre pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação do prof. Dr. Raimundo Nonato Araújo da Rocha.

NATAL/RN
2021

Lista de Figuras

Figura 1: Pátio coberto da Escola Estadual Myriam Coeli	2
Figura 2: Documento 1 – Planta baixa da cidade.	14
Figura 3: Documento 2 – Fragmento textual da obra de Câmara Cascudo.	14
Figura 4: Documento 3 – Regiões administrativas e bairros da cidade de Natal, definidos pela Lei 3.878 de 1989.....	15
Figura 5: Documento 4 – Mapa da divisão administrativa da cidade do Natal, definidos pela Lei 3.878 de 1989	16
Figura 6: Documento 5 – Documento sobre a criação do conjunto Nova Natal	18
Figura 7: Documento 6 – Mapa da expansão urbana de Natal. Expansão urbana da Cidade do Natal – 1920-1990.....	19
Figura 8: Documento 7 – Excerto da Lei de criação dos limites dos bairros de Natal.....	19
Figura 9: Documento 8 – Anexo da Lei 4.328 de 05 de abril de 1993, definição dos limites do bairro Lagoa Azul	20
Figura 10: Documento 9 – Mapa com os limites de Lagoa Azul.	21
Figura 11: Documento 10 – Obras de urbanização na comunidade Novo Horizonte....	30
Figura 12: Documento 11 – texto de Luciano Capistrano sobre as reformas urbanas em Natal na década de 1980.....	31

Sumário

Introdução	7
1 Oficina 1 - Cartografia, documentos escritos e espacialidade: cidade, bairro, comunidade.	11
1.1 Apresentação.....	11
1.2 Objetivos.....	12
1.3 Materiais a serem usados na oficina 1	12
1.4 Atividade 1 – A cidade e o Bairro.....	13
1.4.1 <i>Orientação para a atividade 1</i>	13
1.4.2 <i>Desenvolvimento da atividade 1</i>	14
1.5 Atividade 2 – Os caminhos do bairro	24
1.5.1 <i>Orientação para a atividade 2</i>	24
1.4.2 <i>Desenvolvimento da Atividade 2</i>	25
2 Oficina 2 – A fotografia: tecendo olhares sobre o bairro	28
2.1 Apresentação.....	28
2.2 Objetivos.....	29
2.3 Materiais a serem usados na oficina 2	29
2.4 Atividade 3 – A fotografia registrando os acessos ao Nova Natal	30
2.4.1 <i>Orientações para Atividade 3</i>	30
2.4.2 <i>Desenvolvimento da Atividade 3</i>	30
2.5 Atividade 4 – A fotografia como fonte histórica.....	32
2.5.1 <i>Orientações para a Atividade 4</i>	32
2.5.2 <i>Desenvolvimento da Atividade 4</i>	32
2.6 Atividade 5 – as instituições do bairro	34
2.6.1 <i>Orientação para a Atividade 5</i>	34
2.6.2 <i>Desenvolvimento da Atividade 5</i>	34
2 Oficina 3 – A oralidade: a história oral como fonte histórica	40
3.1 Apresentação.....	40
3.2 Objetivos.....	40
3.3 Materiais a serem usados na oficina	41
3.4 Atividade 6: As vozes do bairro	41
3.4.1 <i>Orientação para a atividade 6</i>	41
3.4.2 <i>Desenvolvimento da atividade 6</i>	41
3.5 Atividade 7 – as narrativas construídas	43
3.5.1 <i>Orientação para a atividade 7</i>	43
3.5.2 <i>Desenvolvimento da atividade 7</i>	43
4 Oficina 4 – A construção do patrimônio cultural do Nova Natal	46
4.1 – Apresentação	46

4.2 – Objetivos.....	46
4.3 – Materiais a serem usados na oficina.....	47
4.4 – Atividade 8: um olhar sobre o patrimônio cultural de Natal.....	47
4.4.1 – <i>Orientação para a atividade 8</i>	47
4.4.2 <i>Desenvolvimento da atividade 8</i>	47
4.5 Atividade 9: O patrimônio cultural no Nova Natal.....	49
4.5.1 <i>Orientação para a atividade 9</i>	49
4.5.2 <i>Desenvolvimento da atividade 9</i>	49

Introdução

Ao longo da história, os conteúdos a serem trabalhados na escola básica têm sido objeto de disputa por parte de professores e técnicos em educação. Na década de 1980, particularmente, com o processo de redemocratização da sociedade brasileira, havia um intenso movimento em prol da ampliação de vagas para o ensino básico com o intuito de garantir às crianças e aos jovens das classes populares o acesso à escola. Naquela conjuntura, havia a unanimidade de opiniões sobre a necessidade de ampliação desse acesso. Entretanto, havia uma intensa disputa sobre que conteúdos deveriam ser ensinados.

Naquele período, as disputas envolviam várias tendências e cada uma delas expressava uma ideia diferente sobre quais os conteúdos que deveriam se fazer presentes nas escolas. Para exemplificar essas disputas, posso dividi-las entre os que defendiam uma “pedagogia dos crítico-social dos conteúdos”¹, segundo a qual as classes populares deveriam se apropriar dos conteúdos da elite e a partir deles atingir a ascensão social e aqueles defensores de uma “educação popular”², que enxergavam que a escola deveria ensinar conteúdos significativos para a vida do aluno e não apenas transmitir conteúdos e valores próprios das elites.

Contemporaneamente persistem as disputas sobre os conteúdos que devem ser ensinados no ensino básico. Tais conflitos afloram com nitidez tanto nas propostas curriculares para esses níveis de ensino, quanto nas práticas docentes em desenvolvimento nas escolas.

Ao considerar que o campo dos conteúdos escolares é um espaço de disputas, preciso explicitar a minha concepção de conteúdo. É essa concepção que justifica a minha opção de trabalhar com a história local no ensino médio. A minha noção de conteúdo tem raízes no pensamento de Circe Bittencourt. Segundo essa autora, “concebe-se como conteúdo escolar tanto os conteúdos explícitos de cada uma das disciplinas como a

¹ Carlos Cipriano Lukesi no artigo *Avaliação educacional escolar: para além do autoritarismo*, publicado em 1984 e republicado em livro na década de 1990 (LUKESI, Cipriano Carlos. *Avaliação educacional escolar: para além do autoritarismo*. In: LUKESI, Cipriano Carlos. *Avaliação da aprendizagem: estudos e proposições*. 22 ed. São Paulo: Cortez, 2011) denominou de “pedagogia dos conteúdos socioculturais” os estudos do grupo de Dermeval Saviani, que enfatizavam a transmissão e a apreensão dos conteúdos como uma prática social. A partir das ideias de Saviani, José Carlos Libâneo liderou um grupo de estudos acerca do tema. Sobre a temática ler: LIBÂNEO, José Carlos. *Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos*. 28. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

² Sobre a educação popular sugiro a leitura das obras de Paulo Freire. Entre essas obras destaco: FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

aquisição de valores e habilidades que fazem parte das práticas escolares.”³ Por essa lógica, os conteúdos escolares devem extrapolar aprendizados tradicionalmente estabelecidos como consagrados. Nesse sentido, o aprendizado das linguagens, por exemplo, não pode ficar restrito ao estudo da língua portuguesa e de outras línguas oficiais. Aprender linguagens deve envolver todas as formas possíveis de comunicação, o que abarca desde as normas ditas cultas até o domínio de leituras das imagens (quadrinhos, propagandas, filmes etc.).

No campo da História, particularmente, os conteúdos ensinados devem ultrapassar o simples estudo de períodos históricos específicos, contemplando também aprendizados relacionados a comparações entre tempos e espaços diferentes. A realização de comparações exige que sejam ensinados aos alunos, além da interpretação dos textos escritos, as habilidades de leituras de mapas, de plantas de edifícios e traçados urbanos, de tabelas, de gráficos. Por outro lado, é importante destacar que por essa lógica em relação aos conteúdos escolares, considero que o aluno precisa não apenas captar informações que chegam até ele, mas também apresentar esses aprendizados para outras pessoas. Isso implica na necessidade de atividades que o estimulem a escrever, falar, debater, trabalhar em grupo, enfim, a expressar seus conhecimentos de diferentes modos.

Essa concepção de conteúdo escolar está embasada na concepção de Circe Bittencourt, para quem a função da escola não é apenas alfabetizar alunos, nem transmitir informações cristalizadas nas disciplinas escolares. Para a autora, a escola é, destacadamente, “a instituição em que se aprendem conteúdos sociais e culturais associados a comportamentos, valores, e ideários políticos múltiplos e democráticos.”⁴ Ao considerar a escola como o espaço dos aprendizados sociais e culturais, encontro a base para trabalhar a história local com os alunos.

Contemporaneamente, um dos objetivos fulcrais do ensino de História é o trabalho com a construção das identidades dos alunos. Isso significa que na escola básica o aluno precisa compreender quem ele é e de quem ele se diferencia. Essa compreensão exige que o aluno entenda a construção da identidade nacional de maneira paralela às identidades locais, regionais e mundiais, sem esquecer as identidades de gênero, de etnia e sexuais. Essas relações de pertencimento do aluno são essenciais para a sua formação cidadã.

³ BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de história: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez. 5. ed. 2018. p. 88.

⁴ BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de história: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez. 5. ed. 2018. p. 89.

Para o aluno do ensino médio são essenciais as discussões sobre as identidades, uma vez que ele, na conclusão de sua formação básica, precisa perceber-se como cidadão que pertence a um bairro, a uma cidade, a uma região, a um país, a um planeta. São essas identidades que lhe ajudará a situar-se no mundo.

Uma possibilidade de trabalho com a história local na perspectiva que estou concebendo é o ensino por eixos temáticos. Segundo Rocha, a implantação de currículos que seguem essa diretriz permite que a História seja ensinada a partir de diferentes dimensões. Essa ideia é condizente com o cenário internacional, uma vez “a mundialização ao mesmo tempo que consagra o poder ao capital de atingir diferentes espaços [...], possibilita também que cada indivíduo busque elementos que identifique com espaços de sua vivência”.⁵

Considerando esses elementos, *Os Envelopes de CLIO* trabalha com a história local, sem perder de vista outras espacialidades. A ideia é que a caixa contenha quatro envelopes. Em cada envelope existirá uma oficina construída a partir de uma fonte principal e de uma temática. O primeiro envelope constará dos materiais e das instruções para aplicação da *Oficina 1 – Cartografia*, documentos escritos e espacialidade: cidade, bairro, comunidade –, discutirá a expansão urbana da cidade de Natal. A *Oficina 2 – A fotografia: tecendo olhares sobre o bairro* – estudará o bairro a partir de suas imagens e das imagens trazidas pelos alunos. A *Oficina 3 – A oralidade: a história oral como fonte histórica* – investigará a história do bairro a partir da oralidade. A *Oficina 4 – A construção do patrimônio cultural do Nova Natal* – analisará como os alunos se relacionam com a ideia de que o Nova Natal tem um patrimônio.

⁵ ROCHA, Raimundo Nonato Araújo da. *Identidades e ensino de história: um estudo em escolas do Rio Grande do Norte*. 2001. Tese (Doutorado em Educação) –Faculdade de Educação da USP, São Paulo: 2001. p. 217.

Oficina 1 –
Cartografia, documentos escritos e espacialidade:
cidade, bairro, comunidade.

1 Oficina 1 - Cartografia, documentos escritos e espacialidade: cidade, bairro, comunidade.

1.1 Apresentação

Os mapas possibilitam a representação de uma determinada área com o intuito de estudá-la ou realizar ações concretas nesse espaço. Nesse sentido, de maneira mais ampla, os mapas são usados em várias situações, tais como: nas guerras (uma vez que possibilitam o reconhecimento do território e, conseqüentemente, a possibilidade de esboçar estratégias de proteção e de ataque); na exploração das riquezas no solo e no subsolo; na intervenção do Estado para transformar as paisagens urbanas; na descentralização administrativa das cidades (a divisão da cidade em regiões facilita a realização de ações do poder público. Para que essas regiões sejam divididas, é necessário que se construam mapas definindo os limites espaciais de cada região); no reconhecimento de vestígios de mudanças ocorridas historicamente nos espaços.

De modo particular, no ensino de História, os mapas se constituem em importantes documentos para o aprendizado dessa disciplina. Ao trabalhar com mapas o professor de História tem uma excelente alternativa para estimular o aluno a situar-se no espaço, bem como a perceber as mudanças operadas nesse espaço. Uma leitura sociocultural dos mapas é um exercício fascinante, uma vez que, a partir dela, o aluno será capaz de entender as construções dos lugares como espacialidades imaginadas⁶.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece que a leitura dos mapas é uma das habilidades inerentes ao aluno do ensino fundamental. Para esse documento curricular, no ensino fundamental, o aluno deve trabalhar com os mapas tanto para compreender os jogos de escalas presentes na relação entre o mapa e o espaço/tempo que ele representa, quanto para aprender a situar-se nos espaços.

Ao pensar a produção do espaço na formulação de caminhos de compreensão da formação territorial do bairro ou da comunidade, o discente sai da condição de simples receptor de informações e passa a condição de protagonista do processo ensino/aprendizagem. Conceitos como os de fronteira, território, identidade, cultura, são alguns dos temas que podem ser explorados nas atividades com a cartografia.

⁶ O intuito desse trabalho é que o aluno seja capaz de identificar nos mapas, a partir da orientação dos professores, as transformações existentes nos espaços. Essa atividade estimula o aluno a imaginar como era no passado o uso daquela espacialidade.

A partir da cartografia, é possível estabelecer confrontos com outros documentos oficiais e jornalísticos, com intuito de aprofundar os olhares sobre o espaço cartografado.

Considerando esses elementos, a Oficina 1 será executada a partir de duas atividades. A primeira delas – intitulada “a cidade e o bairro” – permitirá a visualização do processo de urbanização da cidade a partir dos mapas e de documentos escritos. Assim, serão trabalhados uma planta baixa do centro de Natal, elaborada na década de 2000 para identificar o traçado urbano do período colonial ao início do período republicano, e mapas que permitem visualizar a expansão da cidade do Natal, enfocando especificamente a construção do Conjunto Habitacional Nova Natal e o Bairro Lagoa Azul. Ainda nessa atividade, trabalharei com documentos escritos que permitirão compreender melhor a expansão urbana da cidade. A segunda atividade – intitulada “Os caminhos do bairro” – elege o aluno como protagonista, uma vez que estimula a execução de mapas no interior do bairro, identificando aqueles trajetos que são comumente executados por ele. Pretende-se com essa atividade desenvolver um olhar crítico sobre a espacialidade relacionada ao cotidiano dos alunos.

1.2 Objetivos

- ❖ Apresentar as formas possíveis para a leitura de mapas;
- ❖ Elaborar mapas a partir de espaços locais vivenciados pelos alunos;
- ❖ Compreender, a partir da comparação entre mapas e textos escritos, tanto o processo de formação do Bairro Lagoa Azul e do Conjunto Habitacional Nova Natal, quanto a definição dos seus limites territoriais (instituídos por uma legislação ou construídos por tradições estabelecidas pela própria comunidade);
- ❖ Representar nos mapas o espaço onde habitam os alunos, onde está a escola, os lugares marcantes do bairro, comparando com outros lugares mais amplo;
- ❖ Relacionar o documento de criação do Conjunto Habitacional Nova Natal, a legislação que criou o Bairro Lagoa Azul e os limites atuais desse conjunto e desse bairro.

1.3 Materiais a serem usados na oficina 1

Ordem	Do que se trata	Circunstâncias de produção	Data de produção
Documento 1	Planta baixa do centro de Natal para identificar o traçado	Elaborada pela Secretaria Municipal de Meio	Foi elaborada na década de 2000 pela SEMURB.

	urbano do período colonial ao início da República.	Ambiente e Urbanismo (SEMURB),	
Documento 2	Explicita a definição dos limites da Cidade do Natal no período colonial.	A citação está na obra História da Cidade do Natal.	A 1ª edição da obra foi publicada por Câmara Cascudo em 1947.
Documento 3	Mapa da divisão administrativa da cidade de Natal.	Definiu as regiões administrativas e bairros de Natal.	Mapa elaborado pela SEMURB a partir da Lei 3.878/1989. (Anuário Natal 2014.)
Documento 4	Mapa da divisão administrativa da cidade de Natal.	Apresenta as regiões administrativas da cidade do Natal.	Mapa elaborado pela SEMURB a partir da Lei 3.878/1989 (Anuário Natal 2014).
Documento 5	Matéria jornalística anunciando a fundação do conjunto Nova Natal.	Notícia do jornal <i>A República</i> anuncia a inauguração do Nova Natal.	A República, 10 de março de 1983.
Documento 6	Mapa da expansão urbana de Natal nas décadas de 1920 a 1990.	Expansão urbana da Cidade do Natal – 1920 - 1990.	O mapa está na seguinte obra: LIMA, Pedro de. <i>Luis da Câmara Cascudo e a questão urbana de Natal</i> . Natal: EDUFRRN, 2006
Documento 7	Lei nº 4.328, de 05 de abril de 1993.	Define os limites dos bairros de Natal, entre eles, os do bairro Lagoa Azul.	Lei assinada pelo prefeito Aldo Tinoco. estabelecendo limites dos bairros de Natal, (disponível em: www.cmnat.gov.br e www.natal.rn.gov.br/semurb
Documento 8	Anexo da Lei n. 4328 de 5 de abril de 1993,	Especificação dos limites do Lagoa Azul.	Diário Oficial do Município de Natal.
Documento 9	Mapa dos limites do bairro Lagoa Azul.	Definição dos limites do bairro Lagoa Azul	Fonte: Natal mapas aerofotogramétricos. Natal: SEMURB, 2007

1.4 Atividade 1 – A cidade e o Bairro

1.4.1 Orientação para a atividade 1

O objetivo desta atividade é instigar o aluno a perceber como o seu bairro surgiu no processo de expansão urbana da cidade de Natal. A tarefa é identificar nos mapas e nos documentos escritos as diversas mudanças e permanências ocorridas no espaço urbano até a configuração atual. Além disso, almeja-se que o aluno seja capaz de

relacionar os documentos de criação do Conjunto Habitacional Nova Natal com a lei de criação do Bairro Lagoa Azul e com os limites atuais do bairro.

1.4.2 Desenvolvimento da atividade 1

A atividade tem por objetivo identificar as mudanças e permanências nas configurações do espaço urbano de Natal.

Ação 1 – O professor deve orientar o aluno a ler os documentos 1, 2, 3 e 4.

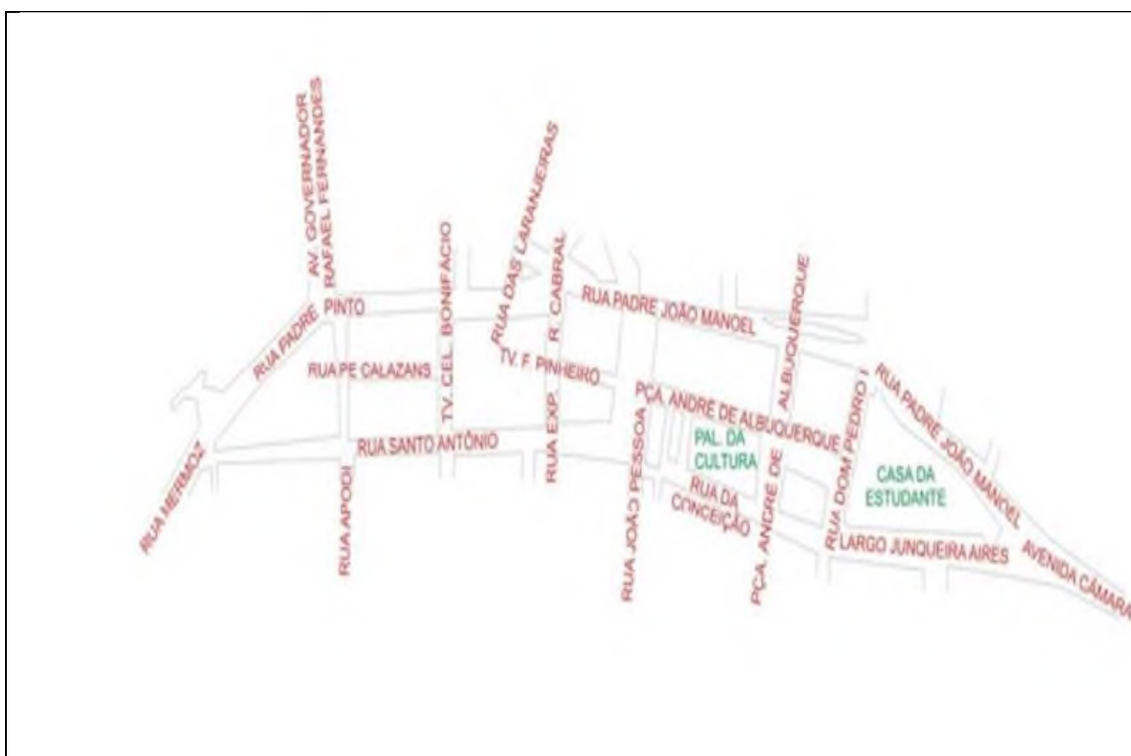


Figura 2: Documento 1 – Planta baixa da cidade. Delimitação correspondente ao antigo perímetro urbano de Natal⁷: a cidade colonial. Fonte: Anuário Natal 2005 – SEMURB/ Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.⁸

A demarcação [dos limites de Natal, definidos ainda no período colonial,] foi feita com os cruzeiros de posse, tão comuns. Uma **cruz no Norte** denominou a rua que surgiu depois, rua da Cruz, Junqueira Aires atual. A cruz ficara chantada no lado esquerdo da elevação, muito desmontada e trabalhada, começando

⁷ O traçado apresentado na imagem contempla a interpretação de Cascudo, segunda a qual, Natal no período colonial e no Império tinha dois pontos que demarcavam os seus limites: o Square Pedro Velho (situado na atual Praça das Mães e a Santa Cruz da Bica (situado próximo ao rio do Baldo). Pelo traçado apresentado, é possível afirmar que a cidade de Natal até o final do Império tinha uma extensão pouco mais de um quilometro, uma vez que essa é a distância entre o Square Pedro Velho e a Santa Cruz da Bica.

⁸ A SEMURB elaborou esse traçado em 2005, mas o objetivo da Secretaria ao fazer esse traçado foi mostrar como era a cidade no período colonial. Entretanto, observa-se que o nome das ruas se refere a personagens do Império (como Pedro II e Padre João Manoel). Isso significa que o traçado não apresentou o nome original dessas ruas.

do Square Pedro velho. A **cruz do Sul** fincou-se no declive do Baldo, margem de um córrego ainda resistindo e visível, rio do Baldo, o velho Rio da Bica. Rio de Beber, o Tiuru de George Marcgrave, Tiuru na Descrição de Pernambuco em 1746. É a **Santa Cruz da Bica**, guardados os fragmentos dentro do Cruzeiro que está erguido na praçuela lateral.

Figura 3: Documento 2: Fragmento textual da obra: CASCUDO, Câmara. História da Cidade do Natal. 2010, p. 51, grifos meus.

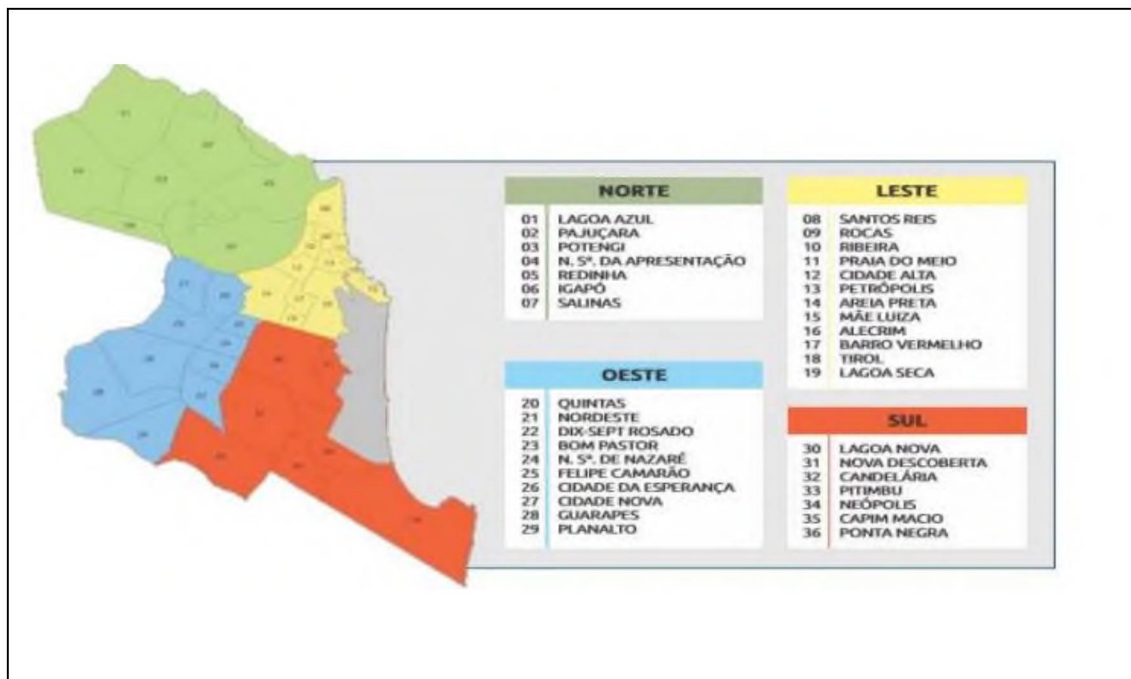


Figura 4: Documento 3: Regiões administrativas e bairros da cidade de Natal, definidos pela Lei 3.878 de 1989.

Fonte: SEMURB / Anuário Natal 2014.



Figura 5: Documento 4: Mapa da divisão administrativa da cidade do Natal, definidos pela Lei 3.878 de 1989.

Fonte: SEMURB / Anuário Natal 2014.

Ação 2 – A partir da leitura dos documentos 1, 2, 3 e 4, o professor deve instruir o aluno a escrever um texto sobre a expansão urbana de Natal do período colonial à contemporaneidade. O aluno deve atentar para as mudanças ocorridas nos limites da cidade.

--

Ação 3 – A partir da leitura ainda dos documentos 1, 2, 3 e 4, o professor deve instruir o aluno a preencher o quadro 1 (elementos de permanência) e quadro 2 (elementos de mudança).

Quadro 1 – Elementos de permanência nos quatro documentos (listar o que há de comum nos mapas).

Quadro 2 - Elementos de mudança nos quatro documentos (listar as diferenças na cidade a partir dos documentos, levando em consideração o tempo e o espaço).

Ação 4 – O professor deve orientar o aluno a ler os documentos 5, 6, 7, 8 e 9.

O Conjunto Habitacional Nova Natal foi inaugurado em 1983. Posteriormente, **em 1985, o conjunto foi ampliado com a entrega da segunda etapa**. Quando o conjunto foi criado ainda não existia um bairro definido. “[O conjunto foi construído] pela [Companhia de Habitação Popular do Rio Grande do Norte] COHAB/RN, com recursos do Banco Nacional de Habitação (BNH)). No dia 10 de março de 1983, o governador Lavoisier Maia Sobrinho inaugurou 1.000 lotes urbanizados “incluindo cobertura e unidade sanitária com serviço de água, luz e esgoto. A obra, no valor global de Cr\$ 724.481.570,00, beneficia mais 5.000 habitantes da periferia de Natal” (A República, 10 de março de 1983, p. 3)”.

Figura 6: Documento 5: Documento sobre a criação do conjunto Nova Natal. Fonte: SOUZA, Itamar de. Nova História da cidade de Natal. Natal: Departamento estadual de imprensa, 2008, p. 783.

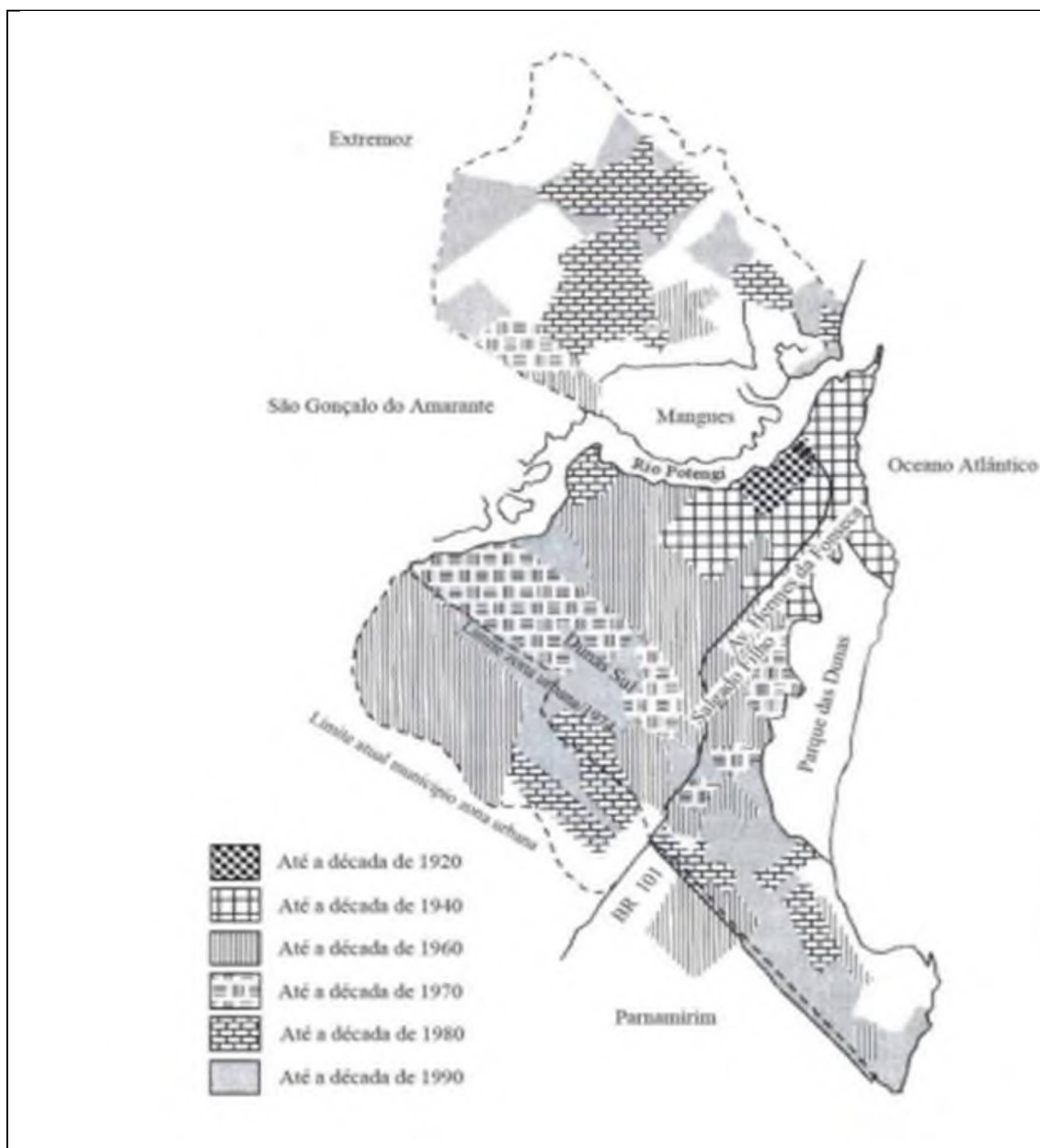


Figura 7: Documento 6 – Mapa da expansão urbana de Natal. Expansão urbana da Cidade do Natal – 1920-1990. Fonte: LIMA, Pedro de. *Luís da Câmara Cascudo e a questão urbana de Natal*. Natal: EDUFRN, 2006.

LEI Nº 4.328, DE 05 DE ABRIL DE 1993. Define os limites dos bairros que especifica. O PREFEITO MUNICIPAL DO NATAL, Faço saber que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono a seguinte Lei: Art. 1º - Ficam definidos os limites dos bairros de Praia do Meio, Areia Preta, Nova Descoberta, Bom Pastor, Cidade Nova, Guarapes, Pitimbú, Candelária, Neópolis, Capim Macio, Ponta Negra, Igapó, Nossa Senhora da Apresentação, **Lagoa Azul**, Pajuçara, Redinha e Salinas, conforme Memoriais Descritivos e Mapas (Anexos 01 a 34) que passam a ser parte integrante desta Lei. Art. 2º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário. Palácio Felipe Camarão, em Natal, 05 de abril de 1993. **Aldo da Fonsêca Tinôco Filho PREFEITO**

Figura 8: Documento 7: Excerto da Lei de criação dos limites dos bairros de Natal, entre os quais está o Bairro Lagoa Azul.

Lagoa Azul		Anexo 27		
Dados Gerais				
Bairro: Lagoa Azul				
Lei ou Decreto de Criação: Área: 1.299,90 ha				
Localidade: Região Administrativa Norte				
Bairros limítrofes: Norte: Município de Extremoz Sul: Pajuçara e Potengi Leste: Município de Extremoz e Pajuçara Oeste: Nossa Senhora da Apresentação e município de São Gonçalo do Amarante				
Percurso dos limites do bairro				
Início	Direção (eixo imaginário)	Sentido	Término	Obs.
Cruzamento dos eixos das Estrada de Ferro com a Estrada Natal / Extremoz (BR 101)	Estrada Natal/Extremoz (BR 101)	Via Férrea / Rio Doce	Rio Doce	
	Rio Doce	A direita	Estrada de Genipabu	
	Estrada de Genipabu	A direita	Estrada de Pajuçara	
	Estrada de Pajuçara	A direita	Av. Tocantina	
	Av. Tocatina	Em frente	Rua Votuporanga	
	Rua Votuporanga	A esquerda	Via Férrea	
	Via Férrea	A direita	Ponto inicial	

Figura 9: Documento 8: Anexo da Lei 4.328, de 05 de abril de 1993, definição dos limites do bairro Lagoa Azul.



Figura 10: Documento 9: Mapa com os limites do bairro de Lagoa Azul. Fonte: Natal mapas aerofotogramétricos. Natal: SEMURB, 2007.

Ação 5 – A partir da leitura do Documento 5, 6, 7, 8 e 9, o professor deve orientar o aluno a escrever um texto sobre a organização urbana de Natal, nos termos definidos pela Lei 3.878, aprovada em 1989. Em seguida, o aluno deve escrever características dos bairros que formam a Zona Norte.

Ação 6 – O professor deve orientar o aluno a descrever, a partir dos documentos 4, 5,6,7,8 e 9, os lugares que fazem fronteira com o bairro Lagoa Azul.

Lagoa Azul se limita a norte com _____

Lagoa Azul se limita a sul com _____

Lagoa Azul se limita a leste com _____

Lagoa Azul se limita a oeste com _____

Ação 7 – O professor deve orientar o aluno a descrever, a partir dos documentos 1, 5,6,7,8 e 9, os lugares que fazem fronteira com o conjunto Nova Natal.

Nova Natal se limita a norte com _____

Nova Natal se limita a sul com _____

Nova Natal se limita a leste com _____

Nova Natal se limita a oeste com _____

1.5 Atividade 2 – Os caminhos do bairro

1.5.1 Orientação para a atividade 2

Esta atividade tem por objetivo instigar os alunos a representar no papel os espaços que eles vivenciam cotidianamente. O aluno deverá ler e elaborar mapas representativos dos seus lugares de morada e estudo. Para concretizar o aprendizado dos alunos sobre a construção de mapas, eles devem ser estimulados a representar no papel (desenhar mapas) as ruas do seu bairro.

Após apresentar as ruas do bairro, os alunos deverão indicar, por um lado, os diversos caminhos por eles percorridos nesse espaço (de casa para a escola; de casa para o mercado; de casa para os espaços de lazer) e, por outro, refletir sobre as modificações nesses trajetos ao longo do tempo.

Concluídos os mapas e apontar os trajetos com as indicações de mudanças e permanências, cada aluno, auxiliado pelo professor, irá apresentar o produto do seu trabalho e assistir à apresentação dos demais alunos. Nesse momento, serão identificadas as convergências e as divergências no que concerne ao traçado individual de cada um, bem como a forma como cada aluno percebeu as mudanças nos seus lugares de vivência. Esse diálogo entre as particularidades impressas nos mapas são pontos a serem explorados pelo professor para refletir junto a turma sobre a diversidade dos olhares sobre a comunidade, expressas num simples traçado do caminho casa-escola.

Terminada essa etapa, o professor orientará o aluno a fazer um texto relacionando o mapa construído por ele com mapas construídos pelos outros alunos da turma. Esse texto abordará as discussões sobre o trabalho de cada um, mas discutirá, sobretudo, como o aluno passou a enxergar o seu espaço de vivência a partir da atividade.

Materiais:

- ❖ Folhas de papel em branco;
- ❖ Dispositivo (computador, tablet ou celular) com conexão à internet para acesso do Google Maps.

1.4.2 Desenvolvimento da Atividade 2

Ação 1 – Acessar a internet e procurar no Google Maps o roteiro de casa para escola. O roteiro encontrado no Google Maps poderá ser impresso e colado a seguir ou desenhado pelo aluno. O produto dessa atividade será denominado “Produto 1”.

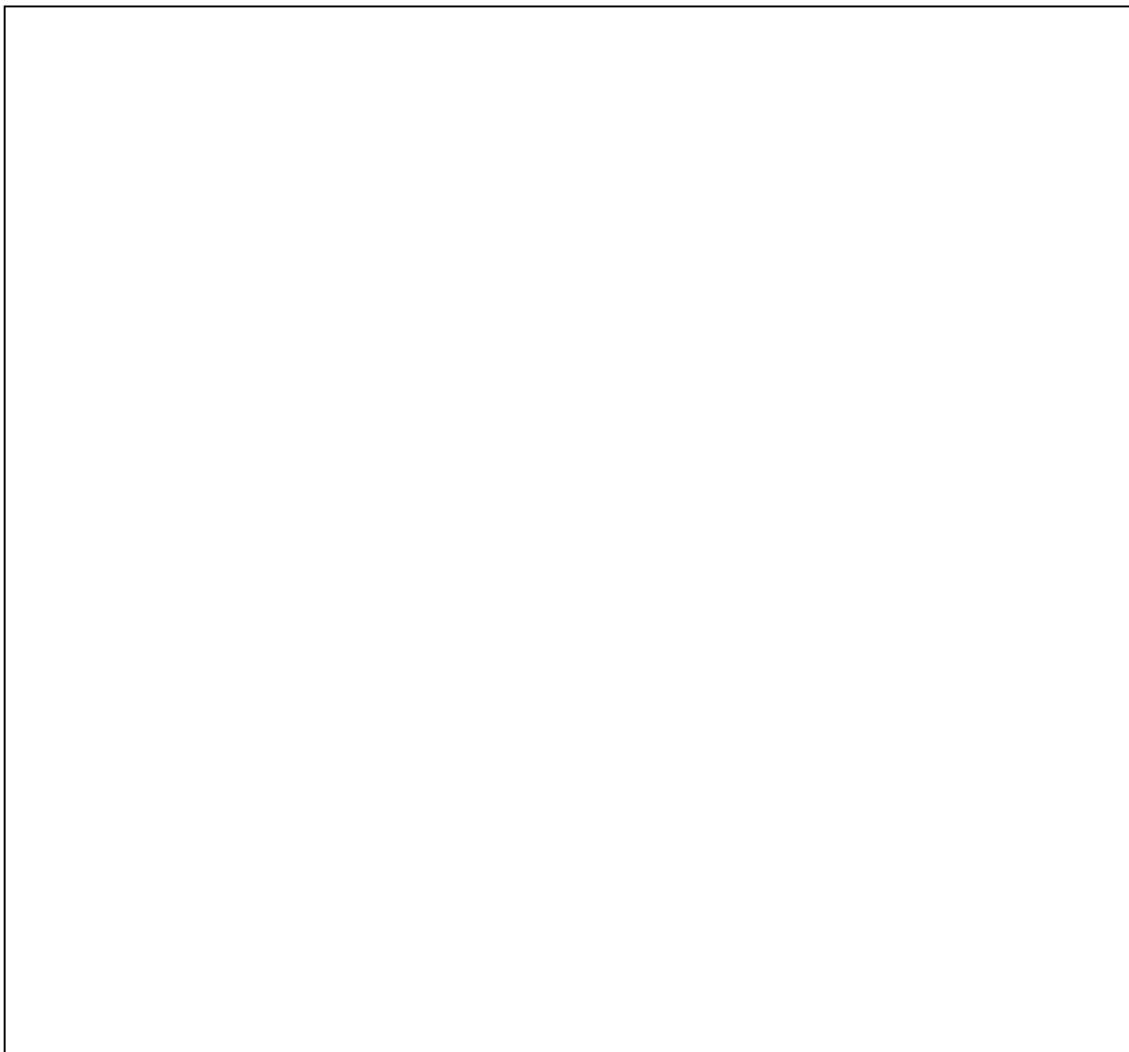
Espaço para colagem do roteiro casa/escola

Ação 2 – O aluno deverá escrever um texto detalhando o roteiro de casa para a escola. O produto desta atividade será denominado “Produto 2”.

Espaço para a descrição do roteiro casa/escola

Ação 5 – O professor deve orientar os alunos a identificar nos produtos 1 e 2, lugares considerados marcantes para a sua vida no bairro (mercado, espaços religiosos, lazer, trabalho).

Ação 6 – O professor deve orientar o aluno a escrever um texto, descrevendo as atividades que realiza nos lugares marcantes do seu bairro.



Oficina 2 – A fotografia:
tecendo olhares sobre o bairro.

2 Oficina 2 – A fotografia: tecendo olhares sobre o bairro

2.1 Apresentação

A atividade tem como objetivo estimular a construção de narrativas sobre a história do lugar de vivências do aluno a partir de fotografias que expressam vivências em espaços públicos e privados. A meta, por um lado, é analisar imagens do bairro apresentadas aos alunos e, por outro, estimular que os alunos tragam as suas fotografias de família para serem analisadas individualmente por quem levou a fotografia e pelo conjunto da turma. A partir dessas imagens levadas pelos alunos, pretende-se criar um acervo de fotografias oriundas de “álbuns familiares”.

A referência à expressão “álbuns familiares” associa-se à uma compreensão ampla do termo. Nesse sentido, álbum não se refere, exclusivamente, a um acervo físico de papel com fotografias coladas, mas diz respeito, também, às mídias digitais. Assim, almeja-se construir um repositório com imagens diversas sobre o bairro e que essas imagens possam ser usadas por outras turmas que desejem trabalhar com a mesma temática. Com essas imagens, também será possível a construção de um centro de memórias. Nesse caso, a escola seria um polo agregador das imagens do conjunto Nova Natal e do bairro Lagoa Azul.

Nesse sentido, pretende-se que o repositório seja formado a partir das imagens coletadas pelos professores e pelos alunos. Essas imagens podem fazer parte de acervos particulares (álbuns de família) ou de acervos públicos (jornais, instituições públicas e privadas). Com o repositório de fotografias será possível ter o registro de instantes captados pelos olhares e pelas lentes dos fotógrafos amadores ou profissionais. A análise dessas fotografias permitirá identificar interpretações sobre a história do lugar.

A oficina “A fotografia: tecendo olhares sobre o bairro”, tem o objetivo de trabalhar com a fotografia como um documento histórico. Isso significa analisar a imagem internamente (uma descrição do que está apresentado) e externamente (quem produziu, quando, com que finalidade). A partir das análises interna e externa, será possível identificar práticas culturais de uma determinada época, bem como formas de utilização de objetos e espaços.

A meta é que o aluno seja capaz de trabalhar com acervos fotográficos, utilizando-se de procedimentos metodológicos próprios da História. O objetivo da oficina é dar

autonomia ao aluno, uma vez que aprendendo a analisar uma fotografia, o aluno poderá, em outras ocasiões ao longo de sua vida, ler imagens e interpretar momentos vividos.

Essa oficina será desenvolvida a partir de três atividades. A Atividade 3 (A fotografia registrando os acessos ao Nova Natal) tem por objetivo perceber as dificuldades de acesso ao Nova Natal desde a sua construção na década de 1980 até os dias atuais.

A Atividade 4 (Álbuns de família como fonte histórica) tem como finalidade mostrar aos alunos os usos da fotografia no ensino de história em situações de pesquisa tanto de temáticas relacionadas ao âmbito familiar quanto de temáticas que discutem questões que dizem respeito ao público. Serão privilegiadas nessa oficina as fotografias relacionadas aos álbuns de família.

A Atividade 5 (A fotografia e a história das instituições do bairro) se reveste de um convite duplo, uma vez estimulará a comunidade escolar a conhecer suas instituições locais e outras instituições que, apesar de não pertencerem ao Nova Natal, mantêm relações com esse conjunto habitacional. A fotografia das instituições tem significados simbólicos e podem se constituir em um excelente material para desnaturalizar aspectos das instituições que costumeiramente não são observados.

Nas três atividades, a fotografia será usada como fonte histórica, com autonomia em relação a outras fontes. Assim, pretende-se que os alunos percebam a leitura de uma fotografia como uma fonte que produz informações que precisam ser lidas e interpretadas, sem que haja um texto escrito como suporte obrigatório. É esse exercício de leitura e de imagem que será desenvolvido nas atividades.

2.2 Objetivos

- ❖ Entender como a fotografia pode ser transformada em documento histórico;
- ❖ Organizar um repositório de fotos sobre o conjunto Nova Natal e sobre o bairro Lagoa Azul;
- ❖ Compreender a importância dos álbuns de família como fontes de história local;
- ❖ Organizar uma exposição com as fotos representativas do bairro em diferentes tempos.

2.3 Materiais a serem usados na oficina 2:

- ❖ Folhas em branco para rascunho;
- ❖ Cartolina color set (cor preta) para exposição das fotos escolhidas;
- ❖ Ficha de identificação das fotografias.

Ordem	Do que se trata	Circunstância da produção	Data de produção
Documento 10	Obras de urbanização da Comunidade de Novo Horizonte.	Melhorias do acesso para os conjuntos da Zona Norte de Natal.	Cerca 1980.
Documento 11	Texto de Luciano Capistrano sobre a modernização de Natal na década de 1980.	Discute as mudanças no traçado urbano em Natal na década de 1980.	2021.

2.4 Atividade 3 – A fotografia registrando os acessos ao Nova Natal

2.4.1 Orientações para Atividade 3

O transporte coletivo para o Bairro Nova Natal tem sido um problema desde a inauguração do Conjunto Habitacional. A *Atividade 1* objetiva discutir os acessos para a Zona Norte, em geral, e para o Conjunto Nova Natal, em particular.

2.4.2 Desenvolvimento da Atividade 3

Ação 1 – O professor deve orientar os alunos a interpretarem os documentos 10 e 11.



Figura 11: Documento 10: Obras de urbanização na comunidade Novo Horizonte na década de 1980.

Na década de 1980, diversas obras de urbanização aconteceram na região entre a avenida Bernardo Vieira e a avenida Mário Negócio. Foi nessa época que a antiga favela do Japão foi transformada no bairro Novo Horizonte e a ponte sobre o rio das Quintas (Rio das Lavadeiras) foi reconstruída. A partir dessas obras, o acesso à Macaíba e à Zona Norte foi facilitado.

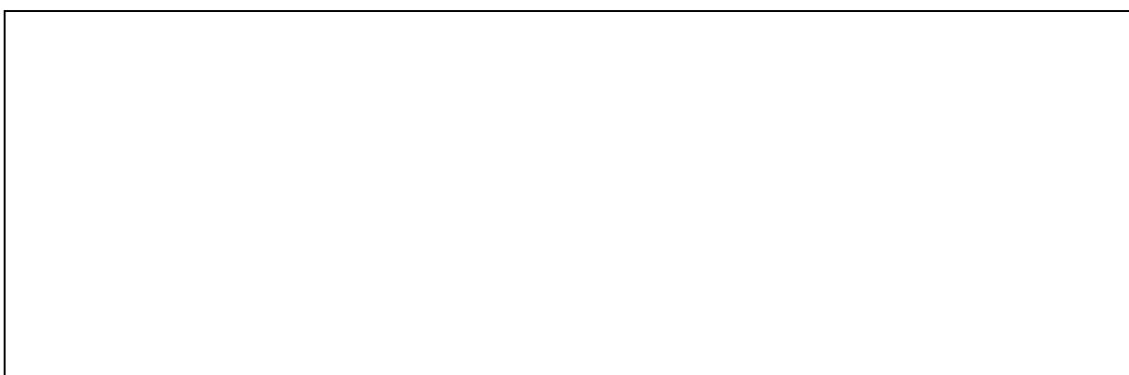
Figura 12: Documento 11: texto de Luciano Capistrano sobre as reformas urbanas em Natal na década de 1980.

Ação 2 – O professor deve orientar os alunos a ler a imagem e o texto escrito, em seguida, conversar com pessoas da comunidade sobre esses documentos e buscar informações sobre o acesso à Zona Norte na década de 1980.

Utilize esse espaço para apresentar as informações obtidas sobre a leitura dos documentos 10 e 11.



Ação 3 – o professor deve orientar os alunos a procurar, com familiares e vizinhos, imagens sobre o acesso à Zona Norte e ao conjunto Nova Natal na década de 1980. As imagens devem vir acompanhadas de legendas explicativas.



Ação 4 – A partir das imagens coletadas na Ação 3, o professor orientará os alunos a fazer um texto analisando o acesso ao Conjunto Nova Natal desde as origens do Conjunto aos dias atuais.

2.5 Atividade 4 – A fotografia como fonte histórica

2.5.1 Orientações para a Atividade 4

Nessa atividade, o professor deve apresentar ao aluno as múltiplas possibilidades para o trabalho com fotografias. A meta é estimular o aluno a analisar fotografias como documentos históricos que possibilitam compreender a história do bairro em diferentes tempos.

2.5.2 Desenvolvimento da Atividade 4

Ação 1 – o professor orientará que cada aluno traga de casa dez fotos de familiares. Se as fotos forem digitais, elas serão organizadas em uma única pasta, dentro da qual existirão pastas individuais para cada aluno. Se as fotos forem impressas, elas serão digitalizadas na escola e inseridas no mesmo arquivo. O professor deverá orientar os alunos a preencherem o quadro a seguir com um título e uma legenda correspondentes a cada uma das fotografias selecionadas por eles.

Fotografias da família

Nº	Título	Legenda
1		
2		
3		
4		
5		
6		
7		
8		
9		
10		

Ação 2 – Cada aluno apresentará dez fotografias para toda a sala. Os alunos em conjunto, sob a orientação do professor, escolherão duas fotografias de cada um dos alunos que sejam consideradas mais representativas da vida familiar do aluno no bairro. Com essas duas fotografias escolhidas, o aluno será orientado a preencher o quadro a seguir:

Ordem	Do que se trata	Circunstâncias de produção	Data de produção
Fotografia 1			
Fotografia 2			

Ação 3 – A turma será dividida em grupos de cinco alunos. Cada aluno levará suas duas fotografias selecionadas e as dez fotos do grupo serão por eles organizadas para contar uma história do bairro de Nova Natal. As dez fotos serão colocadas em cartolina, com as devidas legendas. Indique, no quadro abaixo, a ordem das fotografias que serão utilizadas na exposição.

Ordem	Título da fotografia
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	

Ação 4 – Selecionadas as dez fotografias da ação 3, o grupo escreverá um texto narrando uma história do Nova Natal a partir das imagens apresentadas.

--

Ação 5 – As exposições de cada grupo serão reunidas em uma única exposição que poderá ser realizada no formato digital, no Instagram da escola, ou em um perfil criado exclusivamente para essa atividade. Cada aluno apresentará as suas impressões sobre a exposição, relacionando-a com a história do Nova Natal.



Ação 6 – Todas as fotografias trabalhadas durante a atividade, usadas ou não na exposição, serão devidamente catalogadas e arquivadas para uso posterior, formando um banco de imagens sobre a história do bairro Lagoa Azul e do Conjunto Nova Natal.

2.6 Atividade 5 – As instituições do bairro

2.6.1 Orientação para a Atividade 5

A tarefa objetiva conhecer os acervos fotográficos de instituições públicas ou privadas existentes no bairro Lagoa Azul e no Conjunto Nova Natal ou que possuam acervos fotográficos de fatos/eventos ocorridos no bairro e conjunto. O grupo fará uma pesquisa/inventário das diversas instituições que suas histórias se relacionam com a existência do próprio bairro e, então, selecionarão para cópias (digitais ou físicas) do acervo fotográfico a ser usado na atividade. Com relação ao número de fotografias a serem selecionadas em cada instituição, sugerimos o número de 10, mas fica a critério do planejamento com o professor e as facilidades de acesso aos acervos, como também, a quantidade qualitativa desse acervo.

2.6.2 Desenvolvimento da Atividade 5

Ação 1 – Num primeiro momento, sob a orientação do professor, cada grupo deve fazer um mapeamento das Instituições internas e externas à comunidade que possuam acervos fotográficos sobre o bairro Lagoa Azul ou sobre o Conjunto Nova Natal. Na atividade inicial, o professor deverá orientar os alunos a pesquisar (com amigos, familiares, professoras, moradores) sobre as instituições existentes no bairro e em outros lugares que tenham relações com o bairro Lagoa Azul e/ou com o Conjunto Nova Natal, identificando o tipo de ação que elas desenvolvem e o potencial para possuir um acervo fotográfico. De posse dessas informações, o aluno deverá preencher o quadro a seguir:

Nº	Instituição	Atividade desenvolvida	Razão para a instituição deve ter acervo fotográfico
1			
2			
3			
4			
5			
6			

Ação 2 – A partir do quadro apresentado por cada aluno, o professor coordenará a criação de um quadro único com todas as instituições coletadas. Cada aluno deverá indicar as suas respostas para o quadro coletivo.

Nº	Instituição	Atividade desenvolvida	Razão para a instituição deve ter acervo fotográfico
1			
2			
3			
4			
5			
6			

Ação 3 – As instituições serão divididas por grupos de cinco alunos. Cada grupo visitará as instituições sob a sua responsabilidade e apresentar uma listagem das fotografias existentes naqueles locais e informará sobre a possibilidade de conseguir cópias digitalizadas de todas as imagens. Para a visita, o grupo deverá preencher os dois quadros abaixo:

Nome da instituição:

Total de fotografias:

Há disponibilidade para as fotografias serem digitalizadas para o grupo:

Instituição:

Nº	Título da fotografia	Evento	Data da fotografia

Ação 4 – Cada grupo deverá selecionar 10 fotografias de cada instituição e elaborar um roteiro sobre as fotografias selecionadas, agrupando-as em temas relacionados às finalidades das instituições.

Tema	Número da fotografia	Título
Tema 1	1	
	2	
	3	
Tema 2	1	
	2	
	3	

Ação 5 – O grupo fará um relatório sobre a história do bairro a partir das fotografias encontradas nas instituições.

--

Ação 6 – O grupo organizará a exposição “O olhar institucional sobre o bairro” com as fotografias que fazem parte do acervo de instituições. A seguir, o grupo deverá planejar a exposição, apresentando as principais imagens e legendas da exposição.

--

Ação 7 – Após trabalhar com as fotografias dos “Álbuns de família” e dos acervos institucionais, a turma deve ser dividida em grupos de cinco alunos e criar um roteiro fotográfico representativo do bairro Lagoa Azul na contemporaneidade e do Conjunto Nova Natal hoje.

Roteiro do bairro Lagoa azul

Ordem	Identificação do local	O que será fotografado
1		
2		
3		
4		
5		
6		
7		
8		
9		

Roteiro do Conjunto Nova Natal

Ordem	Identificação do local	O que será fotografado
1		
2		
3		
4		
5		

6		
7		
8		
9		

Ação 8 – Realizar a exposição “Um olhar do presente sobre a comunidade”, com as fotografias da Ação 7. Depois da exposição, cada aluno deve inserir no quadro a seguir um texto escrito sobre as fotografias trabalhadas e os aprendizados obtidos sobre a vida no bairro Lagoa Azul e no Conjunto Nova Natal a partir desses documentos.

--

Ação 9 – Organizar um acervo das fotografias existentes nas instituições. O professor definirá junto com os alunos critérios de organização das imagens. No quadro abaixo deverá ser indicado a estrutura do catálogo.

--

Oficina 3 –

A oralidade: a história oral como fonte histórica.

2 Oficina 3 – A oralidade: a história oral como fonte histórica

3.1 Apresentação

A História Oral é uma excelente ferramenta tanto para obter informações que não podem ser obtidas por outros meios quanto para desenvolver a capacidade de compreender informações que as pessoas possuem sobre fatos. Trata-se de buscar o olhar dos sujeitos sobre os acontecimentos, e não a verdade inequívoca. Na escola básica, o trabalho com a História Oral é essencial para que os alunos compreendam a importância da experiência pessoal para a reconstrução das histórias de vida e de temas relacionados aos seus lugares de vivência.

Para a realização da História Oral, faz-se necessário adotar uma série de métodos que engloba a seleção dos entrevistados, o roteiro de questões, a transcrição da entrevista, a transformação do documento gravado em documento escrito, a cessão de direitos do depoente.

A terceira oficina – *A história oral como fonte histórica* – será realizada através de duas atividades.

A primeira atividade, “As vozes do bairro”, tem a finalidade de aproximar os alunos das lembranças de antigos habitantes do bairro e de pessoas que estudaram e trabalharam na Escola Estadual Myriam Coeli. A meta é selecionar entrevistados que tenham esse perfil e com eles realizar entrevistas sobre o passado do Conjunto Nova Natal e da Escola citada.

A segunda atividade, “As narrativas construídas”, objetiva transcrever as entrevistas, solicitar autorização de uso das entrevistas, analisar o conteúdo do material coletado e produzir um documento final, oriundo das entrevistas. Após essas etapas, pretende-se que os alunos, a partir do material coletado, produzam uma história do Bairro Lagoa Azul e do Conjunto Nova Natal.

3.2 Objetivos

- ❖ Entender como a História Oral pode ser transformada em documento histórico;
- ❖ Organizar um repositório de narrativas sobre o conjunto Nova Natal e sobre o bairro Lagoa Azul;

- ❖ Compreender a importância dos álbuns da oralidade como fonte para a história local.

3.3 Materiais a serem usados na oficina:

- ❖ Ficha de identificação do entrevistado;
- ❖ Ficha de autorização para cessão de direitos sobre o depoimento e uso de imagem;
- ❖ Texto 1: Um texto base sobre a história do lugar pesquisado: acessar o site www.natal.rn.gov.br/semurb - publicações - Memória Minha Comunidade: Lagoa Azul.
- ❖ Folhas de papel em branco para rascunho;
- ❖ Smartphone (para gravação de voz e captação de imagem);
- ❖ Câmera fotográfica.

3.4 Atividade 6: As vozes do bairro

3.4.1 Orientação para a atividade

O trabalho com a História Oral possibilita ao professor estimular o diálogo do aluno com outras pessoas que podem narrar vivências que tiveram no Bairro ou no Conjunto Habitacional. Com essa atividade, é possível aproximar o aluno das lembranças de antigos habitantes do bairro conhecer a história do lugar onde a escola está localizada e a partir dos depoimentos elaborar um texto sobre os relatos orais.

Nesta primeira atividade, os alunos irão discutir os temas que serão tratados nas entrevistas e selecionar aqueles que serão entrevistados. Após essa seleção, será montado um roteiro de entrevistas, discutidas as formas para gravação e acondicionamento de todas as conversas.

3.4.2 Desenvolvimento da atividade 6

Ação 1 – O professor discutirá com a turma os temas a serem trabalhados com a História Oral. A meta é que sejam trabalhados quatro temas e que a turma seja dividida em grupos de até quatro alunos. Caso a turma tenha mais alunos do que o que está previsto, um tema pode ser trabalhado por mais de um grupo. A Ação 1 constará da divisão dos grupos e dos temas.

Tema	Grupo
1 -	1 – Componentes:
2-	2 – Componentes:

3 -	3 – Componentes:
4 -	4 – Componentes:

Ação 2 – Com o tema escolhido, cada grupo irá discutir quem serão os entrevistados. Com base nessas informações, preencherão o quadro a seguir:

Tema	Entrevistado e perfil	Informações que o entrevistado pode trazer para o tema

Ação 3 – Elaborar um roteiro para a identificação do entrevistado, preenchendo a ficha a seguir:

Ficha de Identificação do entrevistado

Nome: _____
Idade: _____
Endereço: _____
Profissão: _____
Escolaridade: _____

Ação 4 – Elaborar um roteiro semiestruturado para guiar as entrevistas que serão realizadas.

--

Ação 5 – Realizar um agendamento das entrevistas.

Ação 6 – Após a realização das entrevistas, arquivar as gravações em um suporte (como HD ou *pen drive* seguro).

Ação 7 – Cada grupo apresentará um relatório sobre o trabalho realizado ao longo da atividade.

--

3.5 Atividade 7 – As narrativas construídas

3.5.1 Orientação para a atividade 7

O objetivo desta atividade é transformar o material gravado, conforme explicitado na atividade 6, em um documento escrito. Assim, a transcrição da entrevista deve ser realizada com todos os requisitos previstos na História Oral. Após a transcrição, o texto escrito será levado para o depoente ler e autorizar a utilização do depoimento. Obtida a autorização, o grupo de alunos fará as devidas correções e produzirá o documento final, escrito. O texto final de cada entrevista será arquivado na escola, assim como o depoimento oral gravado. A partir do documento final escrito, cada grupo escreverá um texto sobre o tema que estava sobre sua responsabilidade e a turma como um todo produzirá uma história do Nova Natal e do Lagoa Azul a partir dos trabalhos com os temas. Na atividade, será estimulada a habilidade de narrar dos alunos, bem como a capacidade de perceber as mudanças e permanências, as identidades e alteridades presentes na história do Bairro e do Conjunto Habitacional.

3.5.2 Desenvolvimento da atividade 7

Ação 1 – Cada grupo irá transcrever as entrevistas realizadas. Após a transcrição, deverá ser preenchido um quadro sintético do trabalho da seguinte maneira:

Entrevistado	Data da Entrevista	Tempo de duração

Ação 2 – Transcrita a entrevista, o material escrito será levado ao entrevistado para que ele faça as devidas correções e autorize a publicação. O documento de autorização é o seguinte:

Termo de autorização de uso de imagem e entrevista

Eu _____, portador da identidade nº _____, inscrito no CPF sob o nº _____, AUTORIZO o uso de minha imagem e entrevista para serem utilizados no trabalho escolar. Por esta ser a expressão de minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada seja reclamado.

Natal, _____ de _____ de _____.

Ação 3 – Cada grupo fará as correções dos textos, a partir das indicações dos entrevistados e produzirá o documento final de cada uma das entrevistas.

Ação 4 – A partir das entrevistas realizadas por cada grupo, foi constituído um acervo documental para um determinado tempo. Tomando por base esse acervo, o grupo deverá produzir uma narrativa sobre a história do bairro.

Ação 5 – A partir das histórias do bairro, subdivididas em temas, a turma deverá criar uma história do Bairro e uma história do Conjunto Habitacional.

Ação 6 – Arquivamento de todas as entrevistas e documentos escritos trabalhados em todas as etapas. Esse material ficará disponível para ser utilizado por outras pessoas da comunidade ou de outros espaços.

**Oficina 4 –
A construção do patrimônio cultural do Nova Natal**

4 Oficina 4 – A construção do patrimônio cultural do Nova Natal.

4.1 – Apresentação

O uso do Patrimônio Cultural como fonte para o ensino de História Local tem sido escasso nos livros didáticos. Esta oficina surge como uma tentativa de mostrar ao professor como o patrimônio cultural pode ser um importante meio para o aprendizado de conteúdos históricos, além de formar valores importantes nos estudantes.

No seu cotidiano, o aluno caminha no Bairro, no Conjunto Habitacional, na região próxima à escola, naturalizando os nomes das ruas, sem observar as reformas nos imóveis, os tipos de construções existentes, os espaços do lazer e de cultura popular, os espaços de celebração, enfim, sem apresentar um olhar atento sobre a riqueza material e imaterial existente nesses espaços.

A proposta desta oficina é estimular no aluno um olhar histórico sobre o patrimônio cultural que está próxima do seu cotidiano, mas não é analisado historicamente. A partir desse novo olhar, o aluno poderá compreender a importância da memória e construir relações de identidade com o seu lugar de vivência.

A oficina se desenvolverá a partir de duas atividades. A primeira delas, “Um olhar sobre o patrimônio cultural de Natal”, terá por meta estudar parte dos bens tombados no município de Natal a partir da legislação que define quais são esses bens. A segunda atividade, intitulada “O patrimônio cultural no Nova Natal”, identificará bens materiais e imateriais do Conjunto Habitacional Nova Natal, tentando identificar aqueles que se enquadrariam nos critérios de um bem passível de ser tombado.

Pelas características da atividade, fica evidente que serão realizadas atividades teóricas em sala de aula e aulas de campo, tanto no centro histórico de Natal (local que abriga a maioria dos bens tombados na cidade) quanto no Conjunto Nova Natal. Ao final, o resultado esperado é a capacidade do aluno de reconhecer que a constituição de um patrimônio cultural está relacionada ao sentimento de pertencimento de uma comunidade a um determinado bem material ou imaterial.

4.2 – Objetivos

- ❖ Conhecer a legislação referente à proteção do patrimônio cultural;
- ❖ Elaborar roteiro sobre o patrimônio cultural do bairro;
- ❖ Desenvolver ações de educação patrimonial na comunidade.

4.3 – Materiais a serem usados na oficina:

- ❖ Decreto-Lei nº 25 de 30 de novembro de 1937 da Presidência da República (Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional);
- ❖ Lei Estadual nº 4.775 de 3 de outubro de 1978 \9 (Dispõe sobre a proteção do patrimônio histórico e artístico do estado e dá outras providências);
- ❖ Lei Municipal nº 5.191 de 16 de maio de 2000 (Dispõe sobre a preservação do patrimônio histórico, cultural e natural do município de Natal);
- ❖ Folhas de papel em branco;
- ❖ Cartolina color set (preta);
- ❖ Fita adesiva;
- ❖ Máquina fotográfica;
- ❖ Smartphone.

4.4 – Atividade 8: Um olhar sobre o patrimônio cultural de Natal

4.4.1 – Orientação para a atividade 8

As políticas públicas de preservação do patrimônio cultural são desenvolvidas por órgãos públicos nas três esferas: federal, estadual e municipal. Existe todo um arcabouço jurídico que normatiza o processo de registro de um bem como patrimônio cultural. Legislações municipais, estaduais e nacionais regulamentam os requisitos para que um patrimônio cultural seja tombado. A Atividade 8 tem a finalidade de introduzir o aluno no universo da temática do Patrimônio Cultural.

4.4.2 Desenvolvimento da atividade 8

Ação 1 – Analisar a legislação Federal, Estadual e Municipal sobre o patrimônio cultural: Decreto Lei nº 25 de 30 de novembro de 1937 (federal); Lei nº 4.775 de 3 de outubro de 1978 (estadual); Lei nº 5.191 de 16 de maio de 2000 (municipal). A partir da análise desses documentos, indicar, no quadro abaixo, os pontos comuns e específicos das legislações indicadas no que se refere ao patrimônio cultural.

Aspecto encontrado na legislação	Lei Federal	Lei Estadual	Lei Municipal.

Ação 2 – O professor deve orientar os alunos a pesquisar sobre os bens tombados no município de Natal. Após a pesquisa, deverá ser preenchido o seguinte quadro:

Bem tombado	Data de tombamento

Ação 3 – O professor levará os alunos a uma visita de estudos sobre os bens tombados no município de Natal. A partir da visita, os alunos preencherão o seguinte quadro:

Bem tombado	Descrição do bem e de sua utilização histórica pela comunidade.

Ação 4 – A sala será dividida em grupos de cinco pessoas. O número de bens patrimoniais do município será dividido de acordo com o número de grupos. Cada grupo deverá fotografar os patrimônios que ficaram sob sua responsabilidade e construir uma história sobre eles, bem como observar o cumprimento da legislação. O bem deve ser apresentado da seguinte forma:

Fotografia do bem	Descrição do significado do bem para a população
	Análise do atual estado de conservação do bem, considerando o que está previsto na legislação.
Fotografia do bem	Descrição do significado do bem para a população
	Análise do atual estado de conservação do bem, considerando o que está previsto na legislação.

Fotografia do bem	Descrição do significado do bem para a população
	Análise do atual estado de conservação do bem, considerando o que está previsto na legislação.

Ação 5 – Os grupos apresentarão os resultados dos seus trabalhos para toda a turma.

4.5 Atividade 9: O patrimônio cultural no Nova Natal

4.5.1 Orientação para a atividade 9

Em geral, nas cidades, existem monumentos que aparecem com a função de fazer a população lembrar da existência de fatos ou de personagens. Esses monumentos estão apresentados na forma de esculturas, de placas, de construções etc. Um excelente exercício para as aulas de história é perceber que esses monumentos vão mudando a sua função de acordo com o tempo. Outro exercício importante é fazer com que os alunos percebam que determinados lugares, apesar de não possuírem o status de monumento, apresentam uma marca característica para a comunidade. O objetivo da atividade, portanto, é identificar bens materiais e imateriais presentes no Nova Natal e demonstrar o potencial que eles apresentam para se tornar bens tombados.

4.5.2 Desenvolvimento da atividade

Ação 1 – A sala deverá ser dividida em grupo de cinco alunos, que deverão identificar bens materiais e imateriais existentes no Nova Natal. Os grupos podem identificar nomes de ruas. O grupo tem de fazer um levantamento sobre os possíveis bens materiais ou imateriais passíveis de serem considerados patrimônio cultural do Conjunto. Os grupos poderão identificar nomes de ruas, representações da cultura popular, lugares com significados para a população. A partir da ação, os grupos deverão preencher o seguinte quadro:

Nome do lugar	Justificativa para ele ser um bem cultural.

--	--

Ação 2 – A partir da identificação dos lugares que podem ser considerados bens culturais, cada grupo organizará um roteiro de visitação ao Conjunto Nova Natal, demonstrando os principais lugares de identidade desse bairro e explicando como esses lugares estão relacionados com a História.

Roteiro elaborado pelo grupo

Ação 3 – Organizar uma exposição apresentando o trabalho feito por cada um dos grupos. No quadro a seguir, deve ser apresentada como cada grupo contribuirá com a exposição.